



ENCONTRE-ME

ROMILY BERNARD

GOBOLIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Encontre-me

ROMILY BERNARD

Tradução

Bruno Gambarotto

GOBOLIVROS

Copyright © 2013 Romily Bernard
Copyright da tradução © 2014 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a Rights People, Londres.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos copyrights.

Título original: *Find me*

Editor responsável **Camila Saraiva**
Editor assistente **Lucas de Sena Lima**
Editor digital **Erick Santos Cardoso**
Supervisão editorial **Eugenia Ribas-Vieira**
Editora de arte **Adriana Bertolla Silveira**
Diagramação **Gisele Baptista de Oliveira**
Tradução **Bruno Gambarotto**
Preparação **Silvia Massimini Felix**
Revisão **Isabel Jorge Cury e Luciana Figueiredo**
Projeto gráfico original do miolo **Laboratório Secreto**
Capa **Marcelo Martinez | Laboratório Secreto**
Foto da capa **Thinkstock**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Bernard, Romily
B478e Encontre-me / Romily Bernard; tradução Bruno
Gambarotto. - 1. ed. - São Paulo: Globo, 2014.
il./

Tradução de: Find me
ISBN 978-85-250-5648-1

1. Ficção americana. I. Gambarotto, Bruno. II. Título.

13-01102 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

1ª edição, 2014

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.
Av. Jaguaré, 1.485 — 05346-902 — São Paulo — Brasil
www.globolivros.com.br

Você encontra este e demais e-books na Livrarialivros.com

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[1.](#)

[2.](#)

[3.](#)

[4.](#)

[5.](#)

[6.](#)

[7.](#)

[8.](#)

[9.](#)

[10.](#)

[11.](#)

[12.](#)

[13.](#)

[14.](#)

[15.](#)

[16.](#)

[17.](#)

[18.](#)

[19.](#)

[20.](#)

[21.](#)

[22.](#)

[23.](#)

[24.](#)

[25.](#)

[26.](#)

[27.](#)

28.

29.

30.

31.

32.

33.

34.

35.

36.

37.

38.

39.

40.

41.

42.

43.

44.

45.

46.

47.

48.

49.

50.

O que aconteceu depois

Para Tony, que acredite

1.

Estou prestes a derrubar o firewall do computador remoto, e o detetive Carson acaba de estacionar do outro lado da rua. Não é meu momento preferido para ser interrompida — na verdade, quando estou hackeando, *nunca* quero ser interrompida —, mas, porque ele me tira o chão, porque perto dele meu coração ressoa nos meus ouvidos como um contrabaixo, porque se trata do detetive Carson e ele está de volta e estou apavorada, espero um pouquinho. Fico sentada no escuro, vejo o carro de polícia não identificado passar devagar e digo a mim mesma que tudo vai ficar bem.

Afinal, estou preparada. Conectei-me às câmeras de segurança dos meus pais adotivos para ter acesso às imagens da frente de casa a partir do meu computador. Vejo tudo — o sedã que chega totalmente apagado, a rua na escuridão, a casa dos vizinhos que dormem — sem sair de minha mesa. Cinco minutos se passam e nada acontece. Nenhum movimento. Nada. Mas, por mais desinteressante que seja, minhas mãos ainda estão suando.

É estúpido ficar com medo. Ele não pode mais me pegar. Não agora que tenho essa vida nova e dourada. Meus pais adotivos parecem saídos de um conto de fadas. Minha irmã e eu vivemos com eles na parte rica da cidade. Não sou mais a mesma menina que Carson encaminhou ao serviço social.

Pelo menos é isso que digo e repito para mim mesma.

Além do mais, são muitas as razões que o trariam até aqui. Pode não ter nada a ver comigo. Talvez porque essa é a área que tem de vigiar. Ou porque mora por perto.

Ou porque ele está te observando. Sufoco essas palavras em minha mente, mas nem por isso me sinto menos incomodada.

Ele não sabe. Ele não sabe. Ele não sabe. Volto meus olhos às linhas de código que descem pelo monitor, mas não consigo me concentrar. Acabo tendo de

repetir os comandos.

Carson diz a todos que Lily e eu somos a ligação que falta para rastrear nosso pai traficante. Ele pode estar certo — e é isso que realmente me dá medo. Porque se meu pai voltar e topiar com um policial do lado de fora de casa, vai pensar que entrei para a Narcóticos. E isso vai estragar tudo.

Na verdade, tudo o que restou.

É tão pouco que quase me faz rir. Então escuto a porta do carro bater e sinto meu coração na boca.

Ele nunca ficou do lado de fora antes. Regulo o monitor para ver melhor. Não resta dúvida de que é Carson. Reconheço seu corpo magro e alto, seu jeito desengonçado, o modo como seus ombros se encolhem dentro da jaqueta da Members Only. Ele desliga o motor do sedã, mas beleza. Beleza mesmo. Ele só está parado no meio-fio.

Tudo bem.

Até que ele começa a se aproximar da casa.

Eu quase caio da cadeira. As rodinhas correm para trás, meus pés descalços batem com violência no chão. Agora estou de pé. Pronta.

Mas não sei para quê. Se eu descer as escadas, vou ter de usar as janelas para observá-lo, e ele pode perceber a minha movimentação.

Mas ficar aqui também não é bom. As câmeras de segurança vigiam apenas a frente. A parte de trás e as laterais não têm câmeras, o que significa dizer que estou cega. Tenho de esperar por seus movimentos, por suas decisões.

Isso não vai acontecer.

Pego meu bastão de beisebol — o que mantenho perto da cama, o que todo mundo acha que está lá só porque eu *adoro* esportes — e vou para a porta do quarto.

E não consigo mover os pés nem mais um centímetro.

É justamente assim que momentos desse tipo não deveriam ser. Minhas mãos não deveriam estar tremendo. Eu não deveria ser Wick Tate, a garota que sou. Eu deveria ser a irmã que Lily merece.

E serei. Mas esse meio metro de espaço que separa meu corpo da porta parece ser meio quilômetro. Estou com medo. Pessoas como eu devem ficar atrás de computadores. Esse é o nosso lugar.

Mesmo assim, abro a porta. No corredor, apenas silêncio e escuridão. As cortinas se movem como se tivessem acabado de ser tocadas, e no piso de baixo algo solta um rangido.

Travo, como se minha cabeça tivesse virado uma televisão fora do ar.

Adrenalina, penso, tentando pôr um pé à frente do outro. *Estou entrando em pânico, mas ainda dá para controlar.*

E vou controlar. Levo o taco ao ombro e me aproximo das escadas, e, quase chegando ao primeiro degrau, percebo que não estou sozinha. Vejo uma sombra passando pela parede e subindo lentamente. Numa fração de segundo, penso que vou desmaiar.

É Carson. Ele está aqui. Falhei com Lily. Eu...

A sombra se aproxima mais e mais, e o rosto de minha irmã finalmente emerge da escuridão.

— Wick?

— Meu Deus, Lily!

Lily dá um passo à frente e chega perto o suficiente para eu perceber como ela olha o bastão de beisebol.

— O que você está fazendo?

— Temos visita. — É estranho como minha voz parece firme e confiante enquanto por dentro tudo treme e se agita. Passo rispidamente por ela, dizendo que estou bem, e talvez esteja. Talvez só precisasse ver a última pessoa que deixei escapar.

Corro escada abaixo, uma mão deslizando pela parede.

— Fique onde está.

É claro que ela não obedece. Lily me segue tão de perto que seus pés tocam meus calcanhares.

— Que tipo de visita?

Mal consigo escutá-la, mas sei do que ela suspeita. Lily espera que não seja o que estou pensando, que deve haver uma boa explicação para tudo isso. É uma fantasia que não posso alimentar. Na verdade, é uma fantasia que nenhuma de nós pode alimentar.

Respondo como se revidasse:

— Lil, são cinco e meia da manhã. Por que *você* acha que Carson está aqui?

Ainda que trema ao falar, o queixo de Lily se ergue:

— Talvez ele esteja aqui porque sabe que você anda hackeando.

Ele não tinha como saber.

— Ele não sabe.

— Como você pode ter certeza?

— Porque tenho. — *Quase tenho.*

Abaixo de nós, um vulto atravessa a janela. Ele para por um instante perto da porta da frente, e vemos alguma coisa formar um arco no ar.

Era um braço. *Uma mão.* Carson verifica a trava da janela.

Lily me agarra e por um segundo parece ter menos que seus onze anos.

— Wick, temos que acordar Bren e Todd.

De jeito nenhum. Fora de cogitação. Nossos pais adotivos iam ter um chilique. Bren e Todd não têm ideia do que está acontecendo, e eu prefiro assim. Eles não precisam saber nada de meus hábitos digitais. Não precisam saber que há um policial de rosto macilento aparecendo toda noite. Eles já sabem o suficiente — mais que isso, eles me levarão à polícia, e Lily, à custódia do Estado.

Não vai rolar.

E, além disso, por que alguém acreditaria em mim? Todd iria querer um confronto com o detetive. Eu seria forçada a dar minha versão, e Carson encontraria alguma mentira para justificar tudo — a polícia sempre faz isso —, e então restaria apenas eu, com a imagem da delinquente juvenil mentirosa que todo mundo acha que sou.

— Wick! — Os dedos de Lily me apertam com força, e eu a sacudo. — Chama eles — ela sussurra, e há uma histeria frenética em sua voz, algo que eu

não escutava desde o dia em que a polícia veio buscar o papai.

— Volte lá pra cima.

— Chama eles. — Lily repete as palavras como uma prece, mas elas são, na verdade, um feitiço. Minha irmã quer invocar algum tipo de família mítica para nos proteger, os adultos poderosos que façam todos os pesadelos se acabarem. Não a culpo, de verdade. É difícil se sentir a salvo quando tudo que se tem sou eu.

— Você não precisa fazer mais isso, Wick.

Se eu não fizer, quem fará? Bren? Todd? Sei que Lily quer que eles consertem tudo, mas por que eles fariam isso?

Não é porque alguém deveria protegê-la que essa pessoa realmente a protege. Quase digo isso, mas engulo as palavras. Não é o tipo de coisa que eu gostaria que Lily soubesse.

Embora pense que ela já sabe.

Lily cutuca meu ombro:

— Ele não ousaria entrar aqui.

E meu cérebro concorda com ela, mas o resto de mim... o resto de mim pensa o contrário. Policiais não têm de ser cuidadosos com pessoas como nós. Somos o inimigo. Lily e eu podemos até ter uma nova vida confortável, mas talvez ele saiba o que ainda mora dentro de nós, e o que me faz erguer o bastão.

— Você sabe tão bem quanto eu que nem sempre eles são os mocinhos — retruco.

Pela janela, vemos Carson dar meia-volta à direita. Ele para por um instante, como se tivesse escutado algo, e então se encaminha com passos decididos para a frente da casa.

Onde ele está indo agora? Confusa, vou para mais perto da janela, meio que esperando que ele salte para dentro do meu campo de visão, ao estilo de um filme de terror.

Chego ainda mais perto e vejo um pedacinho de sua sombra assim que ele contorna a casa.

O que ele está fazendo? Não há nada ali, exceto... exceto a porta dos fundos! Giro sobre os calcanhares, meu peito está apertado. A porta está fechada?

Agarro a mão de Lily e a arrasto pelo corredor, desviando do tapete de ioga de Bren e da fileira de sapatos de Todd. Mal consigo enxergar, mas nos movemos rapidamente pelo escuro. Somos boas nisso. Temos prática.

Só não temos praticado o suficiente.

Carson passa pelas janelas amplas da varanda antes de chegarmos ao fim da sala. Ele já está nos degraus da parte de trás da casa, sob a luz amarela da sacada, quando meus pés alcançam o tapete da cozinha. Derrapo até que o movimento cesse, e Lily se choca com minha cintura. Não há som algum, exceto o de nossa respiração: muito alta e muito forte.

Do lado de fora, Carson pressiona o vidro da cozinha com uma mão enluvada, chegando perto para olhar para dentro, e, no escuro, eu prendo o fôlego.

Ele não conseguirá ver nada. Ele não sabe que estamos aqui. Meu cérebro repete isso, mas meu corpo se comprime ainda mais contra a parede.

A mão de Carson segura a maçaneta. A lingueta estala. Ele está testando a porta, e ela está trancada. Graças a Deus.

Relaxo de alívio, até que o escuto rir. Baixa e entrecortada, a risada soa como se emergisse de um lugar sombrio e profundo de dentro dele.

— Tem certeza de que ele só está procurando o papai? — Lily se encolhe.

— Tenho.

Não tenho.

Ela chora bem baixinho e abafado, produzindo sons quase animais, e temo que ele tenha escutado. Não é possível. *Sei que não é.* Mas quando Carson se inquieta, quando sua cabeça se projeta de tal modo que os olhos fundos perscrutam os recantos escuros, envolvo com um braço os ombros frágeis de minha irmã.

Eu a trago para mais perto até sentir nossos ossos se encontrarem através da pele. Permanecemos no escuro, e o assistimos sorrir.

2.

— **Wick, o certo é pensar** que os policiais são bons.

Claro que são, penso eu. E os pais estão lá quando precisamos deles, os professores se preocupam com você e algum dia seu príncipe encantado vai chegar. Mas Lily conhece todas essas mentiras, então não falo nada. À meia-luz, minha irmã está tremendo. Mais um pouco e ela se estilhaça.

— Ah, sim, geralmente são.

Mas esse não é. As palavras não ditas balançam entre nós, suspensas como luzes estroboscópicas.

Ficamos na cozinha de Bren até bem depois de Carson sair. Tudo ao nosso redor são sombras que se desfazem nas paredes. Em meu pânico, não havia percebido que já estava quase amanhecendo.

— Por que ele estava aqui, Wick?

— Já te disse. — Esfrego meus olhos até que as cores cintilem como que em pequenas explosões. — Ele quer o papai.

— Mas o papai não está aqui.

Sim, exatamente, mas e o que vem depois? Para mim, é hackear. Ele deve saber de minhas... atividades extracurriculares. Sinto um aperto no peito só de pensar. Não respondo a Lily. Poderia. Para uma ocasião como essa, já tenho até uma desculpa pronta.

Na verdade, tenho muitas.

Estas são meu top três da ilha deserta, aquelas do tipo “não-posso-viver-sem”: 1) Carson está aqui porque o papai fugiu, e ele pensa que estamos ajudando na fuga; 2) Carson está aqui porque o papai fugiu, e nós somos a última ligação do detetive com ele; 3) Carson está aqui porque procura qualquer pergunta sem resposta que possa solucionar mais tarde.

São todas desculpas bem amarradinhas, mas parece que não consigo escolher nenhuma delas porque existe uma pequena e insistente sensação me

roendo por dentro. É bem pequena, mas tem garras e dentes.

Lily está rígida, como se a mesma coisa que me rói a estivesse roendo também. E, quando ela se vira para me encarar, entendo que está. Há um tom acusatório em seus olhos.

— Ele deve saber. Você precisa parar de hackear.

— Ele não sabe, e eu não estou machucando ninguém. — Lily olha para mim, e revolvo os olhos com impaciência. Recuso-me a sentir culpa. O nó dolorido que cresce em minha garganta não é de arrependimento. O aperto no coração não é preocupação.

É raiva.

— Não estou atingindo ninguém que não mereça ser atingido — completo.

E estou certa de que é verdade. Melhor: *é* verdade. Faço investigações online. Especializei-me em enganar maridos. Sim, é hackear, mas não é hackear para quebrar servidores ou disseminar vírus.

E sim, claro, faço isso por um preço. Cobro para invadir a privacidade de qualquer sujeito, para vasculhar suas contas bancárias ou de e-mail. Mas Lily e eu precisamos de dinheiro, e essas mulheres — minhas clientes — precisam de respostas. Por meu intermédio, elas passam a conhecer de fato aqueles que amam. Por meu intermédio, nenhuma delas acabará como minha mãe. Cada uma das minhas clientes implora por ajuda e agradece quando termino. Já respondi “Obrigada” tantas vezes... o gosto da palavra é amargo.

Sou uma espécie de Robin Hood de cabelos vermelhos — uma heroína, apesar de Lily olhar para mim como se eu fosse um tipo de vilã, como se eu pudesse ajeitar meu bigode enquanto amarro lindas donzelas a trilhos de trem, como se eu pudesse desapontá-la.

— Nós temos Bren e Todd agora, Wick.

— É mesmo? — Estranhamente, analisar a situação me acalma. Olho para Lily e me sinto mais forte. — Por quanto tempo? O papai foi embora faz quase um ano, e as últimas três casas não nos receberam por mais de dois ou três meses. Temos que cuidar de nós mesmas.

— Mas e...? — Lily gesticula em direção à porta, incapaz de pronunciar o nome de Carson.

— Não se preocupe. Dou um jeito nisso. — Lily deve saber que falo bobagem, mas relaxa como se acreditasse em cada palavra. Você até poderia achar que fico feliz com isso.

Ela se atira sobre mim e nos abraçamos. Difícil.

— Lil, se eu conseguir dinheiro suficiente, não precisamos mais nos preocupar com quando eles vão nos mandar embora. Poderemos ir para qualquer lugar. Sei que você odeia o que faço, mas o dinheiro vai nos manter a salvo.

— *Se* nós precisarmos.

— *Quando* nós precisarmos.

No andar de cima, um chuveiro ligado interrompe o silêncio geral, e uma mulher começa a cantar sobre como as colinas verdejantes ficam mais alegres ao som da música.

Pelo amor de Deus, Bren. Levo uma das mãos ao rosto. Ninguém pode ser feliz daquele jeito sem medicação forte na jogada. Para os outros chega a ser insuportável.

Geralmente, Lily concorda comigo, mas ela já não está ao meu lado. Consigo ouvi-la correr pelo corredor do andar de cima em direção a seu quarto. Ela conhece o jogo. Quando Bren vem nos acordar, Lily precisa dar a impressão de que nada ocorreu. Eu *terei* de fazer parecer que nada aconteceu.

Mas, trêmula desse jeito, sei que não vou conseguir. Não estou a fim de alegria. Na verdade, não estou a fim de nada disso. Preciso de espaço. Então enfio os pés em meu All Star surrado — a única coisa que restou do meu armário que Bren não jogou no lixo — e saio em disparada pela porta da frente.

Seria uma saída fantástica também se não topasse com aquilo. Tropeço em alguma coisa. Eu me viro e vejo um pacote pequeno e marrom no degrau de cima da escada.

Está endereçado a mim.

Não estava lá na noite passada.

Mas Carson estava. A ideia faz brotar suor entre minhas omoplatas. Começo a me afastar, mas não adianta. Bren o encontrará e então teremos uma sessão de perguntas e serei obrigada a apresentar justificativas e não estou com paciência para isso.

O pacote é do tamanho de um romance em edição de bolso. Caberia dentro de minha bolsa, poderia deixar ali para jogar fora em outro lugar.

Porque eu realmente não deveria abri-lo.

Porque ele realmente está a fim de brincar comigo.

Mas, se eu não abrir, parecerei assustada. E pior, *saberei* que estou assustada.

Assustada o suficiente para voltar para dentro? Olho para a casa, penso nas explicações para Lily e Bren.

Tudo bem, deixa pra lá. Com dois dedos em forma de gancho, pego o pacote pelas dobras e abro. O resultado não é digno de muito entusiasmo. Carson me deixou um livro manchado de água.

Beleza, então. Esfrego o dedão na capa meio detonada, a irritação saltando por todo o meu corpo como se pernilongos me comessem viva. Carson estaria querendo fazer amizade? Nem a pau. Então qual é a dele? Não consigo descobrir, e em vez de me sentir aliviada, sinto-me uma idiota.

E preocupada.

E, embora saiba que estou sozinha, percorro a rua de cima a baixo com o olhar. Nada. Ninguém. Estou a salvo. Mas ainda quero correr.

Deve estar rolando alguma coisa que não consigo entender. Tem de haver um ponto que esteja me escapando. Noto uma mancha em forma de pera na lombada do livro.

Talvez uma mensagem. Abro o livro, e a surpresa supera por um breve instante minha confusão. Não é um livro. É um diário. *Bom, e daí?*

Não achava que as pessoas fizessem mais esse tipo de coisa. Nunca fui atraída pela ideia. Quero dizer, por que você iria querer divulgar seus segredos? Por que você iria querer escrever sobre tudo que a assusta?

É como fazer um mapa de suas fraquezas. Não é muito perspicaz. Mas, a despeito de tudo isso, por que alguém o enviaria a mim? Então passo à página seguinte, e meu estômago dança dentro de mim e vira de cabeça para baixo.

Sei de quem é o diário. A escrita é corrida, mas reconheço os contornos gordos das letras mesmo antes de ver o nome escrito no fim da página. Ela costumava escrever em todas as minhas pastas. Parecia que todas as minhas coisas eram dela. Nunca dei bola. Era como se eu fosse dela. Eu pertencia a ela.

Mas não falo com Tessa Waye desde o sexto ano, e tenho sérias dúvidas de que ela esteja tentando uma reaproximação. Isso não faz sentido. Não sei por que viro outra página, mas faço isso e lá está — um post-it amarelo colado sobre um dia qualquer de quarta-feira. Ele diz:

encontre-me.

3.

Ele dizia que, se eu contasse a qualquer um, ele me mataria. Acredito nele.

PÁGINA 49 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Encontre-me? Sinto o topo da cabeça formigar, um frio percorre minha espinha. Os pernilongos da irritação se transformaram em aranhas, e todas elas correm por meu corpo. *Que merda é essa?*

Viro o post-it como se pudesse achar no verso alguma explicação melhor, e é óbvio que não encontro nada. Há somente aquele *Encontre-me* em tinta preta e formas diagonais. A letra não bate com a de Tessa. As duas palavras estão como que talhadas no papel.

— Bom dia!

A voz faz meus pés tropeçarem pela calçada. É apenas mais um atleta matinal, e não importa quão feliz e confiante sua saudação soe, o sujeito parece em petição de miséria. Ele se arrasta pela rua, seus tênis percorrem pesadamente o asfalto.

— Bom dia! — A resposta é fraca, não vai funcionar. Minha voz soa ríspida e assustada, não vibrante e alegre. Uma entonação daquelas pode dar margem a um “Você está bem, garota?”.

Então produzo um sorriso de mil *watts*, mas acaba não sendo necessário. O sujeito já está subindo a colina.

Cravo os olhos em suas costas, odiando-o por ter me notado. Isso tem acontecido com bastante frequência ultimamente. Culpo Bren. Com as minhas velhas roupas e na minha velha vida, ninguém me notava. Agora estou no bairro rico da cidade, vestindo Abercrombie. Sou toda... acessível.

Dane-se tudo.

Acima de mim, o céu rosado está manchado de nuvens. Será mais um dia lindo. Muito sol. Provavelmente uma brisa. Além do diário, não há sinal do detetive Carson, e, melhor ainda, não há sinal do meu pai.

Isso deve fazer com que eu me sinta bem. Mas não. Aquele *Encontre-me* se prende a mim como os fios de uma teia de aranha. Não consigo me livrar dele. Faço o movimento para fechar o diário, mas uma nota suja de cinquenta dólares cai sobre o meu tênis.

Geralmente peço um pequeno adiantamento antes de começar um trabalho, mas é por meio de transferência on-line. Não recebo encomendas pessoais de nenhum trabalho, e em hipótese alguma encontro as pessoas na vida real. Meu lugar é o ciberespaço. Digamos que eu tenha minhas particularidades.

E também é preciso que eu permaneça em segredo.

Apenas três pessoas sabem de mim, e nenhuma delas faria contatos desse tipo. Isso significa...

Que *alguém mais* sabe.

Qualquer outro estudante poderia parecer estranho chegando à escola às sete da manhã, mas tenho ido às aulas de computação todo semestre desde meu primeiro ano do ensino médio, e com isso já não pareço mais estranha que o normal quando avanço pela porta lateral da quadra. A aula ainda vai demorar uma hora e meia para começar, então tenho bastante tempo e pouquíssimas testemunhas. Exatamente como eu gosto.

Paro no meu armário, trocando o livro de história pelas anotações de matemática, antes de seguir para o laboratório de computação. A sra. Lowe deixa a sala aberta no caso de seus alunos precisarem usar o equipamento para alguma tarefa. Ela deveria saber. Quer dizer, qualquer um pode entrar aqui e começar a usar os computadores para interesses pessoais.

Pessoas como eu, por exemplo.

Empurro a porta, imaginando a extensão do isolamento, mas logo percebo que não é o caso. Não estou sozinha. Sonolenta, perco Griff de vista. Ele aparece, e seus olhos meio que... piscam. Não sei descrevê-lo, mas sei que ele está surpreso.

Talvez seja meu cabelo. Sou naturalmente loira, daquele tipo de loiro claro das princesas de contos de fadas, bonecas Barbie e meu pai. Então comecei a tingi-lo. Com frequência. Mudei a cor para vermelho-escuro ontem à tarde. Escolhi este tom porque me faria parecer uma personagem de quadrinhos. Acho fantástico o vermelho num super-herói. Pelo visto, Griff não acha.

Não ligo — *não ligo* —, mas minhas orelhas ficam quentes. Esses dias desejei muito ser outra pessoa, embora eu mais ou menos seja. Minha nova vida me constrange, tipo uma roupa que nunca, mas nunca mesmo, vai servir. Odeio me sentir tão estúpida. Talvez minha mãe também se sentisse assim. Talvez tenha sido por isso que ela se jogou. Fico pensando se ela não teve uma boa ideia.

Não teve, claro — eu não seria capaz de deixar Lily como ela nos deixou —, mas a parte do cair fora eu entendi. Ela estava fugindo do meu pai. Era sua salvação, mas isso tornou nossa vida pior.

— Você está bem adiantada, hein? — O sorriso de Griff é como um chute no estômago. Ele se ajeita para me ver melhor, e eu tenho de aguentar firme a vontade de me encolher. Não sei por que ele presta atenção em mim. Fico nervosa.

— Sim, bastante. — Tento falar um pouco mais, mencionar algo sobre meu próximo projeto em inglês, sobre qualquer coisa que não me faça ficar aqui como uma total idiota com a boca aberta, mas não consigo. Esse é um problema que tenho com Griff. Ele tem os olhos verdes, verdes da cor de uma garrafa de vidro, do verde mais esquisito que conheço. Eles são bem cristalinos, mas fazem com que eu me sinta bem... turva.

Limpo a garganta.

— Na verdade, acordei na hora.

— Eu também. — Griff volta a se concentrar no seu bloquinho. Ele está desenhando de novo. Na verdade ele está sempre desenhando e eu tenho vontade de perguntar o quê, mas fico acanhada.

Você talvez ache que poderíamos ser amigos. Até eu entrar no sistema de adoção, vivi a duas ruas de distância dele, mas não somos parecidos. Griff circula bem pela escola. É engraçado, tem boas relações com todo mundo e tem se destacado por salvar do *bullying* os nerds. Se eu enfrentasse um dos pitbulls bombados de Matthew Bradford, seria reduzida a pó no ginásio. Griff não pensaria duas vezes. Parte de mim o admira muito por isso... parte de mim o inveja por ele conseguir.

Passo pelas cadeiras espalhadas pela sala em direção ao computador mais próximo do fundo. Lauren Cross, minha melhor amiga, diria que é meu favorito, mas provavelmente é o favorito dela também.

Aqui tenho um pouco mais de espaço para minhas coisas e posso me encostar na parede. Se alguém pergunta, digo que é porque gosto de dormir durante a aula. Mas, no duro, apenas gosto do lugar. É tão bom quanto ser invisível.

Tenho umas coisas da aula de biologia para fazer, mas não estou a fim de mexer com nenhuma delas. Carson não sai da minha cabeça.

Ele está atrás do nosso pai. Fique à vontade, meu chapa. Divirta-se. A menos que... ele saiba sobre mim. Será que cometi algum erro? Será que foi isso que levou Carson até mim?

Não acho que foi ele quem deixou o diário de Tessa — não acho sequer que ele o tenha percebido ali. O que não significa que o detetive não esteja observando tudo atentamente e, se ele quer me investigar, eu também preciso investigá-lo. O e-mail seria um bom começo. Não lembro se ele tem um BlackBerry, mas seria bem fácil invadi-lo se fosse o caso.

Na verdade, adoraria começar agora mesmo. A vontade é tanta que travo os dentes, mas não ousa tentar nada dentro da escola. O computador à disposição é atraente, mas não o bastante para enfrentar o spyware da administração. Mas estou muito tentada.

Muito.

Umas pesquisas no Google não machucam ninguém, e passo mais de meia hora rolando páginas de artigos on-line que mencionam Carson. Sua imagem está no site do departamento de polícia, e há uma nota homenageando-o por seu compromisso com a comunidade.

Compromisso com a comunidade? Esse é o nome agora? Carson sorri como um idiota, tenho certeza de que ele pensa ser muito charmoso, mas tudo que vejo é a caveira por trás do sorriso.

Fora da sala, o nível de barulho aumenta. As janelas se alinham na parte da frente do laboratório de computação, e consigo ver mais estudantes se arrastando pelo estacionamento. Suas vozes estão particularmente baixas, zunindo como vespas.

Bem, exceto alguém.

Jenna Maxwell está chorando.

Soluçando, na verdade.

Isso é inusitado por muitas razões — principalmente porque Jenna nunca parece triste. Ela tem o corpo de uma boneca Barbie e o temperamento de uma víbora. É a presidente da turma, lidera o Clube Beta e adora ver os nerds sendo lançados na lixeira.

Como um desses nerds, fico realmente interessada em qualquer coisa que possa fazer Jenna chorar. Parte de mim realmente espera que seu conversível tenha sido riscado, mas eu também aceitaria uma DST.

Jenna rapidamente desaparece em meio a um bando de garotas, e eu volto meus olhos para a tela do computador. Mas alguma coisa está rolando. É muito abraço ao mesmo tempo.

— Incrível — diz Griff, esticando os braços por trás da cabeça. — Não sabia que ela estava programada pra chorar.

— Sim, ela até parece um ser vivo. — As palavras saltam de minha boca antes de ser engolidas, quase posso vê-las sufocando e se contorcendo na mesa bem à minha frente.

Merda. Viro-me para Griff. Ele vai me olhar com o mesmo olhar desapontado de Bren e Todd. O mesmo que todos me dirigem.

Só que não.

Nossos olhos se encontram, e parte da sua boca se arma no que bem poderia ser um sorriso. Isso faz com que meu estômago fique pesado, e subitamente já não sei mais o que dizer. Quero desviar os olhos, mas não desvio.

Na verdade, acho que não consigo.

Griff tem um sorriso que encanta professores, mas nunca líderes de torcida. Passei o ano inteiro, tipo, mais ou menos querendo muito que ele me desse aquele sorriso. E ele deu, e agora não tenho ideia do que fazer.

Bom, pelo visto ainda não sei.

Griff volta a estudar o grupo de meninas.

— Sempre pensei que fossem amigas inimigas... *inamigas*, sabe? Acho que ela era bem próxima de Tessa.

Era? Levanto-me um pouco na cadeira, pressionando meus ombros no encosto.

— Como assim?

Griff demora tanto para responder que não sei se ele vai falar, mas finalmente ele diz:

— Você não sabe?

— O que eu não sei?

— Tessa se jogou de um prédio.

A sala se estreita e se estreita até ficar comprida e escorregadia. Olho fixamente para Griff, que parece constrangido, como se temesse que eu chorasse.

A maioria das pessoas fica assim quando conversa comigo sobre suicidas. Eles olham fixamente para mim, mas só conseguem pensar em minha mãe.

— Tessa pulou de um prédio? — Repito a frase com cuidado, porque as palavras na minha cabeça ressoam tão alto que podem saltar da minha boca: *Encontre-me. Encontre-me. Encontre-me.*

— Sim, ontem de manhã. — Griff passa sua mão manchada de tinta pelo rosto. Sua expressão continua dura. Ele balança a cabeça como se a notícia sobre Tessa estivesse entalada na sua garganta.

Concentro-me no teclado, mas tudo em que consigo pensar é no diário embrulhado na minha bolsa, pressionado entre as minhas pernas. Você não consegue ver a extremidade, mas as pontas são como lâminas cortantes.

— Deve ser algum engano.

— Não é o que Jenna diz. — Griff põe a mão no bolso, tira o celular. Depois de manusear rapidamente o teclado, ele me mostra a tela. É a página de Jenna Maxwell no Facebook. — Ela diz que Tessa cometeu suicídio.

4.

Ele diz que sou dele. Dele para sempre.

PÁGINA 18 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Suicídio.

A princípio, fico boquiaberta pois não consigo acreditar, e depois fico boquiaberta pois estou tentando respirar.

Suicídio? Sem chance.

— Não, você está errado. *Ela* está errada. Tem que haver algum engano.

— Wick, sinto muito. Eu não imaginei. Por favor. Sente-se.

Sentar? Não... Olho para baixo. Pisco. *Bom, olha isso. Eu estou de pé.*

Também estou fazendo cena. No laboratório de computação, os estudantes da sra. Lowe chegam aos poucos. Os olhares se voltam para nós.

Encontre-me.

Mas não posso. Tarde demais. Pobre Tessa.

— Wick? — Griff chega perto. Perto demais.

Maldição. Agora é que não consigo mesmo respirar. Preciso sair daqui. Preciso de foco. Por que Tessa cometeria suicídio? E por que alguém em sã consciência me deixaria seu diário?

— Wick! — Os longos dedos de Griff seguram minha cintura. O toque me queima até os ossos. — Você está bem?

O quê? Olho para ele e lamento. Reconheço a expressão no seu rosto. Griff pensa que, por conhecer a história da minha mãe, ele me conhece. Ele pensa que sabe que me entende.

Deste jeito não. Mas nem disso tenho certeza.

— O que está acontecendo aqui? — A sra. Lowe, os olhos vermelhos e enrugada, abre caminho às cotoveladas entre os estudantes que agora nos

observam. Ela me olha e então me agarra pela manga. — Srta. Tate, você está passando mal?

Não, mas vou passar se você não sair da frente. O hálito da mulher cheira a café. Ainda que eu adore cafeína, quase vomito.

— A culpa é minha. — Griff se posta entre nós, e por um momento tudo que vejo é como suas omoplatas saltam da camiseta polo surrada. — Contei a ela sobre Tessa.

As pálpebras da professora se fecham como se ela estivesse fazendo um pedido de aniversário.

— Pobre garota. Você descobriria cedo ou tarde. O diretor Matthews não queria que isso circulasse desse modo, mas a srta. Maxwell já informou metade da escola. Aqui. Sente-se. — Ela me leva à minha mesa e me segura com uma mão. — Você parece horrível.

Deus do céu, obrigada.

— Estou...

— Parece que você vai ter um ataque de pânico.

— Não, ela apenas... — a voz de Griff desaparece, o que é muito melhor para ele do que ele próprio imagina. Se tivesse concordado com a sra. Lowe, ele teria recebido um adeus com um chute na cara.

— É um ataque de pânico, querida? — Nossa professora observa novamente o meu rosto, e pela primeira vez percebo como sua maquiagem está manchada de lágrimas. — Você precisa de um saquinho de papel?

Hein? Olho para ela e tento formular algum tipo de resposta. Sim, eu estava meio que respirando ansiosamente. Não, eu não estou tendo um ataque de...

Espere um minuto.

— Sim, senhora. — Esfrego meu peito e começo a arquejar como se estivesse mal. — Sim, é um ataque. Acho que estou um pouco enjoada.

A sra. Lowe assente como se o caso fosse absolutamente normal, mais um dia na vida de Wick Tate. Isso, tipo, me faz detestá-la.

— Você quer ir à enfermaria? — ela pergunta.

Lógico que quero. A enfermeira, a lua, o nono círculo do inferno, não dou a mínima para onde for desde que fique longe das mãos de Griff e dos olhares de qualquer um. Preciso de espaço, e a enfermaria basta.

Eu me levanto, com as palmas das mãos na mesa. A sra. Lowe dá um passo para trás, mas Griff se aproxima, e um calor me atravessa a nuca.

— Vou com você.

Até parece... Levanto meu cotovelo, talvez um pouco ríspida, mas sem perceber que até então ele o estava segurando. Ele *está* me segurando.

— Estou bem.

— Parece que você vai desmaiar.

— Estou bem — repito, surpresa com a minha dissimulação. Meus dentes travam. — Só preciso ver a enfermeira. Ela vai saber o que fazer.

Não espero até que concordem. Abro caminho por entre os dois, embora Griff pareça se postar à minha frente como quem não quer que eu vá, e a sra. Lowe berre exigindo uma permissão para deixar a sala. Boto a mochila no ombro e vou para a porta.

No corredor, todos reunidos em grupos, choram e se abraçam.

Ninguém nota minha passagem. Eu não poderia ficar mais contente.

A sala da enfermeira Smith fica perto da frente da escola, uma parte do campus que eu cuidadosamente evito por causa de sua proximidade com o escritório do diretor. E com a secretaria e o conselho de classe.

É bem provável que você tenha sacado o principal. Não sou grande fã de figuras de autoridade, nem elas gostam muito de mim. Mas, embora não tenha muito contato com essa parte da escola, é fácil encontrar a porta de vidro da sala da enfermeira Smith, apinhada de gente.

Meu Deus do céu, eles trouxeram reforço.

Orientadores, tão empertigados que eles parecem. Quase dou meia-volta, mas a enfermeira Smith me vê antes.

— Wicket?

Maravilha. Nunca nos encontramos, mas a enfermeira me conhece de vista. Minha ótima reputação apareceu por aqui antes.

A enfermeira Smith põe a mão em minha testa.

— Você parece pálida, Wicket. Você está se sentindo enjoada?

Não... bem... talvez. Não decidi ainda. A dor de cabeça começa a surgir por trás de meu olho esquerdo.

— Enjoada — respondo.

Uma das orientadoras se aproxima. Ela veste uma camisa masculina e parece o tipo de gente que compra comida de gato por quilo.

— O diretor disse que nós poderíamos começar a trabalhar com os alunos. Ela precisa de um de nós?

— Não. — Eu respondi, um pouco alto para quem deveria estar sentindo náuseas, mas tudo bem.

A enfermeira Smith dispensa a mulher e me conduz a uma cadeira perto de sua mesa.

— Sente-se aqui. Vou pegar um lenço umedecido.

Claro, ótimo, sim. Esfrego as têmporas enquanto os cinco orientadores me olham com interesse. Eles parecem prontos e preparados para salvar o mundo, um estudante histérico por vez.

— Wicket — a enfermeira Smith chama —, respire pelo nariz e solte pela boca. Não pense na náusea. Encontre seu centro.

Ótimo. Deem à mulher uns óculos e um notebook e ela pode se tornar a dra. Norcut, a psiquiatra a que Bren me mandou. Inalo ar pelo nariz, conto até cinco (já me entediou no três) e solto tudo pela boca.

— Agora. — A enfermeira se senta a uma cadeira perto de mim, oferece um lenço. — Conte o que aconteceu.

Passo um minuto limpando e limpando meu rosto, pois se ela quer que eu responda... bom, não sei o que dizer. Por onde começo? Onze anos atrás, quando meu pai começou a preparar metanfetamina em nossa garagem? Quatro anos atrás, quando eles encontraram minha mãe no pátio de um

prédio? Ou devo partir de hoje mesmo pela manhã, quando alguém descobriu o que faço no computador e me deixou o diário de Tessa?

Balanço a cabeça como se não tivesse ideia, mas por trás de meus olhos uma frase brilha, *Encontre-me*.

A enfermeira Smith se aproxima. Ela dá uns tapinhas em minhas mãos, mas seus dedos acabam batendo e voltando nos nós de meus punhos fechados.

— Você conhecia Tessa?

Digo que sim, mas parece que estou mentindo. Não deveria doer como dói. Embora fôssemos do mesmo ano, Tessa e eu não conversávamos fazia um tempo. Ela é... *era* popular. Eu não. Ela era de família importante, eu não. Parece uma divisão estúpida que qualquer atividade extracurricular poderia resolver, mas não é assim. Mesmo se seu pai não tivesse decidido que meu pai era perigoso, e eu, lixo, nós não seríamos amigas. Ela teria me deixado.

Mais uma razão para o ridículo de sentir sua falta.

— Wick — continua a enfermeira Smith —, a polícia já se refere ao caso com a certeza do suicídio, e nós estávamos tentando contar aos alunos com a ajuda dos orientadores, mas... — ela espalma ambas as mãos num gesto de desalento. — Saiu do nosso controle. Fico triste de vê-la nervosa. Você conhecia bem Tessa? Notou alguma diferença nela?

— Nada de diferente — tento contornar. Na verdade, Tessa e eu estávamos exatamente como fomos ao longo dos últimos cinco anos.

— Ela lhe contou alguma coisa sobre como estava se sentindo?

— Não... nada. — Mas ela costumava. Nós costumávamos contar tudo uma para a outra; mas, mesmo antes da morte de Tessa, eu era a única que se lembrava disso.

A enfermeira Smith fica quieta, e por um longo instante nós apenas assistimos aos conselheiros preparando cartões de visita e folhetos de como lidar com a dor.

— Você está bem sentida, não é, querida?

Não tenho ideia do que dizer, mas lanço um olhar discreto a ela. Ela toma por uma resposta positiva. Seus olhos ficam melancólicos.

— Quanta coisa acontecendo, não é?

Você não tem ideia. Tenho um nó na minha garganta. A enfermeira Smith não tem ideia, e esse é o ponto. Isso significa que estou fazendo bem em guardar meu segredo informático. Ninguém sabe.

Certo?

— Talvez você precise de uns dias de descanso.

Maravilha, hein? Continuo mirando o chão. É basicamente tudo em que consigo me concentrar, mas, pelo que posso observar, a enfermeira Smith está chegando a uma ótima solução com esse lance de uns dias de folga.

Mesmo se não olhasse para ela, eu conseguiria sentir sua preocupação: no modo como ela toca meus ombros, no tom suave da sua voz. Ela sente muito por mim, e não quero nada disso, mas então, de repente, vejo na pena um modo de escapar.

— Claro que tudo isso a incomoda. É absolutamente compreensível desde que... bem, você sabe... sua mãe e tudo o mais.

Mais uma pausa. Ela quer que eu chore, mas não vou chorar. Concentro-me no ponto em que seus tênis brancos encontram o chão e penso que talvez não tenha de chorar. De uma vez por todas, não há razão para mentir.

Meu pai me ensinou esse truque. As pessoas odeiam o silêncio. Elas sempre, quase sempre, o preencherão. Se você se lembrar disso, a necessidade delas pode se tornar sua vantagem. Essa é uma alternativa com a qual se pode trabalhar.

Pois muito bem, não direi nada, e a enfermeira preencherá o silêncio com alguma coisa. Apenas espero que seja algo que eu deseje.

A mão da enfermeira Smith se aproxima... e então para em minhas costas.

— Você gostaria de ir para casa?

Bingo.

5.

É um truque que aprendi ao longo dos anos. Fico perfeita por fora, e assim ninguém sabe que apodreço por dentro.

PÁGINA 22 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Evidentemente, o lado ruim de todo mundo achar que você está na pior é que ninguém quer deixar você em paz. Não consigo simplesmente caminhar da escola para casa, apesar de ter vindo de casa para a escola. A enfermeira Smith diz que vai buscar Todd.

— Buscar Todd?

— Sim, ele chegou com os demais orientadores. — Ela me arranja um copo descartável com água de torneira. — Vou informá-lo de que você precisa ir embora. Ele está com o diretor, tentando nos ajudar a decidir sobre como lidar com tudo, mas tenho certeza de que ele vai levá-la embora imediatamente.

A enfermeira Smith desaparece, e me deixa bebericando a água como uma boa garotinha. Ainda não consigo acreditar que Tessa se foi. Apesar de não conversarmos mais faz tempo, apesar de seus pais terem deixado claro que não poderíamos mais ser amigas, saber que ela estava mal a ponto de cometer suicídio machuca muito.

Tessa tinha tudo: amigos, família, segurança. Sua vida era encantada... bem... parecia encantada. Sei que seu pai era terrível, mas era terrível a ponto de levá-la a se matar?

Não tenho muito tempo para ficar divagando. Todd aparece em menos de cinco minutos, e a enfermeira Smith está bem atrás dele, derretida como massinha no micro-ondas.

— Realmente estamos agradecidos por tudo que você tem feito, sr. Callaway — dispara a enfermeira Smith, cheia de entusiasmo. — Conseguir todos esses orientadores para nos ajudar a preparar este grande esforço...

Todd aceita os agradecimentos.

— Por favor, trate-me apenas por Todd. Fico feliz por ajudar. Conheço algumas dessas crianças da igreja. É importante para mim ser capaz de ajudá-las nessa tragédia.

— Isso é maravilhoso. Minha Krista estava em seu grupo de jovens no último outono, e ela só falava coisas boas a seu respeito.

Todd agradece, mas como se não estivesse lá. Seus olhos estão fixos em mim.

— Sinto muito por tudo isso, Wick. Quando o diretor me ligou para contar sobre Tessa nesta manhã, fui procurá-la em casa, mas Lily disse que você já tinha saído. O que posso fazer para ajudá-la?

Não tenho ideia do que dizer, então encolho os ombros.

— Tudo bem, vamos embora.

A enfermeira Smith põe a papelada sobre a mesa e lhe mostra onde assinar.

— É tão bom lidar com um pai que entende as necessidades de um filho.

— A vantagem de ter sua própria empresa — sorri Todd, um pouco envergonhado. — Quando se é casado com a chefe, ninguém fica incomodado se você sair para buscar sua garotinha.

Sua garotinha? Isso acaba comigo, ainda que por dentro, de algum modo, me chame à vida. Não quero saber do sentimento feliz, do carinho. É uma questão de tempo até que Bren e Todd decidam que não combino com sua vida perfeita e decorada. É meio difícil contar a seus vizinhos como sua filha adotiva vai indo bem quando ela tem ataques na escola.

A documentação para a dispensa leva os dez minutos mais longos da minha vida e, assim que termina, levanto-me tão rápido que a sala se vira para ver. Minhas piores enxaquecas sempre começam assim. Meus limites ficam muito expostos.

Neste caso, estou satisfeita. Sinto que pareço ainda mais enjoada quando Todd abre a porta do passageiro de sua Range Rover preta. Não estou a fim de explicações, e *realmente* não estou no pique de fazer uma visitinha ao psiquiatra que eles me arrumaram. Todd e Bren nutrem uma crença enorme no poder dos orientadores e dos livros de autoajuda. Acho que eles pensam que a família que vai à terapia unida permanece unida.

A dra. Norcut foi ideia da Bren. A mulher é considerada tipo a campeã da indústria de lidar com crianças-problema, e sua agenda parece ter uma fila de espera de três meses, mas toda hora em que Lily ou eu temos um chique, Bren imediatamente entra em contato com a mulher, e conseguimos uma consulta para o mesmo dia. Talvez, por estar presumidamente enjoada, eu seja dispensada da sessão.

— Wicket?

Ou talvez não. Prendo a respiração. Todd sempre usa meu nome inteiro. Odeio isso. É Wick, pessoal. Como o pavio que você usa para atear fogo.

— Sim?

— Existe alguma coisa que eu possa fazer?

Encontre-me. Levo uma mão à boca. Não estou certa do que estou guardando, mas, graças a Deus, Todd não diz mais nada.

Na saída da escola viramos à esquerda, mas meu corpo ainda espera seguir à direita, ainda espera virar em direção à parte mais pobre da cidade. Não sei se vou ser algum dia capaz de superar a estranheza de viver onde meus antigos vizinhos vinham para trabalhar. A mulher que morava a duas portas de nós limpa a casa da melhor amiga de Bren. Os caras que viviam atrás da nossa casa fazem a manutenção do carro de Todd todo sábado. Nenhum deles fala mais comigo.

Não posso culpá-los.

Você pode até pensar que estou melhor. Com o dinheiro de Bren e Todd, pareço-me com meus colegas de classe, mas passei tempo suficiente do outro lado para ser capaz de sentir que pertenço ao mundo deles. Peachtree City é

uma comunidade planejada. Nada cresceu organicamente, pois tudo tem seu lugar apropriado... exceto nós.

Pessoas como Lily e eu não somos parte do plano, e agora tudo que quero fazer é abrir buracos nas coisas para que a hipocrisia brilhe através deles todos — como nossa vizinha que meteu os pés pelas mãos assim que o serviço social nos liberou. Reconheci o nome dela no blog do jornal da cidade. Ela queria nos enviar para um campo de jovens em risco... até que Bren e Todd apareceram. Agora, a mulher quer ser nossa amiga. Não sei como Todd e Bren aguentam. Talvez, no fundo, eles sejam iguais ao resto.

Dentro do carro, seguimos para casa em silêncio. A princípio, concluo que a ideia é boa, mas então começo a pensar loucamente sobre por que afinal de contas o diário de Tessa acabou comigo e quem poderia saber alguma coisa sobre as minhas atividades ao computador. Começo a desejar que Todd diga algo — qualquer coisa — que me faça esquecer momentaneamente o *Encontre-me*.

Mas não acho que ele possa responder a todas as minhas perguntas.

Em casa, Todd abre a porta lateral e permite que eu entre primeiro. A casa está abençoadamente quieta e cheira a limão. Bren deve tê-la limpado antes de sair para a cidade. Ou foi toda aquela cantoria que a animou ou foi o suicídio de Tessa que a deixou ansiosa.

— Obrigada por me trazer para casa.

— Claro. — Todd me dirige um olhar engraçado, como se não entendesse por que eu pensaria que ele não me traria. Deve ser legal ainda acreditar nas pessoas, pensar que elas realmente cuidam umas das outras. Aquela versão do mundo me parece tão estranha que poderia muito bem se passar pelo Mundo da Moranguinho. Então percebo que algumas pessoas realmente vivem aquela vida. Mas essas pessoas não são como eu.

Começo a sondá-lo.

— Você vai voltar para a escola? Eles não precisam de sua ajuda?

— Não, vou ficar por aqui. Você não pode ficar sozinha agora. Posso trabalhar daqui. O diretor Matthews quer algum retorno sobre como melhorar

o projeto do conselho. Hoje vou ver se reúno algumas anotações.

O sr. Matthews quer ajuda? Para dizer pouco, fico surpresa e então... entendo. Investiguei cada casal de pais adotivos que tivemos. A sra. Peterson tinha uma dívida de cartão de crédito monstruosa. Os Beard sonegavam impostos. Basicamente, todos tinham algum problema.

Exceto Bren e Todd.

Eles se casaram três anos depois de se conhecerem em um site de relacionamentos. Bren descreve tudo que lhes aconteceu como um romance rápido e avassalador, mas Todd diz que já sabia que ela era a mulher da sua vida. A ficha dos dois é limpíssima... exceto pela morte de um irmãozinho de Todd, quando eram apenas crianças.

Foi horrível. Destruiu sua família. Para os seus pais, tornou-se uma razão para morrer. Para Todd, tornou-se uma razão para viver. Ele diz que foi o que o levou a seu verdadeiro dom: orientar. Ele sobreviveu ao inferno e hoje ensina às pessoas como fazê-lo.

Meus pais adotivos são proprietários de uma bem-sucedida firma de consultoria, mas os momentos mais felizes de Todd são as noites de terça e quinta, quando dá orientação, e aos domingos, quando trabalha com seus grupos de jovens da igreja.

Em outras palavras, faz o mais absoluto sentido que o sr. Matthews queira sua ajuda. Ele é a prova viva de que coisas boas podem nascer das ruínas.

Dirijo-me para a escada.

— Ainda não estou me sentindo muito bem. Acho que vou me deitar.

— Não sabia que você e Tessa eram amigas.

Fico parada. São muitas as respostas que posso dar para esse comentário. A dificuldade é escolher qual. Viro-me lentamente para Todd.

— Éramos muito próximas.

No passado. Antes do seu pai decidir que eu era o tipo errado de amiga. Antes da Tessa seguir rumo à carreira de rainha do baile e eu rumo a... ser eu. Não nos falávamos havia cinco anos, mas agora eu me sentia ainda mais próxima dela. Tessa trazia consigo algo de muito sombrio, provavelmente a

mesma coisa que minha mãe carregava. Quem dera eu tivesse podido consertar aquilo tudo. Quem dera eu tivesse podido consertar aquilo tudo nas duas.

Mas já não é hora para isso. Olho para Todd e penso que, talvez, não devesse ter dito nada. Admiti-lo significaria provavelmente mais uma rodada de consolos, mais uma série de clichês estúpidos ou, Deus que me perdoe, um abraço, mas Todd não se move.

— Bom, Wicket, você sabe, caso queira... você pode sempre conversar comigo.

Meu Deus, acrescenta a isso música melosa de fundo e nós temos Um Momento. Os olhos de Todd são grandes como os de um desenho da Disney. É como se eu olhasse para o Bambi, e não tenho ideia do que dizer. Sabe, sempre tive a sensação de que Bren era a mais envolvida com esse lance da adoção. Ela é quem fala e fala sobre o quanto queria ter filhos e não podia tê-los, mas Todd está tão empenhado que estou começando a repensar essa ideia.

— Não, está tudo bem. — É verdade... até onde eu sei. Sou mais honesta do que gostaria, mas as palavras simplesmente saem de minha boca. Talvez seja por isso que Todd goste de ser orientador. Ele faz a verdade aflorar. É como ter um superpoder.

É uma pena que eu não acredite em heróis, super-heróis ou não.

Todd encosta uma das mãos no corrimão da escada, o sol reflete em sua aliança de casamento.

— Você tem certeza de que está tudo bem?

Sempre estou bem. Congelo um sorriso.

— Estou bem, Todd.

De verdade. Porque estou sempre bem, mesmo quando não estou.

No andar de cima, alguém pôs o bastão de beisebol sobre minha cama. Por um segundo penso que possa ter sido Bren, mas ela teria jogado o bastão no armário ou o teria enfiado na estante. Lily é a única que poderia tê-lo

deixado à mão, e não consigo imaginar que ela fez isso sem um curto e doloroso impulso.

Deixo minha bolsa no chão e desabo bem ao lado dela. Minha cabeça está realmente começando a doer. Se fosse esperta, superaria a dor e usaria o dia de folga da escola para terminar meu atual trabalho. Praticamente terminei a investigação das contas do sujeito; mais um pouquinho e estará pronto.

Mas prefiro ler trechos do diário de Tessa, e, para ser franca, é um pouco estranho para mim. Por um lado, invadir vidas privadas é o meu negócio. Por outro, faço isso por trabalho, e esse não é o caso. Não foi um acordo. Não quero.

Abro o diário mesmo assim.

A primeira entrada data de seis meses atrás. Nela, Tessa rabiscou seu nome pelas margens de cima a baixo. Passo os olhos pelos primeiros parágrafos no topo da página e tudo parece... estranho. Não que exista alguma coisa estranha sobre o que Tessa escreveu — é sobre como ela se sentia triste em casa —, é apenas desconfortável ler seus pensamentos íntimos.

Ela nunca quis que alguém soubesse sobre como ela colou no teste de história e se sentiu envergonhada de ter crescido demais para ser a saltadora das líderes de torcida. Tudo isso era particular.

Além do mais, ler essas coisas parece inútil. Páginas inteiras interrompidas pela metade, outras poucas escritas até o fim. Do que resta, pode-se dizer que Tessa estava irritada, mas não parecia alguém pronta a acabar com a própria vida. Folheio até quase o fim, e na parte de cima da página 54 leio duas frases curtas que me fazem desabar:

Acho que encontrei uma solução. Está três andares acima e ninguém fica vigiando a saída de incêndio.

Fecho o diário. Tessa havia saltado, e eu sabia... então por que estou prestes a chorar?

Porque minha mãe também saltou, e no instante em que começo a pensar *nela* não consigo tirá-la da cabeça. De repente, estou engasgando e chorando e literalmente me *acabo*. Tem sido assim nos últimos quatro anos e não passa. Talvez não seja o caso.

Guardo o diário na mochila. Não se trata de salvar ou encontrar Tessa. Trata-se de salvar a mim mesma. Não posso fazer isso. Preciso dar um tempo antes, recolher-me um pouco.

O que não funcionaria muito bem, porque, digamos, meu “negócio” não lida com publicidade. Trabalho no boca a boca. Uma mulher oferece minhas informações para outra mulher, e assim por diante. Parece não dar certo, mas dá. Tenho uma lista de espera, e agora todas terão de esperar um pouco mais.

Essa porcaria de diário pegou pesado demais. Mesmo se Tessa não tivesse se suicidado, eu teria de me reorganizar, dar um tempo. Precisamos do dinheiro, mas também precisamos que eu me mantenha longe da cadeia.

Encontre-me.

Saco! Preciso pensar em algo além disso... se bem que restam duas perguntas dessa história toda:

Como alguém sabe do meu trabalho como hacker?

Quem deixou o diário da Tessa aqui?

Nenhuma delas é legal. Enxugo as lágrimas do rosto, tento ignorar a dor atrás dos olhos. Dentro da mochila, meu celular vibra. Imediatamente penso em Lily e enfio a mão dentro do bolso interno. O diário aparece entre os meus dedos, mas me desvencilho dele e encontro meu telefone.

Recebo uma mensagem.

vc tá bem?

Sinto uma leve pirueta no peito. Não é Lily. É Griff. Por um segundo, fico confusa. Como ele conseguiu meu número? Aí lembro que ele o pediu no último semestre, quando trabalhamos num projeto juntos.

Ele quer saber como estou. Outro exemplo de bom-mocismo e outro motivo de eu continuar a evitá-lo. Não mereço, de verdade.

Passo os dedos sobre as teclas por um instante, tentando pensar numa resposta. *Se estou bem? Lógico que estou bem. Será que ele pensa que esta é a primeira vez que desabo?*

Largo o telefone, decidida a ignorá-lo, mas minha mão corre em direção ao cotovelo, onde ainda posso sentir seus dedos na minha pele.

Dou uma mexida no mouse do computador e a área de trabalho reaparece. Ao fundo, uma fotografia minha e de Lily. Meu pai tirou a foto duas semanas antes de a polícia tentar pegá-lo, e não vejo um sorriso de Lily como esse desde então.

E essa é mais uma razão para seguir em frente. Ignoro a mensagem, termino meu trabalho, deixo tudo isso para trás. Quanto mais rápido eu terminar, mais rápido recebo.

Entro na minha conta de e-mail, pensando que poderia enviar à minha cliente atual algumas novidades sobre o caso do seu namorado. Meu alvo está absolutamente limpo. Se todos os homens fossem como ele, eu não teria trabalho. De todo modo, é bacana enviar boas notícias de vez em quando.

Há três novas mensagens na caixa de entrada. A primeira vem de uma cliente cujas investigações encerrei na semana passada, confirmando a transferência bancária. Abro uma nova janela e confiro o número da transferência informado no e-mail. O dinheiro está lá, e tudo parece o.k. Ótimo.

Fico mais um tempo na página do banco transferindo o dinheiro para outra conta. Ainda estou meio que aprendendo esse lance de finanças. Nunca tive a oportunidade de lidar com isso até agora. Papai comandava tudo. A dra. Norcut diz que talvez essa seja a razão da mãe ter pulado. Ela pensou que nunca mais teria controle sobre sua vida novamente, e o suicídio lhe pareceu a única escolha que não o incluía.

Acho legal que a dra. Norcut tenha uma explicação para tudo. Desde aquele brevíssimo comentário, jogo café nas orquídeas do seu escritório. Vamos ver se ela explica por que todas elas morrem.

O segundo e-mail é da minha atual cliente. Agora ela quer investigar também o histórico de empregos do namorado. Se me cabe a opinião, não há nada a ser encontrado ali, mas a moça está completamente paranoica. Ela quer tudo, tudo, uma biópsia total do sujeito. E também quer agradecer.

Fecho o e-mail antes mesmo de terminar de lê-lo, mas as palavras “grata” e “sinto-me melhor” me chamam a atenção. Recebo mais agradecimentos do que qualquer um — incluindo eu mesma — pode acreditar, mas prefiro nunca lê-los. Porque, apesar de Lily e eu precisarmos do dinheiro, e apesar de essas mulheres necessitarem de respostas, ainda penso que só o tipo de gente mais vil e desprezível pode viver de hackear. Talvez eu mereça tudo que acontece em minha vida. Talvez seja uma recompensa cósmica por invadir a privacidade dos outros.

Envio à mulher uma atualização do processo, incluindo instruções para uma nova transferência com uma nova quantia de dinheiro. Então abro o terceiro e-mail. Não reconheço o endereço, não há assunto. São apenas duas palavrinhas, mas elas me fazem tremer:

você vem?

6.

Ele entende as coisas fazendo-as em pedaços.

PÁGINA 21 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

O que. É. Isso? Como essa pessoa *me encontrou*? Apenas três pessoas em todo o mundo sabem o que faço.

A primeira? Lily.

A segunda? Lauren.

A terceira? O melhor amigo e parceiro de meu pai, Joe.

É muita gente? Deve ser. Alguém deve ter contado. Alguém deve ter dado com a língua nos dentes. O pânico surge em mim como um *tsunami*, e sinto que vou me afogar.

Ou eu poderia me acalmar. O pensamento vem como um filme em cores e me faz sentar direito.

Certo. Acalmar-me. Vamos pensar no caso. Faça um plano como antes, como você fez com a enfermeira Smith. Eu podia tentar descobrir como fui desmascarada. Não esperei Carson subir as escadas, e não vou esperar por quem quer que seja.

Penso nos três que realmente sabem. Lily é um caso autoexplicativo. Ela jamais diria. É minha irmã e tem medo.

A segunda pessoa é Lauren. Minha melhor amiga. Sei que pode não significar coisa alguma. Que diabo, eu *sei* que não significa coisa alguma. Vi o suficiente para saber bem — mesmo as melhores amigas podem trair você. Mas Lauren pensa que parei, pensa que hackeava porque meu pai me obrigava, mas agora ele se foi e eu não preciso mais disso.

Resta Joe. Ele pode ser perigoso. É um *black hat*, um hacker que ataca pessoas comuns. Um batedor de carteiras digital, que me ensinou tudo que sei,

mas que não sabe que tenho trabalhado para manter mulheres a salvo. Ele pensa que trabalho apenas para ele... e para o meu pai.

Com exceção de Lily, ninguém sabe de fato a extensão disso tudo. Sabem apenas uma coisa ou outra, e é isso que me mantém livre de problemas.

Bom, eu *achava* que era isso que me mantinha livre de problemas... então o que fazer agora?

Consertar a situação.

Ou consertar alguém.

Agora me ocorre uma ideia maravilhosa. Ela passeia pela minha cabeça, e eu gosto de como ela se move. Giro a cadeira e enfio a mão por trás da cabeceira da cama, procurando a tachinha em que prendo meu pen drive especial. O que uso para armazenar as minhas informações pessoais e programas. Os super-heróis têm a Fortaleza da Solidão. Os hackers têm drives externos. Quem quer que esteja fazendo isso está me espionando. Posso devolver o favor. Será bem simples.

Puxo o pen drive de trás da cama e o conecto ao computador. O que preciso é de um vírus Cavalo de Troia.

Os Troia são minha especialidade. Produzo variações deles a partir de meu Código de Pandora, um dispositivo que criei para invadir discos rígidos. Abrigo os Troia em contas de Flickr, links de YouTube e, como agora, num simples e-mail. O plano é basicamente este: respondo ao e-mail e ligo o vírus a um link ou arquivo anexo. Poderia escrever algo sobre como desejo o trabalho e os instruo a seguir o link. É bem simples.

Pois quem resiste a um cliquezinho? Não muitos. É uma isca, que uma vez mordida me abre caminho para suas vidas digitais.

Poderia seguir através de seus arquivos digitais, vasculhar seu histórico de internet. Se tiver sorte, eles terão uma webcam, e eu poderei ligá-la e espioná-los. Estarei ali, e eles nem sequer notarão.

Passo a mão na boca para limpá-la e percebo que ainda estou tremendo. Estou exausta, e o tremor apenas torna tudo pior. Faz com que eu me sinta fraca. Vulnerável.

Se vou consertar as coisas, preciso estar cem por cento.

A lista de arquivos do meu pen drive salta na tela. Leva um minuto, mas rolo as pastas até que encontro o que quero e faço o upload. Há poucas coisas mais bonitas que um código digital escrito com perfeição. É outra linguagem. Meu Deus, é outro mundo — o mundo que crio. No mundo digital, tenho poder.

Para falar a verdade... nem tanto, no momento. Minha cabeça lateja, e minha visão periférica começa a embaçar. Estico uma das mãos por dentro da gaveta da mesa, procurando um frasco laranja de pílulas enfiado lá no fundo.

Colo o link com o vírus no e-mail, engulo a seco duas pílulas, envio e passo a me sentir imediatamente melhor. Quem quer que tenha me posto sob investigação, agora é minha vítima.

7.

É incrível como você pode mensurar a perda. Eu o queria tanto, mas depois de tê-lo... foi o silêncio que me disse o quanto ainda continuava sozinha.

PÁGINA 23 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— Wick?

Estou de bruços na cama, babando em mim mesma. Sinto os ossos moídos, mas minha cabeça já não dói.

— Wick!

Droga! Levanto feito um raio. Bren está à porta, parada como se alguma linha invisível não lhe permitisse entrar no quarto. Uma das mãos brinca com o colar de pérolas, rolando as contas entre os dedos.

— Lauren está aqui para vê-la. Ela trouxe as anotações de matemática.

Volto a fechar os olhos. *O quê? Matemática?* Coço o céu da boca com a língua, tentando me livrar do ranço que ficou. *Não faço matemática com a Lauren.*

— Você quer receber visitas? — Bren pergunta. — Bom, posso guardar as anotações até que você se sinta melhor.

Passo os dedos abertos pelo cabelo, tentando fazer meu cérebro voltar a funcionar.

— Não, não faça isso! — Desfaço-me das cobertas com os pés e percebo que fui para a cama de tênis. Há uma poeira clara sobre os lençóis azuis. — Desculpe, estou me sentindo um pouco tonta.

Bren solta as pérolas e as mãos se fecham em punhos. Por um momento, penso que ela virá até mim, encostará a mão em minha testa, sentirá meu pulso.

Lançará aquele olhar Ursinhos Carinhosos.

— Por que você está se sentindo tonta? Você está ficando enjoada de novo?

— Não, acabei de tomar aqueles comprimidos...

A respiração de Bren de repente fica barulhenta.

— *Drogas?*

Ai, meu Deus. É nisso que dá ver Dr. Phil demais. Bren está convencida de que, depois de ter sido criada ao lado do meu pai, estou a um passo de me tornar a Lindsay Lohan.

— Mais ou menos. Tomei dois daqueles comprimidos que a dra. Norcut me receitou. Você sabe, aqueles que ela queria que eu tomasse quando ficasse com dor de cabeça?

Um sorriso enorme toma conta do rosto de Bren. Ela parece... orgulhosa?

— Eles ajudaram?

— Hum, bem, eu dormi... então, acho que sim.

— Que bom, que bom. — Bren acena enfaticamente com a cabeça. — Você precisa dormir. A dra. Norcut diz que sua insônia e as dores de cabeça estão ligadas a seu nível de estresse.

— Sim, sim.

— Vou pedir a Lauren que volte outra hora. Você precisa descansar.

— Não, não precisa. — Lanço a Bren um belo sorriso como se minha cabeça não estivesse boiando e *Encontre-me* não estivesse surgindo e ressurgindo como um refrão dentro dela. — Estou me sentindo bem melhor, Bren. Preciso dar uma olhada nas anotações da aula. Não quero ficar para trás.

Os lábios de Bren se contraem como se não estivesse de acordo.

— Tudo bem, se é assim que você quer.

— Sim.

Ela se vira para o corredor e chama.

— Tudo bem, querida, pode subir.

Alguém sobe as escadas, e Lauren aparece no corredor com um olho inchado tão feio como nem meu pai teria sido capaz de produzir na minha mãe. No entanto, ela sorri como se estivesse num comercial de pasta de dente.

— Obrigada, sra. Callaway!

— Disponha, querida. — Bren sorri para Lauren, o rosto da garota lhe inspira preocupação. — Se vocês precisarem de alguma coisa, é só chamar.

— Claro! — Lauren espera até que os passos de Bren cheguem ao fim da escada e então fecha a porta. — Sabe, quando você escancara a boca daquele jeito, fica igualzinha a Bren. É muito bizarro.

— O que aconteceu com você?

O sorriso deixa os dentes ainda mais à mostra.

— Você devia perguntar o que aconteceu com a outra garota.

— Vocês *brigaram*?

— Holly Davis disse que você estava agindo como uma louca, e eu fiquei irritada. — Lauren vai à mesa do meu computador e se joga na cadeira como um cachorrinho maluco. — O que mais eu posso dizer? Aparentemente, meus problemas de abandono se transformaram em problemas de controle da raiva.

Sei que não devo, mas rio. Não consigo evitar. A maioria das pessoas encontra seus melhores amigos na igreja ou na escola. Lauren e eu nos encontramos na sala de espera da dra. Norcut. Ela é adotada, e sua mãe adotiva se preocupa com o fato de Lauren crescer com problemas pois seus pais biológicos a abandonaram.

Lauren tinha quatro anos quando isso aconteceu. Ela ama sua nova vida com sua mãe, pai e irmão e diz que não se recorda de nada da sua vida pregressa. Mas isso não impediu a sra. Cross de enviar Lauren à dra. Norcut todas as terças e quintas.

— O que a dra. Norcut te disse? — Eu me encosto na cabeceira da cama. — Você tem problemas com o controle da raiva?

— Entre outras coisas. — Lauren vê o frasco de comprimidos que deixei perto do teclado. Ela o pega, lê o rótulo e o balança para mim. — Imitrex? Acho que ela anda te dizendo coisas também.

— Ela pensou que poderia ajudar.

— Ajudou?

Dei de ombros.

— Eu dormi.

Lauren balança a cabeça como se fosse algo normal.

— Enfim, eu só queria saber se você está bem.

— Estou bem. — Recolho um sorriso e percebo que fazer isso é relativamente simples quando por dentro você está em frangalhos.

— Sério? Você está bem? Porque você parece meio ríspida, meio grossa.

— Valeu.

— Quer dizer, não era bem isso que eu queria dizer... — Lauren olha para o teto como se ele fosse lhe dar uma resposta. Ela não vem, o que lhe rende a cara de desânimo. — Eu te vi no corredor da escola hoje, e você parecia bem mal... sei lá, talvez todo esse lance da Tessa tenha feito você lembrar da sua mãe.

A enfermeira Smith pensou a mesma coisa. É compreensível. Nossa cidade é bem pequena, e, por um tempo, o suicídio da minha mãe e, depois, a fuga do meu pai da polícia foram o principal assunto de todo mundo. Tenho certeza de que não houve muito esforço dedutivo dos que pensaram que eu estava tendo um *flashback*.

— Estou melhor. Era apenas... chocante. Você está bem? Você e Tessa eram da equipe das líderes de torcida.

Os olhos de Lauren se esvaziam, como se ela estivesse examinando seus pontos cegos. — Fiquei passada... nervosa... não traída, como foi o caso de Jenna. Ela está arrasada.

Lauren me lança um sorriso triste.

— Você sabe que precisa de um bocado de terapia para fazer listas dos seus sentimentos. Sei que devia me sentir culpada a respeito da Tessa. Mas, apesar de sermos da mesma equipe, não éramos exatamente *amigas*... não como você e eu.

Olhei para longe, tamborilando os dedos na ponta do travesseiro. Lauren e eu nos conhecemos desde que ela se mudou para cá, cinco meses atrás, mas ela é de fato minha melhor — e única — amiga. Quase toda a cidade sabe do meu

pai e, por extensão, de mim, mas Lauren é a única que sabe um pouco de minhas atividades on-line.

Fazia poucas semanas que ela havia chegado, e algumas jogadoras de lacrosse acharam que seria bacana lhe enviar uns e-mails anônimos com conteúdo, digamos, impróprio. Qualquer outra garota teria pirado, mas Lauren ficou muito brava. Assumi o risco e me ofereci para ajudá-la a descobrir quem os havia enviado. Assim que o fizemos, em vez de procurar seus pais, Lauren confrontou as garotas e ameaçou contar a história a todo mundo. Acho que foi quando percebemos que éramos parecidas. Lidamos com os problemas do nosso jeito.

Essa foi uma maneira um pouco comprida de dizer que eu devia confiar nela o suficiente para explicar o que aconteceu hoje, mas não consigo. Digo a mim mesma que é porque preciso manter o controle da situação, mas fico pensando se não é porque sou apenas covarde.

— Enfim, aquele garoto, Griff, da sua aula de informática, me perguntou sobre você. — Lauren me lança um olhar de expectativa, pronta para uma explicação.

Não tenho uma, mas meu rosto fica quente.

— Você não pode ser expulsa da equipe das líderes de torcida pela briga?

— É possível, mas quem vai me dedurar? Todas têm medo de mim.

Ela fala isso como se fosse uma piada, embora saibamos que é verdade. Lauren parece uma bonequinha de porcelana, com sua pele clara como a lua e o cabelo liso e preto, mas, às vezes, quando sorri, ela se reduz a um punhado de dentes.

— Ei, deixa eu dar uma olhada no meu e-mail rapidinho. — Saio da cama e tiro Lauren da cadeira. Ela vai para o meu armário e começa a vasculhar minhas roupas. Por um longo instante, ficamos em silêncio, mas quando escuto sua voz, abre-se um buraco em meu estômago.

— O que é isso?

Viro-me e vejo o diário na mão esticada de Lauren. A capa está aberta, e *Encontre-me* salta da página.

— Nada. Coloque de volta.

— Claro que é *alguma coisa*. — Lauren dá uma engolida seca e olha para mim como se eu fosse uma estranha. — O que você está fazendo com o diário de Tessa Waye?

8.

Penso que manter um diário talvez signifique deter meu fim.

PÁGINA 2 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Posso conversar com Lauren sobre o diário, sobre tudo. A melhor parte de sermos melhores amigas é que posso lhe contar tudo, ou pelo menos *deveria* poder lhe contar tudo.

Na época em que Tessa e eu éramos melhores amigas, ela dizia que eu podia confiar nela sempre, mas veja só como tudo acabou. Aproximo minha cadeira da mesa para deixar mais espaço entre mim e Lauren.

— Não tenho nada a ver com isso.

— Mas por que você está com ele?

Ela parece tão assombrada que eu vacilo. Tento pensar num jeito de sair dessa situação.

Sim, então, acabei ganhando outro perseguidor. Oh, não lhe contei sobre o primeiro? Bem, é uma longa história.

Ou: Então, alguém acha que eu posso encontrar Tessa. Por quê? Bem, eu tenho esse meu negócio de hackear pessoas por dinheiro. Oh, também não lhe contei nada sobre isso?

Pare com isso. Posso confiar em Lauren. Posso. Não sou a garota que meu pai diz que sou.

Respiro fundo, mas sinto que o ar que entra em meus pulmões usa travas de chuteira.

— Alguém deixou para mim.

— Alguém deixou para você? — Os olhos de Lauren abandonam o diário e se voltam para mim. — Que loucura! Quem faria uma coisa dessas?

Fico na defensiva, mas... ela não está me desafiando. Lauren está revoltada. Não sei o que dizer. Pois, apesar de todas as vezes que disse a mim mesma que ela era minha melhor amiga, apesar de todas as vezes que eu disse que ela

gostava de mim como eu era, nunca havia acreditado nisso até hoje. Reconhecê-lo é horrível e maravilhoso. Eu não mereço.

Então talvez seja por isso que tudo veio à tona, com pedaços de informação lançados para todos os lados. É bagunçado, grudento, não tem nada a ver com as minhas linhas exatas de código. De repente começo a cuspir tudo: sobre como vigio o detetive Carson. Sobre como o detetive Carson me vigia. Sobre como o diário apareceu com uma nota grudada nele.

— Então recebi este e-mail. — Clico na caixa de entrada. Lauren e eu lemos “você vem?” em silêncio.

Depois de um longo tempo, talvez dez segundos, talvez dez anos, Lauren se ajeita.

— O que você vai fazer?

— Não sei.

— Não sabe? — Lauren ergue a cabeça, desafiadora. Mechas de cabelo lhe cobrem parte do rosto, e ela os remove com as mãos agitadas. — Como você pode *não* saber? Você precisa encontrá-la, é o que a nota diz.

— Porque duas palavras significam tanto... né?

— Wick, você não pode ignorar a mensagem!

— Lógico que não. Quem quer que seja essa pessoa ela sabe sobre as minhas... — É difícil ajustar a língua à palavra. Não porque esteja constrangida. Não mesmo. Mas nunca discuto isso com ninguém a não ser com Lily, e as palavras se atropelam. — Ninguém deveria saber que hackeio pessoas.

— Quem quer que tenha enviado isso... — Lauren estuda o e-mail na tela do computador. Vejo seus olhos avaliando as palavras. — Quem quer que tenha enviado isso pensa que você pode ajudar.

É de onde essa pessoa tirou tal ideia? Tessa e eu não éramos mais próximas. Digo, fomos amigas um dia, mas meu pai acabou com tudo. Foi um dos poucos dias em que ele se lembrou de me pegar. Eu estava na casa de Tessa, e ele apareceu bêbado. Lembro de ficar muito constrangida e então apenas grata de ele não estar nervoso ou de tentar me bater. Devia ter sido um bom dia.

Mas os Waye ficaram aterrorizados, especialmente o sr. Waye, que disse que não queria ver sua filha andando por aí com “lixo”. Tessa nunca mais falou comigo de novo. Ela não ia querer minha ajuda. Depois daquela tarde, ela nunca quis mais nada comigo.

Isso me qualifica como a pior pessoa para o trabalho.

Ou a melhor, pois sei o que de fato acontece atrás das portas fechadas da casa dos Waye?

— Wick? — Viro-me. Lauren ainda está olhando para mim. — Como alguém chegou à conclusão de que você poderia ajudar? Que tipo de espionagem você anda fazendo?

A pergunta dela me sufoca.

— Procuvo informações pessoais.

— Que tipo de informação pessoal?

— Do tipo que esposas e namoradas querem saber: finanças, outras mulheres, trabalhos.

— Por quê?

Começo a dizer alguma coisa, mas Lauren sacode a cabeça. Ela olha ao redor, vê o quarto que peguei emprestado e entende tudo.

— Pensei que você tivesse parado, mas você nunca parou, não é? Há quanto tempo você faz isso?

— Três, talvez quatro anos? — Lauren me estuda. Não posso dizer no que ela está pensando até que sua atenção se volta ao diário. — O que você está fazendo? — pergunto.

— Vasculhando o diário. — Ela passa pelas páginas iniciais e se demora na parte destruída. — Todo mundo quer saber por que Tessa se matou. Aqui devem estar as respostas.

— Você não pode fazer isso!

— Quer dizer que você *não fez* isso?

— Sim... não! — Pareço ridícula. — Dei uma folheada, mas achei que estava fazendo algo errado. A privacidade é importante. Não é porque Tessa

está morta que posso esquecer que seu diário não se dirigia a estranhos. É errado.

— Beleza. — Lauren fecha o diário e o joga para mim. — Mas alguém quer que você o leia. — Senão, por que o teria deixado?

— Quem se importa?

— Você se importa. Você sabe, Wick. Você nunca vai se perdoar se não fizer algo.

— Bobagem, eu não ligo pra Tessa Waye.

Mas sei que estou mentindo.

9.

Não acho que sou obrigada a viver sob as expectativas de meus pais. Na verdade, eu quero. O único problema é que por causa disso acabo fazendo uma besteira atrás da outra.

PÁGINA 14 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Lauren está certa, claro. Não seria capaz de me perdoar, mas nem por isso não há alguma coisa de terrivelmente errada por aqui. Você não pede a alguém que te encontre se está pensando em cometer suicídio e, se isso é um grito de ajuda ou sei lá o quê, você não pode pedir auxílio a alguém com quem não fala há anos.

Mas, é claro, nenhuma dessas objeções vem à tona até que Lauren vai embora. Depois de sair, permaneço sentada em meu quarto por um longo período de tempo, a estranheza completa espiralando ao redor de minha cabeça em cores caleidoscópicas. De início, olho para o computador, atualizando minha caixa de entrada a cada poucos minutos, esperando meu perseguidor morder a isca. Então olho para o diário.

Depois de uns poucos minutos, pego-o novamente, volto ao começo e leio. Mal chego à segunda página e ela começa a falar sobre como gosta desse cara. Ele é engraçado, gostoso e... avanço rapidamente algumas páginas... não tem nome.

Que brincadeira é essa? As primeiras páginas foram arrancadas e agora faltam nomes.

— Wick? — A voz de Bren percorre o corredor. — Você quer jantar?

Na verdade, não, mas se eu não for Bren vai achar que estou desenvolvendo algum distúrbio alimentar, e isso é a última coisa que quero.

— Já estou indo!

Escondo o diário, ponho o computador em modo de espera, sento ao pé da cama, caço dentro de uma mochila de ginástica uma camiseta e shorts limpos. Encontro, mas estão amassados. Bren odeia isso, então tento dar uma desamarrotada antes de vesti-los.

Estamos instaladas aqui há cinco meses. Lily desfez as malas há semanas, mas ainda estou vivendo da minha mochila Adidas. Não vejo por que pendurar e guardar minhas coisas. Apenas faz tudo ficar mais demorado quando precisamos ir embora.

Desço as escadas e estou quase chegando à sala de estar quando escuto Lily dar um grito agudo o suficiente para fazer com que meus dentes travem. Sacolas de papel são rasgadas, e ela dispara mais um desses gritinhos.

Bren foi às compras de novo. Chego à sala de estar no momento em que Lily estende um vestidinho rosa brilhante sobre o uniforme escolar. Ele tem um corpete justo e saias amplas. Parece ter um lacinho nas mangas. É bem de menininha. Eu precisaria de doses cavalares de calmante para entrar num negócio daqueles, mas a Lily é toda sorrisos.

Bren se ajoelha entre os pacotes da loja, vendo minha irmã girar com o vestido. Ela ainda está brincando com as próprias pérolas, mas você pode ver os coraçõezinhos de desenho animado saltando de seus olhos. Ela está totalmente apaixonada por Lily, e eu a compreendo. Lily é adorável. É fácil cair de amores por ela. Ela é pequenina e loirinha com olhinhos azuis e o jeitinho mais doce do mundo.

Estou quase tendo um ataque cardíaco. Minha irmã parece cercada daquelas fadinhas da floresta que lhe escovam os cabelos ou a ajudam com o vestido. Nunca entendi como nós dividimos a mesma informação genética.

Bren provavelmente não entende também, pois assim que ela me vê sua boca perde o sorriso. Seus olhos claros descem por minha camiseta, perdem-se nos vincos da roupa. Começo a esticar o tecido e paro.

Digo a mim mesma que não ligo para o que ela pensa, e minto muito bem. Quase acredito nisso.

— Você está realmente se sentindo bem, Wick? Eu poderia levar seu jantar na cama.

— Não, estou bem. Você não precisa fazer isso.

— Wick! — Lily se vira para a direita e depois para a esquerda para que eu possa ver todos os ângulos de seu vestido. — Não é lindo? Vou vesti-lo na casa do lago nesse verão.

— Uau, Lil. Ficaré perfeito. — Bom, *acho* que vai. O vestido parece luxuoso demais para ir à casa do lago dos Callaway, mas como eu nunca havia vivido com pessoas que têm casas de veraneio, quem sou eu para achar algo?

— Comprei umas coisas para você também. — Bren mostra uma sacola azul-escura da Abercrombie. — Vi essas peças e pensei em você.

Dou uma espiada dentro. *Ela viu amarelo-patinho-de-borracha e pensou em mim?*

São duas calças jeans, umas blusinhas sem manga, uma tira de couro comprida que parece um cinto ou qualquer coisa com que você possa se enforcar. Tudo muito com cara de patricinha, o que, tipo, me faz pensar em Griff. Não sei por que, mas sinto que ele também não cairia de amores pelo amarelo-patinho-de-borracha, mas não tenho certeza.

Enfio as roupas de novo dentro da sacola. Não entendo por que Bren faz isso. Não acho que alguém já tenha lhe dito que não pode tratar seus filhos adotivos tão bem. Quero dizer, nos últimos três lugares não fomos assim tão queridas.

Lily diz que Bren se esforça pois sempre quis ter filhos, e acho que eu devia ficar feliz por isso, pois Lily sempre quis uma mãe. Ela tinha sete anos quando a mamãe morreu, e embora já tenha se passado algum tempo o vazio persiste dentro de Lily, um vazio irrecuperável.

Por isso, embora não entenda Bren e até tenha certo medo de gostar dela, penso em minha mãe e abro um sorriso.

— Uau, tudo isso é o máximo! Não precisava...

— Realmente espero que você goste. Eles também têm vestidos muito bacanas. Você ficaria tão linda neles...

— Wicket?

Eu me viro. Todd está à porta do corredor, com as mãos postadas no batente.

— Sim?

— Tem alguém aqui querendo ver você.

Bren e Lily se voltam quase mecanicamente para mim; e então, sua atenção se dirige a Todd.

— Alguém da escola? — Bren pergunta.

Todd faz que não com a cabeça.

— É o detetive Carson, da polícia.

Carson está de pé no fim do corredor, perto da porta da frente. Não está muito claro, mas ele continua com seus óculos de sol, estilo aviador. Eles são tão escuros que parece que parte do seu rosto foi removida, deixando apenas buracos negros. Estou a meio caminho dele quando Carson deixa cair os ombros, abre um pouco mais as pernas e assume uma postura mais relaxada.

Mas quando Todd e eu nos aproximamos, as veias de seu pescoço saltam.

— Olá, Wicket. Lembra-se de mim? — Carson estende sua mão direita.

Eu a ignoro.

— Seria meio difícil esquecer.

A mão se retrai. Os ombros de Carson sinalizam indiferença, e ele tira os óculos.

— Tudo bem.

Apesar de não estar. Não está nada bem. Vê-lo me faz começar a tremer. E me faz ter vontade de gritar. A ironia é que temos, digamos, coisas em comum. Ambos estamos interessados no meu pai. Carson quer saber por onde ele anda para prendê-lo. Eu quero saber por onde ele anda para que Lily e eu sigamos na direção oposta. O lado ruim é que nenhum de nós consegue o que quer.

Dou um passo à frente de Todd.

— Você encontrou meu pai? É por isso que está aqui?

Carson hesita, com sua atenção se dividindo entre mim e Todd.

— Não, não é isso. Não estou aqui para falar sobre seu pai. Estou aqui por causa de Tessa Waye.

Escuto um líquido dentro de meus ouvidos. Meu sangue começa a zunir como abelhas tentando escapar de uma colmeia. — O que você quer saber?

— Ouvi dizer que vocês eram amigas.

Segurei a cara feia. Maldita enfermeira Smith.

— Você notou alguma diferença no comportamento de Tessa antes de morrer? Ela lhe disse alguma coisa? — Carson pergunta.

Claro que não. Tessa não era boa de despedidas, ou não era cinco anos atrás. Lembro-me de tê-la encontrado no corredor depois de uma tarde horrível, e de ela ter passado por mim como se eu simplesmente não existisse. Às vezes, eu a pegava me olhando na hora do intervalo, mas isso parou depois de um tempo.

Isso deveria ter me deixado bem irritada na época, mas no fundo... só machucou. O triste é que ela poderia ter chegado em mim ontem mesmo e perguntado se poderíamos ser amigas e eu teria dito que sim. Patético, não? O lance é que Tessa foi a única pessoa que gostou de mim do jeito que eu era. Bren não gosta, ela me desmontou assim que pôde. E Lauren só me conheceu depois disso. Para ambas, meu passado é passado. Elas não entendem como isso ainda vive dentro de mim. Mas, se Tessa voltasse, e se para ela estivesse tudo bem, talvez ficasse tudo bem para mim também.

Sinto falta dela. Provavelmente sempre vou sentir.

Dou de ombros.

— Não, nada.

— Mas vocês eram colegas de classe na escola. Vocês andavam juntas, não?

— Não, na verdade não.

Carson levanta uma das sobrancelhas.

— Mas soube que você ficou arrasada pelo que aconteceu.

Abro a boca, quase dizendo sabe-se lá o quê, mas de repente Todd me envolve em seus braços. Não há pressão alguma, mas as palavras desaparecem como se tivessem sido arrancadas da ponta da minha língua.

— Todos estão tristes com o ocorrido, detetive — Todd diz, a ponta de seus dedos roçando meus ombros. — Tessa era uma ótima menina.

A atenção de Carson se volta para mim.

— E é por isso que está tão irritada? Por que ela era “ótima”?

— Wicket não precisa ser questionada por isso. — Todd soou adulto e seguro. Na verdade, não só isso. Ele também soou defensivo. — Tanto quanto sei, sentimentos não são crime.

Por que um tom tão defensivo? Pisquei. Pisquei de novo. Ele ficou do meu lado. Parte de mim quer dizer, *Mas que diabo!* Mas outra parte começou a florescer. Não estou sozinha.

— Nós já discutimos isso, detetive — Todd prossegue, e eu tenho de esconder minha surpresa. Ele ainda está falando com o detetive Carson? — Você devia procurar respostas na casa dos Waye. Você precisa falar com o pai dela.

— Todd? — A voz de Bren atravessa o corredor. Ela está na porta, segurando o telefone sem fio no peito como se ele pudesse pular. Ela nem se dá ao trabalho de cumprimentar Carson. — É o diretor da escola de novo. Ele precisa conversar com você para ver se é possível arranjar outro orientador.

— Ligo para ele depois.

Por quê? Para ele sentar-se aqui comigo? Pisco — duas vezes — antes de perceber que é exatamente isso que Todd quer fazer. Na verdade, é o que ele vai fazer se eu permitir.

Tudo que preciso fazer é pedir.

— Está tudo bem — digo, mas minha voz oscila um pouco como se não estivesse.

Todd fica tenso, vira-se para Bren. Um silêncio carregado serpenteia entre eles. Eles também escutaram a oscilação.

— Diga a ele que preciso de cinco minutos e...

— Está tudo *bem*. — Pareci melhor agora, como eu mesma. Com os Callaway me apoiando, sinto um pouco mais de confiança. O detetive não

pode mais me perseguir. Não pode mais me deixar assustada. Não permitirei. Olho para Carson e sorrio.

— Afinal de contas, são apenas mais alguns minutos, certo?

Ele sorri de volta.

— Certo.

Um pouco contrariado, Todd levanta, lançando-me mais um olhar sério antes de seguir pelo corredor. Carson e eu observamos um ao outro em silêncio até que escutamos Todd pegando o telefone.

Então o sorriso de Carson desaparece como se formasse uma fenda.

— Você não me disse tudo. Você sabe alguma coisa.

— Sei muitas coisas — respondo. — Quer saber algo sobre o policial que fica sentado na porta de minha casa todas as noites?

Os lábios de Carson ficam afilados como cicatrizes.

Com o queixo, aponto em direção a Todd.

— Você acha que ele também precisa saber disso?

— Se você fosse contar alguma coisa a alguém, já teria feito isso.

É verdade, mas não vou admitir.

Os olhos de Carson vão à porta e voltam a mim. A pele ao redor de seus olhos fica menos vincada, e sua voz mais suave. Certamente ele pensa que assim parecerá mais tranquilizador, mas meu pai usava o mesmo tom com os viciados nervosos.

— Você pode conversar comigo, Wicket. Sou dos caras bonzinhos.

— Bonzinhos que ficam sentados aqui na porta todas as noites.

— Há mais coisas em questão além do que você sabe.

Não, meu chapa, há mais em questão além do que você sabe.

A mão de Carson se ergue como se ele fosse me tocar.

— Você precisa confiar em mim.

Ótimo. Ele quer, tipo, um lance mais íntimo. — Não acho. — Estudo-o para obter informações. — Pensei que a morte de Tessa tivesse sido considerada suicídio.

— Foi.

— Então por que você continua a investigá-la?

Carson olha fixamente para mim. A figura do bom policial desaparece, apaga-se como uma lâmpada, e ressurge o detetive que conheci durante a perseguição a meu pai.

— Você sabe como posso dizer que você está encrencada?

Não respondo. A resposta é evidente. Mas não digo como, não pronuncio a palavra. Ele provavelmente não compreenderia o sentido. Em vez disso, levanto as sobrancelhas, esperando pela explicação que ele está louco para dar.

— Porque você tem uma resposta para tudo. — Carson chega um pouco mais perto, e tenho de praticamente fincar os pés no chão de madeira para permanecer no lugar. — Você sabe que as meninas boazinhas não têm. Elas não sabem como funciona a assistência social e os procedimentos de garantia da lei pois nunca estiveram envolvidas com eles. Mas você, sim. Lixo como você sempre tem uma resposta.

Seus olhos me perscrutam como se pudessem ver através das minhas roupas novas e bonitas, do meu novo corte de cabelo bonito. Respondo na mesma moeda.

Olho feio para ele.

— Ah, então é isso! Cara, eu estava pensando nisso de verdade. Graças a *Deus* que você me explicou tudo.

O riso de Carson é silencioso.

— Você é corajosa agora, não é? É sim, Lixo. Você sempre sabe como jogar o jogo. — Ele parece incrivelmente surpreso, e então se volta para o vestibulo refinado que nos cerca. — Mas o que acontecerá quando tudo isto se acabar?

Sim, o que acontecerá? A questão soa bem natural. Como se estivesse contida em meu coração o tempo inteiro.

— Vou deixar meu cartão. — Carson saca um cartão de visita e o deposita no aparador. — Ele tem meus telefones de trabalho e o celular. Você vai precisar deles, garota.

Ele lança aquele sorriso de novo, o mesmo de hoje pela manhã. — Afinal de contas, se você não confiar nos policiais, Lixo, em quem você poderá confiar?

10.

Minha mãe o adora, mas ele apenas me deseja.

PÁGINA 22 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Sim, em quem você pode confiar? Com certeza, não no Carson. Talvez nem em mim mesma. Deveria ficar esperta quanto a cair de amores por Todd e Bren e, no entanto, cá estou eu. Vestida de Abercrombie. Numa mansão de Peachtree City.

Mas negando tudo.

Ou pelo menos estava. A bolha de sabão acaba de estourar. Esta sou eu: uma garota adotada vivendo uma vida postiça. Como pude ser tão estúpida?

Um ruído leve surge à minha esquerda, e vejo Lily vindo pelo corredor. Ela estava ouvindo a conversa.

— Foi bom.

— O que posso dizer? Estou doce e leve como nunca. — Parece que não é grande coisa, e por um instante fico orgulhosa. Então recordo a explicação de Carson para minha língua afiada. *O Lixo sempre tem uma resposta.*

Acho que ele está certo. Posso até ter um novo endereço, mas sempre serei a perdedora.

Lily fica ao meu lado enquanto vejo Carson ir embora de carro. Parte de mim pensa que isso está se tornando um hábito bem irritante. Parte de mim está em pânico. Sinto como se fosse virar do avesso e meus ossos quisessem escapar.

Escapar para onde? Chega a ser hilário. Não tenho para onde ir.

Coço as têmporas com ambas as mãos e percebo que não escuto a voz de Todd há alguns minutos. Ignoro Lily, olho para o fim do corredor, mas não escuto mais nada.

— Todd ainda está no telefone?

Ela diz que sim com a cabeça, os olhos ainda presos à janela e à rua agora vazia.

Relaxo. *Bom*. Quando Todd voltar, haverá perguntas, e no momento estou cansada demais para respondê-las.

Lily dá um passo para trás e aponta meu peito.

— O que você fez para que ele nos odeie tanto?

Hesito. O interrogatório de Carson foi difícil, mas o de Lily pode ser ainda pior.

— Ele não nos odeia.

— Ele é uma das pessoas que você hackeou? Talvez sua esposa, sua namorada. Talvez alguém tenha usado seus serviços e contou a ele.

— Não.

— Como você sabe?

— Porque eu conheço as pessoas que hackeio, Lil. Ele está querendo farejar o papai.

— Ele disse que estava aqui por causa de Tessa.

O nome dela me faz parar. Parece ofensivo na boca de Lily, ou talvez tenha sido apenas o modo como o escutei. Não consigo entender a reação da minha irmã. Ela está irritada por causa de Tessa? Porque isso nos lembra nossa mãe? Ou ela está apenas assustada?

— Sim, bem, ele disse isso, mas estava realmente procurando o papai. Procurava por nossas fraquezas. Por que você acha que ele disse aquele negócio a respeito de eu precisar do telefone dele? Ele pensa que o papai vai entrar em contato e eu vou ficar assustada.

Não sei dizer se pareço convincente o bastante. Meu tom oscila entre o triste e o revoltado. Poderia enganar um professor, e certamente enganaria Bren.

Mas se trata de Lily. Minha irmã. A única pessoa que me conhece. Que realmente me conhece. Tudo que funciona com qualquer pessoa não dá

resultado com ela, então ataco com outra estratégia conversacional: desviar o assunto.

— Não sou a criminosa da família — digo.

Embora seja.

Sou mais filha do meu pai do que gosto de admitir. Apenas tenho segredinhos sujos diferentes. Cruzo meus braços mais uma vez, tento parecer mais ou menos irritada, mas apenas consigo controlar um pouco melhor os tremores. Agora que Carson se foi, minha pele está tentando se soltar de meus ossos.

— Você precisa parar, Wick.

E depois? Acreditar que Bren e Todd tomarão conta da gente? Acreditar que ficaremos bem? Não consigo. Não acho que tenha condições de pensar dessa forma, e por um segundo quero chorar. Quando eu deixei de acreditar em finais felizes? Talvez nunca tenha acreditado.

— Precisamos do dinheiro.

— Temos Bren e Todd agora.

— Exatamente. Temos *agora*. O que acontece depois disso? — Irritada, passo rapidamente a mão pelo cabelo, resistindo à vontade de arrancá-lo.

Estou orgulhosa da minha irmã. Realmente estou. Ela é adorável, e muitas vezes penso que gostaria de ser como ela: mais doce, mais leve, mais gentil, mais alegre. Talvez assim fosse mais feliz. Talvez nós ficássemos por aqui.

Mas não sou como ela, e cedo ou tarde todos perceberão o que somos: lixo. E então estará tudo terminado. Eu não deveria ter de explicar tudo isso de novo. Lily pode ser mais jovem, mas viu as mesmas coisas horríveis que vi. Ela devia saber.

Não, ela sabe. Assim penso, prestando atenção no modo como a boca de Lily se movimenta como se ela estivesse mastigando tachinhas. *Não, ela realmente sabe. Ela apenas está em fase de negação.*

A raiva me atinge mais forte que uma inundação.

— Você não se lembra de onde viemos?

— Sim! E não quero voltar! Quero ser normal!

— E o que diabo é isso?

— Não xingue. — Lily parece tão pequena que sinto que estou tirando sarro da cara dela. — Bren vai te fazer pôr 25 centavos na jarra de xingamentos.

— Mais uma razão para continuar trabalhando então.

Ela dá um riso seco e curto.

— Você vai acabar com tudo.

As palavras me acertam como um tapa. Na verdade, quero que ela me bata. Teria machucado menos. Mas não sou a única parecida com nosso pai. Lily também sabe como machucar.

— Tudo já está acabado, Lily.

11.

Fui atrás dele. É verdade. Eu comecei. Sou tão má quanto ele. Pior.

PÁGINA 31 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

São quase onze horas, e estou agitada demais para dormir. Todd ainda está trabalhando. Lily e Bren foram para a cama. E meu perseguidor ainda não mordeu a isca.

Como é possível? Saio da frente do computador e passo a mão no pescoço, que dói. Mas isso não ajuda. Os músculos mais parecem cordas com nós. Será que estou lidando com alguém que conhece Cavalos de Troia? Ou a conta de e-mail ainda não foi acessada? Talvez...

Alguma coisa arranha a parte de fora de minha janela, e eu congelo. No escuro, os galhos das árvores se movem como pernas de aranhas.

Não é nada. Não há de ser nada.

Mais uma arranhada.

E se for quem deixou o diário?

Em minha cabeça, tento aprisionar a frase, mas ela acaba escapando. Não é possível que alguém ouse fazer isso. Quer dizer, Bren está no fim do corredor. Todd pode chegar a qualquer momento. É muito arriscado.

Então, por que minhas palmas das mãos estão ensopadas?

Levo a cadeira um pouco para trás e olho pela janela aberta. A lâmpada atinge apenas as pontas das árvores, nada mais. Abri a janela mais cedo pois me senti sufocada depois que Carson foi embora. Parecia impossível respirar.

Escuto estalos debaixo da janela. Ainda mais próximos que antes.

Está subindo.

Levo os pés ao chão, cravo meus dedos no piso como um corredor pronto para a largada. Talvez esteja a três passos da janela. Dois, se me esticar

bastante. E então corro e bato a janela. Fácil, não?

A não ser que seja pega.

Percorro a distância em dois movimentos e seguro a parte de baixo da janela. Do lado de fora, a árvore balança bastante, e uma mão espalmada chega ao peitoril. Um grito sobe à garganta... e ali fica.

É Griff.

— Desculpe. — Seu rosto brota na luz, com a escuridão que o circunda apenas fazendo seu sorriso ficar ainda mais branco. — Não quis assustá-la.

Ele está pendurado na árvore ao lado da minha janela, projetando-se parcialmente para a frente. Suas pernas estão presas a um galho, e ambos os braços encostados no peitoril. Parece que ele vai rir a qualquer momento.

Como se fosse alguma piada.

Como se eu fosse uma garota normal que não tem de se preocupar sobre ser vigiada.

Isso meio que me dá vontade de socá-lo.

— Se você não estava tentando me assustar, então o que está fazendo escalando uma árvore do lado de fora da minha janela?

O sorriso de Griff congela.

— Queria ver você.

Meu coração dispara.

— Mas por quê?

— Você não respondeu.

Não respondi? Levo cinco segundos para descobrir o que Griff quer dizer com isso. A mensagem. Não respondi. Mordo meu lábio inferior, tentando pensar em alguma coisa para dizer. Preciso lhe perguntar por que ele pensa que eu *responderia*. Por fim, dizer a ele que caia fora.

Mas não. Ou talvez não possa. Quero dizer, o cara está pendurado na janela do meu quarto. Escalou uma árvore por mim. E para quê? Só para ter certeza de que estou bem? Não entendi. Mordo meu lábio um pouquinho mais forte.

— Por que você se importa? A gente nem se fala tanto assim.

— Sim, eu sei. Mas acho que a gente podia dar um jeito nisso. — Griff se inclina um pouco mais e olha ao redor. O calor toma conta do meu rosto quando percebo que há roupa suja à esquerda dele e livros espalhados à direita. — Então, será que posso entrar?

— É... — *Não! Meu quarto está uma bagunça e Bren teria um ataque cardíaco e você nem devia estar aqui.* — Tudo bem.

O sorriso de Griff aumenta demais.

— Maravilha!

Ele se ergue um pouco e para, seus olhos presos aos meus. De repente, estamos próximos de novo, e o ar entre nós diminui.

Sua sobrancelha esquerda se levanta. Eu adoraria conseguir fazer isso.

— Hum... posso passar?

— Ah! — Dou um passo para trás, e meu colega de laboratório desliza, as mãos primeiro, para o chão. Ele ainda está usando a camiseta polo surrada e a calça cáqui de hoje de manhã. Não sou muito fã de nada estilo mauricinho, mas nele... fica bom.

Griff olha para mim, o sorriso anguloso e irônico.

— Não pensei que você fosse aceitar.

Sim, e com isso somos dois. Fui para o canto do quarto e desabei na cadeira, sentando sobre minhas mãos trêmulas.

— O que você quer?

Griff encolhe os ombros, ainda observando meu quarto como se estivesse em alguma exposição de museu. E eu desejo mentalmente que ele olhe para mim.

O que ele vê de tão interessante aqui? Digo a mim mesma que não ligo para o que ele vê, mas por dentro fico rezando para não ter deixado nenhuma calcinha pelo chão.

— Sempre quis ver onde você mora agora.

— Por quê? — Ele está olhando para minha cama, e o calor em meu rosto, já escaldante, ganha intensidade nuclear. — Você estava esperando um caixão ou coisa do gênero?

— Claro que não. Quer dizer... você não dorme de cabeça para baixo?

Tento lançar um olhar impassível para Griff, mas não consigo. Ele é engraçado. Sempre tive um fraco pelo humor. Um sorriso começa a se insinuar pelos meus lábios, e Griff percebe. O sorriso irônico e anguloso de antes fica ainda maior, e preciso me controlar para não ficar de boca aberta. Mas é Griff. No meu quarto.

Querendo conversar.

— Por que você está sendo tão... tão... — Eu me recuso a usar a palavra *sedutor*.

Griff sorri.

— Porque gostei de você desde o primeiro instante em que te vi. E ainda mais depois de Matthew Bradford ter jogado seu almoço na fonte da escola na semana passada e você ter esvaziado os pneus do carro dele.

— O pneu. Foi só um.

— Sim, eu sei. Eu esvaziei o outro.

— Como você...

— ... sabia que você estava lá? — Griff se levanta, e pela primeira vez percebo que a camiseta polo dele não está surrada propositalmente, mas está usada e castigada para valer. Ele não parece magro. Ele parece faminto. — Estava no carro ao lado, escondido. Você foi a primeira garota realmente esperta que encontrei, a primeira a não fazer papel de boba. Você é pequena, mas não leva desaforo para casa.

Griff desvia a atenção para minha prateleira de livros, passando os dedos sobre dez romances de Stephen King e parando quando chega à obra completa de Jodi Picoult. Se ele perguntar, jurarei que são da Bren.

— Você acha que essa é uma boa resposta? — ele pergunta.

Começo a falar, mas meu computador emite um som, e meu coração pula à boca como um sapo. Alguém acessou meu link com vírus. Alguém mordeu a isca. Viro a cadeira e escuto Griff se aproximar.

— O que é isso? — Griff está do outro lado da mesa com uma cópia velha de Bren de *Comer, rezar, amar* na mão. Ele observa meu computador com

interesse. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada.

Só que aconteceu. Na verdade, aconteceu tudo. Eu me encaixo na cadeira até sentir o plástico pressionar as vértebras da minha espinha.

Meu Cavalo de Troia funcionou. O destinatário do e-mail clicou no link, e isso significa que estou dentro. Vejo o que ele vê, tenho acesso aos seus arquivos, à sua vida.

E recobro a minha.

— O que você está fazendo?

Salto, viro na cadeira e percebo, tarde demais, que Griff está ao meu lado. Ele está próximo. Próximo o suficiente para que eu sinta o cheiro de seu chiclete de menta. Próximo o suficiente para me deixar em pânico.

Isto não vai dar certo. Preciso me livrar dele. Levanto, mantendo meu corpo entre Griff e a tela do computador.

— Você precisa ir agora.

Ele ergue a cabeça, sorrindo como se eu tivesse dito alguma piada que ele estivesse louco para entender.

— Mas eu acabei de chegar.

— Você precisa ir.

Os olhos de Griff saltitam para o computador atrás dos meus ombros e se voltam rapidamente para mim. Ele acha que estou parecendo estranha. Merda, eu *estou* parecendo estranha, mas não ligo. Preciso de privacidade já.

— Ótimo, beleza, só tranque a janela quando eu sair. — O sorriso irônico de Griff retorna. Ele engatinha sobre o peitoril da janela com mais elegância do que se poderia supor num sujeito magro e alto. — Nunca se sabe quem pode subir por essa árvore de novo, Wicked.

Wicked; má. O trocadilho faz meu coração dar uma cambalhota meio estranha, meio abobalhada. Abro a boca para responder, mas Griff já se foi. A árvore balança duas vezes enquanto ele desce pelo tronco, e então tudo se acaba. Fecho a janela, verifico a tranca e fecho a persiana. Quando volto, o ar

está mais uma vez pesado. Como naqueles momentos antes de um filme começar, quando todo mundo está à espera.

Mas não estou mais esperando. Chuto minha cadeira para longe e, ainda de pé, eu me curvo sobre o teclado, acessando outro programa. Digito umas poucas linhas de código e ligo a webcam da máquina invadida.

— Vamos, seu bostinha — murmuro enquanto o computador processa a informação, transformando meu código numa corda para o mundo de outra pessoa. Outros poucos segundos e a janela escura da câmera no alto de minha tela aparece.

Estou dentro.

Agora posso ver.

Ou melhor, posso vê-la, e quando vejo meu estômago fica completamente embrulhado. Estou passada.

Conheço a garota. Eu a conheço desde que ela estava no terceiro ano e eu no fundamental 2. Eu a conhecia de quando topávamos uma com a outra na mercearia e já não nos cumprimentávamos. Eu a conhecia.

Eu a *conheço*.

A garota que clicou em meu vírus é Tally Waye, a irmã de Tessa.

12.

Acho que minha mãe sabe que tem alguma coisa errada. Não importa quantas vezes eu diga que estou bem, ela continua perguntando.

PÁGINA 24 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Quando acordei, eram mais de dez horas. A casa está em silêncio. Minha cama está uma delícia. Quero voltar a dormir.

Mas estou muito acordada.

Tudo que vejo é o rosto vazio de Tally Waye emoldurado na tela de meu computador. Mesmo quando fecho os olhos, ele ainda está lá.

Encontre-me.

Impossível. Viro para o lado, e meus olhos acabam na janela por onde Griff havia entrado. Não tenho certeza de querer pensar sobre isso também, mas é tarde demais porque já quero sorrir.

Saco. Tenho de descer para o café. É sábado de manhã, o que significa que um grande café da manhã de Bren espera no andar de baixo, e se ela estiver distraída fazendo panquecas ou o que quer que seja, as chances de encontrar café à mão são maiores do que de encontrar o que Tally deseja.

Caminho discretamente pelo corredor, verificando a janela da frente mais por hábito que por preocupação. Hum. O carro de Bren não está. A frente da garagem está vazia.

Cacete. Isso significa que não há café da manhã? Pois não ter café da manhã significa não ter café.

A princípio, acho estranho que ela não esteja, pois Bren vive para preparar *waffles* em sua Williams-Sonoma, mas então me lembro de que ela levaria Lily para a aula de balé nesta manhã. Estou sozinha.

— Bom dia, Wicket.

Dou um pulo.

— Caramba!

— Desculpe! Desculpe! — Todd está parado na beira da escada com duas canecas de café. É sábado, mas ele está de terno e gravata. De saída para o escritório? Se está, não deveria. Ele parece cansadíssimo. Seus olhos estão vermelhos, não parece que ele tenha dormido muito.

Droga. Estou tão envolvida comigo mesma que não penso em quanto a morte de Tessa doeu em Todd. Ele quer salvar o mundo, e não conseguiu salvar uma garota. Deve ser terrível. Todd me defendeu tão prontamente; o que ele não teria feito para salvar uma garota como Tessa?

— Realmente não quis assustar você.

Aceito as desculpas. Nesse ritmo, acabarei infartando por nada.

— Não se preocupe. — Passo a mão pela têmpora direita, onde ainda sinto um eco da dor de cabeça de ontem. — Será que uma dessas é para mim?

Todd dá um sorriso.

— Apenas se você não contar a Bren. — Ele me passa uma xícara, e eu dou um belo gole. Ele põe muito açúcar no café, que está quente o bastante para queimar minha língua, mas não importa, está fantástico. Mais duas doses e sinto o vigor na minha pele. Na quarta, minhas pálpebras já não pesam mais.

— Segredo — prometo, e tomo o restinho numa só golada.

Todd ri.

— Você é engraçada, sabia? — Ele beberica o café enquanto me observa. — Bren acha que a cafeína vai prejudicar seu crescimento.

Faço uma careta.

— Tarde demais para isso.

— Estava pensando se você podia dar uma olhada no computador da Bren para mim. Acho que apertei alguma coisa errada.

— Claro. — Todd sempre aperta os botões errados. Ele conhece a Tela Azul da Morte melhor que qualquer outro. Seria irritante se eu não me sentisse grata pela distração. Em cinco meses que estou aqui, reformatei o computador de Bren duas vezes por causa dos tais “botões errados”. Por sorte, o gerente

do escritório fica de olho nos computadores do trabalho; caso contrário, lidar com os computadores dos Callaway seria trabalho em tempo integral. — Sem problemas.

— Obrigado... então, o que você vai fazer hoje?

— Não sei. — Tenho um trabalho de inglês para terça-feira, a última das análises de conta bancária para a minha cliente, e então Tally Waye. Verifico o fundo do meu café e penso que deveria tomar mais um pouco e pirar de vez. Pouparia tempo. — E você?

— Os Waye organizaram uma vigília de prece na casa deles hoje à tarde. Acho que devo ir.

— Não sabia que era próximo deles.

Todd encolhe os ombros. — Nós os conhecemos da igreja... você gostaria de vir?

Ai, não — mas, por outro lado, Tally estará lá e eu poderia devolver o diário. Olhando para Todd, a oportunidade me pareceu perfeita.

Perfeitamente terrível.

— Não posso. Desculpe.

— Sabe, Wicket, você poderia fazer muitas coisas com o que se passou em sua vida. Você poderia transformar isso numa oportunidade de ajudar as pessoas.

Como ele fez? Não acho que eu tenha isso em mim. Estou bem certa de que não trago comigo palavras que qualquer um queira ouvir.

— Os Waye não são... grandes fãs meus.

Todd meneia a cabeça como se esperasse a resposta.

— Entendo. A sra. Waye me falou dessas coisas todas num domingo antes da aula. Mas você não é mais aquela garota, Wicket. Você não precisa ficar com medo, mas tudo bem se não quiser ir.

Todd pega minha caneca e a leva para a cozinha.

— Bren quer que você fique quieta e descanse. Acho que ela está planejando levá-la para fazer as unhas mais tarde...

— Todd? — O nome dele saiu um pouco esganiçado, mas ambos fingimos não ter percebido. — Eu vou.

Pelo menos porque é a melhor forma de eu encontrar Tally, e também porque posso conseguir alguma coisa.

— Ótimo! E você tem certeza de que ficará bem? Quero dizer... depois de sua mãe e do que aconteceu ontem...

Fico, digamos, contente de vê-lo hesitar. Isso o torna menos convicto, menos heroico, menos... pai. Detesto pensar em Todd nesses termos, mas é verdade. Todd é praticamente um pai de série de TV que ganhou vida. É um sujeito em quem você pode confiar, alguém que vai confortá-la e animá-la, alguém que jamais vai machucá-la. É quase o exato oposto do meu pai.

O que é um pensamento ridículo. Tenho quase dezessete anos — estou muito velha para esta baboseira. Não preciso de figura paterna. Não preciso de alguém em quem possa confiar e que me conforte e anime. Não preciso do que Todd é ou o que ele possa ser, mas às vezes, em momentos como esse, percebo o quanto simplesmente quero isso.

Estúpido. Realmente estúpido. Até perigoso, porque ele só vai me decepcionar. Então tento conter a ideia e espero até que ela pare de doer.

Depois da minha mãe e tudo o mais. Concentre-se nisso. Deveria haver um ótimo jeito para explicar tudo isso. Deus sabe que tive boas oportunidades. Nossa comunidade é realmente pequena, e depois de o jornal local ter publicado um artigo de capa sobre o suicídio da minha mãe, todo mundo falou sobre o caso. Eles queriam saber por que ela fez o que fez e como ela podia ter abandonado “suas responsabilidades”.

Não acho que eles compreenderam o caso. Ela não conseguia *lidar* com as responsabilidades — e foi por isso que pulou. Eles nunca entenderam que não era o caso de entender. Foi uma coisa que minha mãe sentiu que devia fazer e que fez sentido para ela. Já se vão quatro anos, e, apesar de ter pensado muito a respeito, não consigo dar razão a isso.

Exceto desta forma: que tudo vem depois da “minha mãe e todo o resto”. É o que vem da perda. Há o “antes, quando você tinha mãe”, e então... o

“agora, quando você não tem mais mãe”. Você não supera, somente aprende a suportar. Não é apenas sobre a morte da sua mãe. São os aniversários que ela perde. Sua formatura. Seu primeiro encontro. Todas essas pequenas perdas acendem sua ausência com tochas.

Você lida com isso. Eu lidei.

Tally vai lidar.

Engulo.

— Talvez você esteja certo. Talvez eu consiga fazer algo de bom com tudo que aconteceu para mim.

Não é a pior mentira que eu já contei. Talvez até seja um pouco verdade.

Mas Todd me observa como se procurasse as rachaduras. Mantenho o rosto impassível e encolho os ombros.

— Afinal de contas, sei como eles se sentem.

13.

Faria qualquer coisa pela minha irmã.

PÁGINA 23 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Geralmente, Brandy, a empregada dos Waye, abre a porta para os visitantes, mas desta vez é a própria sra. Waye. Ela escancara a porta e, por um segundo, sinto como se tivesse onze anos de novo, chegando para brincar com Tessa.

Havia me esquecido de como a mãe dela é bonita, de como a sra. Waye consegue chorar e ainda manter a maquiagem em perfeito estado.

Mas ela parece rachar em torno de seu sorriso forçado.

— Olá, Becky. — Todd envolve seus ombros, num abraço protetor. — Como você está?

A sra. Waye continua abraçando-o.

— Estou tão feliz que tenha vindo.

— Estou feliz por estarmos aqui. — Todd se volta para mim e eu recebo a atenção da sra. Waye, mas para perdê-la ainda mais rápido. Seus olhos deslizam tão velozes sobre mim que é como se eles apenas estivessem no caminho de volta para Todd.

Ela me reconheceu? Talvez não. Cinco anos atrás, quando Tessa e eu fizemos fortalezas com almofadas de sofá, meu cabelo estava curto, não longo. Minhas roupas eram escuras, não claras. Tenho ainda de sobreviver à maquiagem de Bren. Eu achava que minhas novas roupas me destacavam, mas na verdade elas me escondem.

Ou talvez a sra. Waye não ligue.

Mal nos afastamos um pouco dela e Todd é chamado a um canto por outra mãe, deixando-me sozinha e diante dos garotos da minha escola com os quais

não sou capaz de conversar. É estranho. No caminho para cá, meu nervosismo era infernal, mas agora, é curioso... me sinto perdida.

E, quando vejo as fotos de Tessa espalhadas pela casa, fico profundamente triste. A maioria delas parece ter sido tirada na igreja em que Todd dá aula. Ali está a primeira comunhão de Tessa... Tessa fazendo um projeto de artes com algumas crianças menores... Tessa sorrindo para a câmera.

Tento permanecer em movimento, mas a casa está lotada, e entre o incrível número de pessoas e sua dor palpável, a atmosfera de cada cômodo é sufocante. Não vejo Tally, e parece esquisito perguntar a estranhos onde ela estaria. Desisto e decido voltar para Todd quando uma garota solitária chama minha atenção. O diário enfiado sob minha camiseta treme.

A irmã mais nova de Tessa, Tally, está olhando para mim. Seus olhos não têm brilho, ela parece incomodada. Todos os outros estão conversando e chorando, mas Tally não se move, olha para mim como se eu fosse a única pessoa que sempre importou.

Como se eu fosse uma heroína.

* * *

A irmã de Tessa está sentada num sofá supermacio entre duas mulheres supermacias. Se tivesse de apostar, diria que são suas tias. E pelo modo como choram sobre sua cabeça, aposto que são tias bastante egoístas.

Uma delas fica beliscando o braço de Tally enquanto se lamenta. A outra fica o tempo inteiro em cima dela. Sim, *são* egoístas. Tally poderia ser um animal empalhado, basta ver toda a consideração que demonstram por ela.

Tally parece concordar comigo. Quando nossos olhos se encontram, a boca da garota se contorce, e não sei dizer se ela está segurando um sorriso ou um grito.

Ela desliza para fora do sofá e se dirige às escadas à minha esquerda. Eu a sigo, meio que esperando que alguém me interrompa, mas ninguém aparece.

No segundo andar, o quarto do casal fica à minha esquerda. A porta está parcialmente aberta, revelando um conjunto de móveis sóbrios e paredes de cores alegres. Como todo o resto da casa, é imaculado e, por alguma razão estranha, faz-me pensar sobre o quanto Tessa amava desenhar e rabiscar.

Ela jamais se adequaria a pais como esses. Ela sempre teria de puxar as próprias rédeas. E, de repente, fico mais uma vez triste por Tessa. Sigo em frente no corredor, e de porta fechada em porta fechada vou chegando, a passos cuidadosos, ao fim da linha. É quando vejo Tally sentada sobre uma colcha florida, olhando para o chão. Ela não se mexe, e observando-a você não diria que ela percebeu minha presença.

Mas sei que ela percebeu, pois suas mãos se fecham como garras.

— Tally? — Entro no quarto, batendo levemente na porta atrás de mim. Ainda dá para escutar o choro no andar de baixo. Ele atravessa as tábuas de madeira do chão.

— Você veio. — Tally suspira. A garota parece... grata, e isso faz minha garganta fechar. Como posso decepcioná-la?

— Sim... sinto muito, Tally. Sei que todo mundo provavelmente está dizendo isso a você o tempo todo...

— Não importa. Você veio. Você vai consertar tudo isso.

— Eu... acho que deve haver um engano.

Tally vira a cabeça de lado como se não tivesse me escutado bem.

Estendo-lhe o diário, dou uma sacudida nele.

— Pegue-o de volta.

Há um momento de silêncio antes de os olhos de Tally encontrarem os meus.

— Não, não quero. — Ela tem a boca de Tessa: fina e pálida, e se estende pelo seu rosto como uma cicatriz. — Não preciso dele. Não é isso que você faz?

— Não sei do que você está falando.

A garota produz um som abafado, como se estivesse engasgando, como se minha negativa fosse algum osso preso em sua garganta.

— Mentirosa. É isso que você faz. Você encontra pessoas. Você revela a verdade por dinheiro.

Dentro de mim perco o chão.

— Como você sabe?

— Lily.

Minha irmã? Nem sabia que Lily e Tally eram amigas, e mesmo se fossem, como Lily poderia ter me traído dessa forma?

— Tessa estava chorando um dia quando veio me pegar. Eu estava com medo de perguntar o que havia de errado, mas Lily não. Tessa nos contou que era um “problema com o namorado”, e Lily disse que sabia o que fazer. Disse que você resolvia muitos problemas de mulheres.

Olho para Tally, tentando compreender a situação e resumi-la ao essencial. Resolver os problemas da irmã? *Encontrar* a irmã dela? Tessa se foi. Ela já está acabada. Ninguém pode resolver esse problema.

Eu me viro para sair e então percebo que, de todos, só eu sabia que a matemática não precisava funcionar — que você ainda pode ter esperança, mesmo se tudo está arruinado.

— Não tem nada que eu possa fazer, Tally.

— Tem, sim. — Seus olhos ficam imensos e soturnos de novo. Ela está muito perto de começar a chorar e agora, de repente, sinto que também começarei a chorar. — Não podemos mais salvar a Tessa, mas podemos punir o homem que estuprou ela.

Estuprou. A palavra soa estranha e bem pronunciada ao mesmo tempo.

— Do que você está falando?

Tally engole fundo.

— O homem que fez ela pular. Ela desejava ele porque fazia ela se sentir bonita, se sentir perfeita. Ela queria ele, e meu pai diz que garotas assim merecem o que acontece com elas, mas Tessa não merecia nada disso... — Tally interrompe a fala e balança a cabeça enquanto me avalia. — Você está perdendo a parte mais importante.

— Não, não estou.

— Ah, sim, você está. — Tally enfia uma mão sob o travesseiro e puxa um punhado de papéis rasgados.

É o resto do diário. Ela o oferece, e antes mesmo de eu sequer perceber o que estou fazendo, pego as folhas.

— Você não leu isto. É sobre a Lily. — Ele a quer. Ela é a próxima.

14.

Eu não sirvo mais para ele. Devia estar chocada, mas estou apenas aliviada.

PÁGINA 84 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— Você está mentindo.

— Não estou. — Os olhos de Tally me estudam, param com interesse nas minhas mãos. Ela vê como elas estão apertadas. — O nome dela está bem aqui.

Lily. Não digo nada. Não *consigo* dizer nada. Estou sufocada.

Tally balança a cabeça como se de algum modo entendesse.

— Página 63. É a primeira vez que Tessa menciona Lily. Você quer saber por que ela está aqui?

Os olhos da Tally encontram os meus, e de imediato sou afetada pelo modo como eles parecem secos, vazios... e familiares. Ela parece uma viciada que procurava meu pai, que chegou depois de quatro dias de bebedeira tão fissurada que seria capaz de mergulhar na gasolina e acender um fósforo.

— Tessa escreveu sobre a Lily no diário porque *ele* achava Lily linda.

Linda. Que palavra legal para vir com uma carga tão violenta. Penso ter de dizer alguma coisa, produzir algum tipo de resposta.

Mas permaneço em silêncio. Não, não está certo, por dentro estou gritando. Mas e por fora?

Por fora, tudo que consigo é um mais suave “O quê?”.

Tally se inclina para frente e desliza até o pé da cama. Seus pés alcançam o chão, e eu dou um passo para trás. Ela parece que vai levantar, mas suas mãos afundam no edredom.

Ela não vai a lugar algum, eu vejo. Ela está se retraindo.

— Da segunda vez que Tessa mencionou a Lily era porque ele tinha decidido que Lily era a Única. Acho que o que ele quis dizer era que a Lily era a *Próxima* Única, porque você quer saber o que ele disse da terceira vez?

Não! Mais um passo para trás.

— Sim!

— Ela escreveu sobre a Lily porque ele tinha decidido que Tessa iria ajudá-lo. — Pela primeira vez, a voz de Tally se abala. Ela respira, segura e então sorri. — Estranho, não? Que Tessa tenha passado tanto tempo escrevendo o nome de Lily, mas nenhuma vez o nome *dele*, mesmo depois de ele querer fazer dela... fazer dela uma parte do que ele fez. Escrevi “Encontre-me” porque pensei que você ficaria mais interessada em descobrir o que se passava se a mensagem viesse dela. Você poderia começar a pensar em salvar Tessa, mas agora... agora é melhor você tentar salvar Lily.

Agora meus ombros estão colados à parede, mas não vamos muito mais longe.

— De que cara você está falando, o do começo? Você não tem ideia de quem seja?

— Não sabia que isso estava acontecendo antes de ela morrer, e ainda não tenho ideia de quem seja. — Tally está torcendo a coberta com as duas mãos agora. Seus braços tremem com a força, mas o rosto permanece tranquilo. Ela ainda sorri. Qualquer um que a visse pensaria que estamos tendo um bom momento juntas.

— Mas aposto que você desconfia de quem se trata.

O sorriso de Tally congela. Os cantos de sua boca se contraem.

— Entenda, você *terá* que descobrir se quiser salvar a Lily.

— Você devia levar isso para a polícia.

— E deixar eles verem como ela pensava que ele era perfeito? — Tally dá uma respirada profunda e sonora e ainda soa como se estivesse engasgando. — Deixar eles verem como ela o desejava antes de acontecer? Como ele disse todas aquelas coisas lindas para que ela acreditasse nele? Eles olhariam para Tessa com outros olhos. Pensariam que ela *mereceu*, como o meu pai diria. E

que bem tudo isso faria? Tessa me falou sobre a sua mãe. Como o seu pai costumava bater nela, como a polícia não conseguiu evitar, e agora... agora eles não são capazes de encontrar nem mesmo o seu *pai*.

Tessa ainda falava de mim? Minhas mãos apertam as páginas arrancadas. Nunca teria percebido. Talvez ela não fosse a única que tivesse deixado nossa amizade escapar. Talvez eu devesse ter tentado um pouco mais.

— Se você ajudasse — Tally continua —, talvez isso fosse diferente.

— É o que você realmente acha?

— Mesmo se eles tiverem o diário, isso não mudará nada. Isso apenas vai machucar a minha mãe e deixar o meu pai furioso. — Tally lança um sorriso conhecido, amargurado. — Você sabe como ele é. Você lembra. Se ele descobrir sobre tudo isso, minha vida se acaba. Nunca conseguirei me libertar. Tessa está morta, mas eu não estou... se ele souber o que Tessa fez, vou desejar minha própria morte.

— Wicket?

Nós duas pulamos. É Todd, está me chamando do andar de baixo. Estou elétrica. Muito satisfeita, disparo para a porta, com Tally no meu encalço. É como ser perseguida por Lily. Talvez todas as irmãzinhas sejam assim. Talvez seja porque elas estejam acostumadas a ver as irmãs mais velhas à frente.

Mas Tally já não tem uma irmã mais velha.

Lá embaixo, tudo continua na mesma. As tias ainda choram. A sra. Wayne parece dopada. Todd ainda parece um boneco Ken.

Estou sendo péssima. Ele parece um herói. Parece alguém capaz de salvar você. Na verdade, penso em lhe contar tudo, correndo pela sala para me abraçar ao seu peito como as outras mulheres fazem.

Estou assustada.

Mas porque estou assustada, não consigo confiar em ninguém senão em mim mesma.

— Você se importa de esperar no carro? — Quando Todd se volta para mim, seu rosto está duro. Meus pés se arrastam pelo chão enquanto tento

estudá-lo. Alguma coisa não está certa por aqui. Há um silêncio se abatendo pela sala, como se todos prendessem a respiração.

— Eu não disse a Jenna o que aconteceu para irritá-lo, Jim. — Atrás de Todd, a sra. Waye está chorando de novo. Ela aperta um lenço nos olhos, e ele ressurge em suas mãos preto de rímel. — Não pensei que Jenna diria a todo mundo.

— Sim, você não *pensou*. — A voz é baixa e odiosa... e familiar. Viro-me lentamente até encarar Jim Waye, mas esse não é o homem de quem me recordava. Há vincos e manchas de suor em sua camisa, e seu cabelo está desarrumado. Todos parecem perto de se despedaçarem, mas Jim *está* se despedaçando.

— Ela tinha o direito de saber — a sra. Waye prossegue, com sua voz aumentando de volume. — Disse a Jenna porque ela amava Tessa. Todos nós amávamos. O mínimo que podia fazer era ser honesta com a *amiga* da minha filha.

O sr. Waye se afasta bruscamente, e por um segundo penso que ele vai bater em sua esposa, mas então percebo que ele não vai fazer nada. Todd acaba de segurar o sr. Waye pela camisa.

— Já chega, Jim.

— Já chega? — O sr. Waye se vira bruscamente com o punho fechado. — Vou lhe dizer o que já chega. Você. O que você acha que está fazendo aqui depois de ir à polícia dizer que eu era culpado?

Todd olha para mim.

— Para fora, por favor. Só mais um minuto.

Como se eu quisesse ficar mais um nanossegundo diante do sr. Waye. Dou meia-volta, e Tally me segue pela porta da frente. Mal alcançamos os degraus, vejo um sedã rebaixado estacionado do outro lado da rua. Sinto o aperto no peito antes mesmo do meu cérebro perceber que se trata de Carson. Ele está um pouco longe de mim, mas acho que me cumprimenta.

— Por que ele está aqui?

— Ele vem às vezes. — As mãos de Tally estão presas às costas, mas ela parece pronta para correr. — Ele vinha um bocado antes de Tessa... morrer. Mas sempre que eu avisava para minha mãe, ele já tinha ido embora quando ela saía pra ver.

Meu estômago embrulha.

— Sério?

— Sim. — A boca da menina endurece. — Você acha que ele liga para gente? Eu não. Sem policiais, Wick.

Dobro as páginas do diário, enfio-as no bolso.

— Você sabe que posso não achar nada, certo?

— Sei. — Tally lança um olhar duro ao sedã, que está à altura de meu ombro. Ela está observando Carson nos observando. — Mas você deveria tentar, pela Lily.

15.

Às vezes ele chora. Diz que nunca quis que isso acontecesse, e está preocupado com o que ele perderá se alguém descobrir.

PÁGINA 21 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Primeiro vem o grito. É alto, indignado e sem sombra de dúvida masculino. O sr. Waye diz que Todd tem de sair imediatamente da sua casa, e a sra. Waye pede a ele que pare. Alguma coisa se quebra.

Então vem o som do contato de carne com carne.

Perto de mim, Tally pula. O.k. *Nós duas* pulamos. Alguém acaba de receber um soco, e por dentro estou pronta para correr.

Mas é Todd que dispara pela porta da frente.

— Não se esqueça — diz Tally.

Tipo, como se fosse possível esquecer essa bagunça toda. Sigo Todd até a Range Rover e, quando olho para trás, Tally se foi.

Todd põe o carro em movimento e vira a esquina passando por Carson como se ele nem existisse. Talvez para pessoas como Todd e Bren, Carson não exista mesmo.

Estudo Todd observando-o de esguelha. Sua respiração é fraca, e a mão que segura a direção está inchada.

— Eles ensinam a brigar na terapia?

Todd olha para os nós dos dedos da mão direita e a enfia sob a perna.

— Não exatamente.

— Mas você briga do mesmo jeito.

Todd me dirige um breve olhar, e há alguma coisa muda como uma nuvem sobre seus olhos. Ele está tentando tomar uma decisão, não demora a fazê-lo.

— Aconteceu porque ele estava mais uma vez ameaçando Becky. Jim perdeu completamente o prumo. Ele está nervoso porque Becky contou a Jenna sem lhe perguntar nada antes. Ele está mais preocupado com o fato de a morte da filha refletir algo sobre sua vida que com a perda em si. Eu lhe dei um soco... pois era o que precisava ser feito.

Concordo. Mas também entendo uma coisa, embora não ache que Todd possa entendê-lo. Ele fez o que precisava ser feito, e eu também vou fazer. O perseguidor de Tessa nunca tocará na minha irmã.

— Jim Wayne ameaça com violência sua família, suas *filhas*, há anos — Todd continua. — Tessa estava com medo dele.

Medo o suficiente para pular de um prédio para escapar?

Paramos num sinal fechado, e Todd examina brevemente sua mão.

— Sabia que Tessa estava com medo... talvez devesse ter feito alguma coisa. Talvez pudesse tê-la salvado.

Olho para fora da janela. É compreensível. Todo mundo pensa assim depois de um suicídio. Acredite em mim, sei tudo sobre as dúvidas e a culpa. Eu me sinto mal por saber que a Tally e a sra. Wayne estão passando por isso. Também me sinto mal pelo Todd. A culpa parece devorá-lo por dentro. Ele parece querer chorar.

Realmente espero que não o faça. Ah, meu Deus, espero que ele não chore. Eu não teria ideia do que dizer. Não teria ideia do que *fazer*. Pessoas não são como computadores. Você não pode consertá-las. Elas são muito complexas.

— Ei, Wicket, vamos manter isso entre nós, o.k.?

A proposta sai de Todd como se escorregasse de sua boca. Ele é tão sério que ela me surpreende — não: na verdade, me assombra — e então... me sinto bem quanto a isso. Bren ficaria mais que louca se soubesse, e ele confia em mim para não contar. Ele está confiando em mim. A delinquente juvenil. A garota em quem ninguém confia para nada.

— Claro — eu disse, parecendo terrivelmente calma para alguém cujo coração acabava de dar uma estranha pirueta. Se ele confia em mim, talvez eu possa confiar nele. Talvez possa lhe contar sobre o diário.

Mas não.

Abaixo o vidro e estendo e abro os meus dedos contra o vento. Está bom para mim. Não contarei, mas talvez não precise. Talvez me baste saber que não sou a única com segredos.

Na hora em que Todd e eu chegamos em casa, Bren já está com o jantar pronto. Assim que abrimos a porta, consigo sentir o calor dos tomates e do alho picado.

— Bren está fazendo macarrão. — Lily nos encontra no corredor, e parece quase reverente. Não posso culpá-la: está cheirando realmente muito bem. Da última vez que comemos espaguete, ele foi preparado no micro-ondas com ketchup por cima. Papai dizia ser basicamente a mesma coisa, mas não é.

Não é *mesmo*.

— Ela já jogou fora duas receitas — Lily continua. — Não estavam perfeitas.

Não consigo entender como isso é possível. Bren é a cozinheira mais perfeita que conheço. Instruções existem para que as sigamos. Todd diz que ela consegue seus contratos de negócios da mesma forma.

— Olá, querido. — Bren brinca com o pão de alho, tirando-o cuidadosamente do fundo quente da frigideira. — Como foi lá?

— O que você acha? — Todd sai da cozinha e bate a porta do escritório. Num instante estávamos todas quietas; então Bren se volta para nós com um sorriso incandescente.

Pena que não foi rápido o suficiente para esconder a dor.

Ou simplesmente eu a reconheci. Naquele instante, ela parecia arrasada porque ele não havia contado a ela o que aconteceu. O desapontamento me fez lembrar da minha mãe.

Eu me sinto péssima por ela.

— Cheira realmente bem, Bren — digo em forma de consolo, e a recompensa vem sob a forma de outro sorriso todo feito de luz. Isso não faz

com que me sinta tão bem quanto... aliviada, como se uma crise tivesse sido evitada, embora Bren não faça o gênero.

Não quero dizer isso, mas o caso é: Bren não é como a minha mãe.

Ter uma mãe com depressão meio que força você a bancar a médium. Você não sabe o que a deixa nervosa. Você não sabe o que a faz chorar. Você não sabe. Ponto. Mas você tenta antecipar o problema, porque sente o momento da crise. Meu pai fazia pior. Ele sentia certo prazer quando acontecia.

— Cheira bem porque vai ficar ótimo. — Lily já está sentada à mesa da cozinha com um garfo numa das mãos. — Lave as mãos, Wick.

Devia dizer não, mas estou com fome — faminta, na verdade. Depois de esfregar minhas mãos no sabão de baunilha que faz Bren sempre cheirar a cookies, eu me acomodo na cadeira mais próxima e vejo Bren acrescentar algum tempero ao molho de carne.

— Encontrei por acaso a mãe de um colega seu hoje — ela disse depois de um instante.

Um colega? Colega que não seja Lauren? Bren me dá o prato, e verifico o tamanho das suas pupilas. Parecem normais, mas ela fala como se estivesse chapada de Windex. Interessante — principalmente porque não tenho amigos. Tenho Lauren, e Bren conhece a mãe de Lauren.

Será que ela se refere à mãe de Griff? Espero que não. Não penso que Griff se qualifique como amigo... embora não saiba exatamente como qualificá-lo.

— Ela estava ótima — Bren continua, passando a Lily um prato cheio o suficiente para alimentar um time de futebol americano. Ela olha para mim. — Wick, querida, sente-se direito. A postura diz muito sobre como você se sente a respeito de si mesma.

Obediente, eu me ajeito na cadeira, e Bren sorri como se tivesse aplicado o mais gracioso dos truques.

— De qualquer modo, ela disse que você faz aula de física com Ronald.

Minha respiração trava. Do outro lado da mesa, Lily espirra.

— Ronald? — Deixo o garfo no prato e tento não tremer. — Você tem certeza de ela ter dito *Ronald*?

Bren estuda o progresso de seu pão de alho, mas, ouvindo minha pergunta, sua cabeça se volta para mim.

— Claro que tenho certeza. Por quê? O que está acontecendo?

O que está acontecendo é que estou muito perto de perder a compostura.

Controle-se, Wicket.

Mordo os lábios, como se estivesse pensando.

— Ah, claro, Ronald. Ele se senta algumas fileiras longe de mim.

— Então você o conhece. — Os músculos do pescoço de Bren relaxam.

— Sim. Apenas havia esquecido seu nome inteiro. — Parei de comer. Isso é demais para o meu apetite. Desse jeito, acho que nunca mais vou comer de novo. — Nós o chamamos de Ron.

E também o chamamos de Joe, o melhor amigo do meu pai. Lily e eu esperávamos a mensagem. É mais ou menos assim: Joe manda sua namorada — ainda que namorada seja um nome forte demais. Talvez prato da semana seja mais adequado. De qualquer forma, a namorada de Joe deve nos contatar sob o disfarce da mãe de Ronald White. Ela manda lembranças para nós pela Bren. Bren, pensando que está falando com uma ótima mãe de Peachtree City e não com uma viciada em metanfetamina, passa o recado.

E assim eu fico sabendo que o meu pai está de volta e que preciso ir à casa de Joe.

Olho para o prato, mas em meus ouvidos o sangue corre forte. Meu pai está em casa. Está *de volta*. E ele nos quer de volta.

16.

Mesmo quando ele não está lá, sinto como se estivesse.

PÁGINA 19 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **Então, nós conversamos** por mais ou menos meia hora — Bren continua, interrompendo-se apenas para examinar o molho de macarrão. — O estranho é que nunca a vi nas reuniões de pais e mestres.

Deus do céu, eles estão próximos o suficiente para alcançá-la. Bren poderia ter sido ferida. Facilmente. Esse pensamento me dá náuseas.

— Lily? — Bren percebe que minha irmã também dispensou a comida. — Vocês não estão com fome? Vocês não gostaram?

— Não, só não estou tão faminta quanto pensei que estivesse. — O tom de Lily é apropriadamente impessoal, mas seu rosto está amarrado, como se estivesse prestes a chorar. Sua mentira poderia ter sido mais bem trabalhada.

— Você se importa se eu comer lá em cima, Bren? — Eu me levanto com o macarrão, sabendo que estou infringindo limites, mas certa de que vou conseguir. Embora Bren não queira que comamos como ciganas, a dra. Norcut lhe disse que Lily e eu podemos ter “problemas com comida” depois de tudo que aconteceu, então ela deve ser delicada se tivermos dificuldade para comer à mesa.

Como era de se esperar, a pele ao redor dos olhos de Bren se enrugou de desapontamento, mas ela consente.

— O.k. Só coloquem os pratos depois na cozinha.

Vamos direto para o meu quarto, onde deixo os dois pratos na mesa do computador e Lily fecha a porta. Por um instante, não dizemos nada uma à outra.

— Você vai? — Lily pergunta por fim.

— Claro que não.

— Mas e se ele ficar bravo?

Sim, e se ele ficar? Balanço a cabeça; ajo como se não fosse grande coisa, como se não temesse a presença dele a cada sombra. — E daí? Ele não pode mexer conosco, Lil. Não se preocupe com isso.

Lily faz uma careta, como se eu tivesse dito que o céu é verde. — Mas... nós precisamos ir. Papai disse.

Tento aproximar o prato de Lily de suas mãos inertes. Ela precisa comer.

— Não precisamos fazer o que ele quer que a gente faça.

— Ele sabe disso?

Concentro-me em ligar o computador, mas ainda escuto todas as questões que Lily não quer perguntar, como: Quem você pensa que é? Ou, você não lembra o que o papai era? Ou, a pior: e se ele vier atrás da gente?

Tenebrosa, essa última.

Hoje em dia a gente tem muito a perder. Talvez eu precise ir. Se Joe sabe quem é Bren, ele certamente sabe onde moramos. E se ele vier aqui à procura da gente... agarro os braços da cadeira.

Não, isso não pode acontecer. Ele não pode vir aqui. Não podemos nos arriscar a ver Bren desesperada. Sermos chutadas de volta à assistência social seria um desastre. Estamos melhor com Bren e Todd. *Lily está* mais a salvo com Bren e Todd.

O que significa que preciso ir.

Não consigo pensar nisso agora. Se pensar, minha cabeça vai explodir, então me concentrarei em Tally e Lily e em como vou proteger minha irmã, pois no fundo, estou certa de que essa é a melhor chance que ela tem.

Veja só, adultos estragam as coisas mesmo quando tentam consertá-las. Não, olhe só. Eles estragam as coisas especialmente quando tentam consertá-las. Quero dizer, pense sobre como eles tentaram nos salvar do nosso pai, como eles tentaram ajudar a nossa mãe. Fracassos por todos os lados.

De certa forma, penso eu, não foi culpa deles. Eles estão cerceados por leis. Mas eu não estou.

Posso fazer minhas próprias regras. On-line, estou no comando. Controlo o mundo. Posso encontrar esse sujeito.

Passo rapidamente os olhos por Lily, que está lendo no chão do meu quarto. Ela me traiu, mas ela fez isso para salvar outra pessoa. Minha irmã talvez não aprove o que faço, mas ela crê que posso ajudar. Não estou certa de como me sinto em relação a essa confiança.

— Você contou a Tally Waye sobre mim.

Os olhos de Lily se erguem.

— Sim.

— Devia ser um segredo, Lil. E quanto àquela parte de “não conte às pessoas”? Você não tinha entendido?

— Queria que você tivesse a oportunidade de fazer algo de bom pela primeira vez.

Pela primeira vez? Pela primeira vez!

— Eu ajudo as pessoas.

— Sim, mas quantas vezes elas realmente precisaram? Tessa tinha um namorado que a fazia sofrer.

— Namorado? Ela alguma vez te disse o nome dele?

— Não, mas você devia encontrá-lo para que ele saiba o que fez. — Lily põe uma mecha de cabelo loiro cacheado atrás da orelha. É um pequeno gesto, mas ela parece tão... frágil.

Será porque ela sempre foi?

Ou porque agora sei o que está acontecendo?

De todo modo, isso não muda o que tenho de fazer. Pego as páginas do diário, forço-me a lê-las e... é inútil. Nada mais que emoções lançadas à página. Não quero ler as impressões de Tessa sobre ele. Quero saber como eles interagem. Preciso de evidências.

Há um jeito. Levo minha cadeira para perto da mesa, ligo o computador e começo a hackear a conta de e-mail de Tessa Waye.

17.

Tenho tudo que qualquer pessoa poderia querer. Pareço normal. Pareço feliz. Isso me faz pensar quantas outras garotas não estão fingindo.

PÁGINA 51 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Meia hora depois, já consigo o acesso.

Geralmente vale uma dancinha. Aprendi a do Passarinho Sujo assistindo futebol com o Joe, a da Galinha Requebrando com a Lauren. Mas e agora?

Desta vez não rola. Desta vez estou apenas triste.

E muito paranoica.

Não posso me permitir nenhum deslize. Não apenas por causa da polícia. Tenho certeza de que posso despistá-los mesmo que estejam conferindo todas as contas. É por causa da família de Tessa. Lauren não é a única que anda indo muito à terapia. Sei com o que estou lidando aqui, poderia tratar do assunto tranquilamente no jargão da dra. Norcut.

Já se vão quatro anos desde que minha mãe cometeu suicídio, mas ainda consigo sentir todos os momentos e horas e dias que se seguiram. Quando pensava que estava superando e não estava. Quando eu entendi que já devia saber que ia acontecer e parar de sofrer.

Embora, como a dra. Norcut sempre me lembra, não pudesse.

Queria acreditar nela.

Mas não importam quantas vezes as pessoas dizem que entendem... elas não entendem. Ninguém saca o que é ficar entre o que você tem e o que você não tem. Sua nova realidade se instala sobre a vida antiga, mas você não consegue, não consegue, não consegue esquecer o fato de que você já não tem mais mãe... ou filha.

E como você vai conseguir viver sem elas?

Se os pais da Tessa soubessem que há alguém conectado na conta de e-mail da filha, eles imediatamente pensariam que talvez, de algum modo, ela estivesse viva e verificando seu e-mail. Irracional, sim, mas é o que eu teria pensado — o que eu teria *desejado* — até que recobrasse a razão.

Então eles se perguntariam que tipo de pessoa asquerosa faria isso, talvez a imprensa ou algum odioso colega de classe. Eles ficariam preocupados, ponto. Quero evitar-lhes o constrangimento.

Por isso, estou agindo ainda com mais cautela que a usual, mas passo por tudo. Por todos os e-mails deletados, por todos os e-mails enviados, tudo que ela salvou, e não há nada — absolutamente *nada* útil. Como é possível?

Ela tinha de ter contato com esse cara. Só preciso descobrir como eles faziam. Registros de telefone celular são sempre um ótimo ponto de partida, e se eu tivesse acesso à conta de e-mail do sujeito, não seria difícil consegui-los. É só acessar a opção “Esqueceu a senha?” da companhia de telecomunicações, enviar a senha provisória para o e-mail hackeado e, *voilà*, estou dentro.

Mas neste caso não vai funcionar. Tessa estava coberta por um plano de telefonia familiar, e eu perderia muito tempo tentando encontrar o e-mail associado à companhia.

Esfrego a pele entre os olhos, sentindo o início de outra dor de cabeça, provavelmente por falta de cafeína. Estou sem pelo menos duas canecas de café, e isso faz com que eu me sinta confusa e desanimada.

Não sei há quanto tempo estou olhando para o computador, mas Lily está dormindo na minha cama há horas. Há algum tempo, escutei Todd e Bren começando a assistir a um filme, mas mesmo eles estão em silêncio agora.

Estalo os dedos e decido mudar a estratégia. Se o e-mail é um beco sem saída, tentarei alguma outra coisa. Abro uma nova janela, faço o login na página de Tessa do Facebook — o que é fácil, pois é a mesma senha do e-mail — e leio todos os comentários postados em seu mural. Muitos falam e falam sobre como ela não poderia ter desistido e como seus amigos sentem falta dela. Eu não devia ficar lendo, mas não consigo parar.

Pobre Tessa. É assim que eles se lembram de você? Matthew Bradford posta que está “triste por ela não ter suportado”. Jenna pensa na garota que tinha “medo”. Isso me irrita. Há mais coragem no salto de Tessa do que eles jamais conseguirão compreender.

Clico em Amigos e desço o cursor pela lista de nomes, reconhecendo quase todo mundo da escola.

Jogador de futebol... jogador de futebol... Griff. Fico pensando se foi ele que enviou a solicitação de amizade ou se foi ela.

Isso não importa, mas importa.

Continuo rolando a página. Líder de torcida... nossa, Layla Howard. Com praticamente nenhum talento social e ainda menos noção de moda, a pobre Layla faz com que eu me sinta normal. Gosto de ver que ela e Tessa eram amigas, mesmo que só de Facebook. Aposto que Layla ganhou o dia.

Então vejo o nome logo abaixo do de Layla. Michael Starling. Não é familiar. Clico no nome, e ele me leva a uma página quase vazia. Há alguma informação no topo — data de aniversário, coisas do gênero —, mas nenhuma postagem de mural... e nenhum outro amigo além de Tessa, embora ele diga que está em nossa escola.

Interessante. Clico na única foto do topo. Ela fica maior e mostra um cara bonito e loiro, com seus dezoito ou dezenove anos. Ainda não reconheço o nome, mas o cara me parece estranhamente familiar... e de uma maneira não muito legal.

Ele parece irreal... e é isso que me intriga. Não conheço o cara, conheço a imagem — e, mais especificamente, a camiseta da imagem. Lauren mostrou-a para mim quando estava encomendando um presente de aniversário para o irmão e quis minha opinião. Abro o Google Images e procuro camisetas polo da Ralph Lauren... e lá está. A terceira de cima para baixo. Michael Starling está usando um modelo da Ralph Lauren para sua imagem de perfil.

Isso é estranho. Todos os outros amigos de Tessa no Facebook parecem ser da escola. A não ser que Michael seja uma daquelas exceções ao estilo amigo-do-amigo-do-amigo, ela devia saber que a imagem é falsa. Então ela é

falsa porque Michael é um sujeito de duzentos quilos que não sai de casa e se esconde atrás de imagens de modelos genéricos, ou é falsa porque tenta se misturar a seus amigos?

Alguns pais verificam as contas de Facebook dos filhos, e não preciso ir muito longe para pensar que os de Tessa faziam o mesmo. Inserindo alguma informação pessoal e mostrando que “está matriculado” na nossa escola, Michael parece normal. O pai ou a mãe de Tessa provavelmente foram enganados pela aparência dele. Michael Starling poderia ser o “ele” sem nome?

Poderia ser... mas não é o suficiente. Vou ao mural de Tessa mais uma vez e desço um pouco mais, procurando postagens mais antigas. Não são muitas. Considerando a popularidade de Tessa, isso parece estranho. Ela achava o Facebook bobagem? Ou era algo mais? Ela era bastante seletiva sobre o que escrevia em seu diário. Talvez fosse a mesma coisa.

Continuo descendo, clicando no link de postagens antigas até que chego a entradas de um ano atrás. É interessante perceber que a atividade on-line de Tessa nessa época era maior. Encontro os cumprimentos de amigos e comentários sobre planos de fim de semana, mas também o link para um artigo de jornal do National Night Out, evento de prevenção ao crime e uso de drogas, e Tessa diz que se tratava de “Outro fim de semana com meus pais”. O próprio artigo é bem leve — falando de envolvimento comunitário, o que não será de muita ajuda.

Então vejo uma imagem perto do fim da página. A legenda é “Os líderes da comunidade local contra o crime”, e é aquela foto de grupo bem comum, com todos alinhados e sorrindo. Fico um pouco surpresa de ver Bren e Todd na ponta direita, todos felizes, alegres e relaxados uns com os outros, mas é o tipo de lance comunitário que Todd adora, então acho que faz sentido vê-lo ali. Na ponta esquerda há um sujeito que não reconheço, e ao lado está Jim Waye.

Ele está no centro da fotografia, com um sorriso de convidado de programa de auditório e com um braço aninhando Tessa bem junto ao seu corpo. Ela parece desconfortável e dura, os olhos voltados para o lado como se estivesse mirando outra pessoa.

Aumento a imagem. Tessa está olhando para Carson. O detetive — as mãos enfiadas nos bolsos e o olhar incomodado — está bem à esquerda. Ele parece esquecido do fotógrafo e olha para a direção de Tessa também. Coincidência?

Talvez, mas então me lembro daquilo que Tally dizia sobre Carson ir com bastante frequência à sua casa. Chego mais perto do computador e tento avaliar a expressão do detetive.

Ele parece puto da vida. Por quê? Talvez porque não goste do sorriso apelativo de Jim, ou porque esteja apenas cansado ou talvez enciumado de outra pessoa estar tocando Tessa.

O último pensamento deu um estalo em minha cabeça.

Mas, como Michael Starling, não é ainda uma boa evidência. Preciso de algo mais. Fecho a imagem e cliço no retorno de página até que volto à página pessoal de Tessa no Facebook. Não há novas postagens em seu mural, e por um instante leio e releio o comentário de Jenna.

Talvez seja por isso que abro de novo o diário — porque não restam opções e estou num beco sem saída. Faço um esforço, digo que é apenas outro trabalho — embora cada palavra me faça pensar se era assim que minha mãe se sentia ou, ainda pior, se é assim que Lily reagiria se ele se aproximasse dela.

Levo uma hora para terminar, e, quando chego ao fim, vejo que não saí do lugar. Não há nada de útil. Acho que o sujeito é mais velho. Tessa escreve que ele estava “preocupado com o que perderia” se alguém descobrisse — e isso não indica que fosse um garoto da escola. Então, mais uma vez, eles começaram como amigos e se tornaram algo mais... e acabo pensando que se trata de um colega de classe.

Tessa o queria, mas, depois de terem dormido juntos, ela aos poucos começou a sentir medo dele. Ela tentou encerrar a história, e *foi quando* tudo descambou em violência. Se ele era mais velho, isso significa estupro. Mesmo se tivessem a mesma idade, continuaria sendo abuso. Assim que ela lhe disse não, ele começou a espancá-la onde ninguém veria as marcas.

Acomodo-me no encosto da cadeira, esticando-me até que sinto o estalo na coluna. Realmente não sei o que fazer. Não tenho nenhuma pista. Não sei de nada, exceto que estou lidando com um tipo muito específico de monstro, que esconde suas vítimas aos olhos de todos.

Preciso de mais informação, mas ele está tão escondido que não tenho ideia do que fazer. Como tirá-lo da sombra?

Com uma isca.

Aproximo-me do computador, sacudindo o mouse até que a tela sai do modo de espera. Nunca hackeei sem algum plano anterior, e o que estou prestes a digitar não tem plano algum. Não é sequer uma boa ideia. O que estou prestes a digitar é uma bala atirada no escuro para ver se alguém vai atirar de volta.

Em outras palavras, é um lançamento desesperado na direção do gol, e eu detesto esse tipo de coisa.

Clico na caixa de comentários do Facebook no topo da página de Tessa — peço desculpas mentais à sra. Waye — e pressiono os pés contra as tábuas do chão, porque parte de mim está com medo do que surge na tela enquanto digito:

sei quem me matou.

18.

Depois que fizemos, eu corri. Corri, corri, corri. Devo ter me afastado uns cinco quilômetros, mas não importava. Todo aquele espaço, e eu ainda soluçava sob um céu que tinha a mesma cor de seus olhos.

PÁGINA 33 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Joe vive no extremo oeste de Peachtree City, num subdistrito chamado Wynnmeade, e até aquele cerco matinal, quando os policiais vieram em busca do meu pai e encontraram a mim e Lily em seu lugar, nós moramos lá. É um lugar engraçado. Dirija cinco minutos para dentro da cidade e você verá casas de milhões de dólares. Aqui você encontra famílias latinas de nove, dez membros, todos vivendo numa mesma casa. Você também pode comprar metanfetamina de alguns dos vendedores ligados ao meu pai. Enquanto as outras crianças iam para a colônia de férias, eu aprendia a codificar. Enquanto os outros pais ensinavam suas filhas a jogar futebol, o meu me ensinava a fraudar. Acho que o jornal uma vez chamou o bairro de “praga”, mas Lily e eu sempre achamos que fosse o nosso lar.

Estou quase na varanda da frente quando a porta se abre. Joe Thompson, o melhor amigo do meu pai e meu “mentor”, caminha tranquilo pelas tábuas empenadas. A madeira range sob seus pés. Imenso por definição, Joe deve ter engordado mais uns trinta quilos desde que o vi pela última vez. Parece uma baleia orca enfiada em roupas de ser humano.

— Ora, ora, se não é Wicket Tate em carne e osso.

— Sem teatro, Joe. — Fico ao pé da escada e o encaro com postura decidida, embora esteja certa de que mais pareço ter sido arrastada pela estrada. Uma caminhada de oito quilômetros descendo trilhas de bicicleta sob uma temperatura de trinta graus não faz muito bem à aparência, mas poupa

explicações caso lhe perguntem se você precisa ou não do seu pai adotivo para uma carona. — O que você quer?

— Queria saber se você viria quando fosse chamada.

Não disse nada, principalmente porque não havia o que dizer. Odeio a ideia de ele poder dispor de mim dessa forma, e ele sabe disso.

Joe passa a mão na boca, mas não faz nada para esconder o riso. Há algo de sombrio e de satisfação nos seus olhos. Ele parece cheio de segredos.

— Bom, você vive agora naquela casa imensa, vestindo todas aquelas roupas bonitas. Pensei que você talvez já se achasse boa demais para sua própria família.

Família. Ótimo, se isso não me faz ter vontade de me esfregar com alvejante, nada fará.

— Você anda me vigiando, Joe? — Não sei o que me deixa mais passada: se ele está me espiando ou se estou tão preocupada com Carson que nem percebi.

— Sim, ando. — Joe me provoca para que eu lhe responda mal. Mas olho para suas mãos do tamanho de uma luva de beisebol e desisto. Da última vez que ele me acertou, minha orelha doeu por uma semana.

Joe me olha de cima a baixo mais uma vez. Você pode ver nos seus olhos: roupas diferentes, a mesma menina. Ele pensa que sou uma covarde, e provavelmente está certo.

— Entre. — Joe abre a porta de tela e pede para que eu passe sob seu braço. Essa é a parte em que devo caminhar para dentro como uma pequena e boa hacker, mas não me mexo. Não sei se consigo, na verdade. Se passar a soleira da porta, encontrarei minha antiga vida.

Joe me dirige um sorriso conhecido.

— Eu te vi na rua com aquela mulher com quem você mora agora — ele diz. — Vocês pareciam terrivelmente à vontade juntas. E tem também aquela garota de cabelo castanho com quem você anda. Tem um sorriso tão bonito que minha vontade é de destruí-lo.

Bren e Lauren. Por um instante tenho vergonha de mim mesma. Tomo todas as precauções para fazer amizades. Tomo todas as precauções antes de deixar as pessoas se aproximarem. Tornei-me vulnerável.

Tornei Bren e Lauren vulneráveis.

Olho para Joe e percebo que não estou voltando à minha velha vida. Nunca deixei minha antiga vida. O que quer que Joe queira, vou entregar.

E nós dois sabemos disso.

— Espere na sala de estar — ele diz enquanto passa. — Sua noção de tempo não podia ser melhor. Teremos uma reunião. Heather já está aqui, mas o outro sujeito está atrasado.

Tento olhar por entre a cabeça e o braço de Joe para dentro da sala de estar. Ali, garrafas de cerveja vazias e caixas de pizza estão jogadas pelo chão e uma garota magra e loira — *Heather, eu suponho* — está jogada sobre a poltrona. Ela olha quando entro, e seus olhos se contraem.

Acho que não seremos amiguinhas. Eu a ignoro, vou ao sofá e tenho de jogar no chão uma pilha de revistas de nudez feminina e catálogos de computador para poder sentar. O tecido sob minhas pernas está ao mesmo tempo duro e grudento. Rezo para que seja apenas suco ou refrigerante, pois *não* quero pensar em outras coisas.

— O que você quer, Joe? — Encosto no braço do sofá, tentando me ajeitar, e vejo Joe parado perto da janela da frente. Ele parece nervoso, e eu não gosto disso. Começo a procurar a saída mais próxima.

O que ele está procurando? Está preocupado com os policiais? Carson? Não me agrada a ideia de ser pega aqui com Joe. A própria ideia faz minha pele ficar imediatamente coberta de suor.

— Não posso ficar aqui pra sempre, Joe, ou eles suspeitarão. O que você quer?

— Sossegue o facho. O idiota estará aqui logo mais.

Que lindo. Fico imaginando qual não será meu apelido por aqui. Só que não quero saber. Claro que deve ser pior. Quero, no entanto, saber o que está rolando com a nova namoradina de Joe. Heather não parece muito legal. Ela está

encolhida em si mesma. Com os joelhos dobrados daquele jeito, consigo ver os ossos através de sua pele. Mais uma viciada.

Ofereço-lhe minha mão.

— Sou Wicket Tate.

— Eu sei — ela diz, olhando para minha mão aberta como se fosse mordê-la. Atrás de nós, parece que Joe está rindo. Acho tudo bem engraçado. Eu, tentando fazer amizade com uma viciada fissurada. Fui, e sou, muito melhor que isso.

Como se não tivesse outra coisa a fazer senão sentir pena dela.

O que acaba acontecendo de todo jeito.

Ótimo. Que seja. Encosto a cabeça contra as almofadas velhas do sofá, forçando uma respiração longa e profunda. Funciona um pouco. Meu coração fica um pouquinho mais leve. A dra. Norcut ficaria muito orgulhosa.

— Então isso tudo tem a ver com meu trabalho?

Joe funga.

— Mas não é que você é um gênio?

Bom, se estivermos julgando pelas pessoas desta sala.

— Diga-me, quando começamos a discutir sobre negócios na frente de viciados?

Heather ressurgue das trevas, os dedos arquejados como garras.

— Não sou uma viciada!

— É o que você diz a si mesma? — Olho para ela. — Sério?

— Cala essa boca suja, Wick. — Joe dá um passo em nossa direção, e eu fico nervosa. A essa distância, ainda posso escapar facilmente desse idiota obeso. Conheço a casa de Joe o suficiente para saber que se eu pular o sofá e correr para a cozinha consigo fugir pela porta dos fundos.

Mas ele ainda saberia onde me encontrar.

Joe me encara.

— Heather está limpa. Ela é parte do trabalho. Uma parte necessária do trabalho. — Ele aponta um dos dedos em sua direção. — Mostre sua voz, querida.

Heather afunda em sua poltrona e limpa a garganta umas duas vezes. Quando ela finalmente fala, sua voz já não tem nada de rispidez. Em vez disso, soa doce como mel aquecido pelo sol.

— Essa foi “Total Eclipse of the Heart”, com Bonnie Tyler, e eu sou Larissa Miller e por hoje é só. Fiquem em paz, e até amanhã. — Larissa observa uma mancha de sua blusinha e tenta se desfazer dela. — Serei uma âncora de rádio, e então terei meu próprio programa de entrevistas. Serei como Nancy Grace.

Bom, sonhar é viver, Heather. Olho para Joe. Ele está pensando em dar um golpe por telefone com essa garota? Ele deve estar muito louco, mas interpreta meu espanto como se eu estivesse impressionada.

— É isso aí — ele diz. — Heather tem a voz de um anjo. Ninguém vai suspeitar dela. Então cala essa boca imunda, Wick. — Do lado de fora, escutamos o ronco baixo de uma motocicleta chegando. Joe se endireita e corre para a janela, abrindo ainda mais a cortina suja. — Ah, o idiota está aqui. Esse menino é tão bom no computador quanto você, Wick.

Joe abre a porta e olho em sua direção, pronta para cumprimentar o Idiota. Talvez o chame de Idi para quebrar o gelo. Talvez o chame de *Pequeno Idi* para ficar mais multicultural.

Mas quando o menino passa pela porta, sei que não farei isso. Só posso chamá-lo de um nome.

Griff.

19.

Há outras como eu? Ele teve outras garotas? Ou eu sou especial?

PÁGINA 23 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Tento me controlar para não ficar de boca aberta. Não é possível. Griff não pode ser um hacker. Ele é quieto demais. As notas deles são boas demais. Ele é tão...

Ele é tão igual a mim. Perceber isso dói. Estamos escondendo os mesmos hábitos, a mesma máscara. Vivo de observar o que há por baixo da superfície das pessoas, e nunca havia suspeitado disso.

— Você tem o novo firewall? — Joe pergunta.

Griff meneia com a cabeça e saca um pen drive de sua jaqueta jeans. Ele o entrega a Joe, que o conecta a um dos laptops à esquerda da mesinha de centro, deixando-nos todos olhando uns aos outros enquanto ele passa pelos arquivos.

Acho que essa é a parte em que Griff e eu devemos nos cumprimentar. Não sei dizer se ele está surpreso de me ver também. Seu rosto não tem expressão, e ele não diz uma palavra. Poderia ser o Griff de um dia qualquer, exceto por seus olhos duros. Eles parecem atentos, como se estivessem me vendo pela primeira vez.

O que, em certo sentido, é verdade.

A ideia me faz piscar. Não consigo lidar com isso, então olho para Joe. Joe e seu golpe estúpido e simplório. Mas você percebe que não é tão simples quando ele começa a revelar seu funcionamento. O plano é: Joe organizou uma sociedade de caridade dentro dos trâmites legais, inclusive com site. Ele diz a todo mundo que está coletando dinheiro para as vítimas de um tornado.

A Geórgia foi bastante afetada nesta primavera. No que se refere a um golpe, tudo vai bem em alguns níveis.

Em primeiro lugar, ele parece legal para a polícia. Eles poderiam suspeitar, mas precisariam de mais evidências para conseguir um mandado, e evidências levam tempo. A velocidade é fundamental num golpe com cartões de crédito. Quando a polícia conseguir o que precisa, já estaremos longe.

Depois, este esquema tocará a piedade das pessoas. Quase todos sentiram o horror das imagens. Cidades inteiras devastadas. Pessoas cujos pertences se reduziram a nada. As pessoas lesadas ficam mais afeitas a liberar informações de cartão de crédito quando pensam se tratar de seus vizinhos.

E com o aspecto legal do site e toda a documentação em dia, elas ficarão ainda mais à vontade para revelar as informações de seu cartão de crédito. Essa é a beleza do plano — eles não estão roubando suas informações financeiras. Essas pessoas estão oferecendo-as a ele.

— Quero deixar claro que estamos à distância de tudo. Heather ligará para eles e obterá as informações de e-mail. — Joe faz Heather sair e desaba em sua poltrona, suando. — Isso deixará claro a eles que não estamos pedindo dinheiro logo de cara. Nós os direcionaremos ao site e diremos a eles que depositem ali suas doações.

E essas são as doações que serão reportadas à Receita Federal, dando sequência à organização de fachada de Joe. Passo a mão na testa. Há um leve latejar atrás dos meus olhos, outra dor de cabeça surgindo. Bravo, Joe. Você realmente acaba de migrar do comércio de metanfetamina ao roubo de cartões de crédito.

— E quando enviarmos a eles as confirmações de e-mail, quando aqueles imbecis ricos clicarem para pedir a impressão da sua confirmação de doação, você os pega, Wick — diz Joe, olhando para mim com seu rosto vermelho.

Não quero vê-lo. Fecho os olhos, mas não ajuda. Sua expressão está tatuada no verso das minhas pálpebras. Conheço suas feições porque eu as trago comigo. Joe adora ser perseguido, e eu odeio, odeio, odeio que isso seja algo que compartilhamos.

— Griff sabe tudo de firewalls — Joe informa.

Sério? Tão bom quanto é em design gráfico? Abro os olhos, dou uma respirada. Gosto mais dele como artista.

— Não posso fazer isso, Joe — eu digo. — Já estou sob vigilância.

— Aquele policial magrelo? — Joe descarta a objeção dizendo que Carson não preocupa, nem é um perigo. Joe não tem ideia, e isso me assusta ainda mais.

Concentro-me na pele entre seus olhos.

— Sim.

— Ele ainda não é um problema. Sem mandado, né? Sem brechas de segurança? — Joe vem à frente. O suor forma contas sobre seu lábio superior. — Porque vocês precisam ter certeza disso.

Trocamos olhares. Consigo entender o que está rolando. Para ser sincera, já vi a coisa toda antes mesmo de abrir a boca com alguma objeção. Não sei por que perco meu tempo tentando cair fora desse lixo. Uma vez que você se torne útil às pessoas erradas, nunca se liberta. Não funciona desse jeito.

— Então...? — Joe está ficando puto de novo. Suas mãos começam a se fechar e, instintivamente, me encolho. — Os policiais te rastrearam?

Meu nervoso se desfaz, e eu quase começo a dar risada. *Como se.* Mais uma vez, se eu dissesse sim e falasse que estava comprometida, ficaria sem utilidade para eles. Estaria fora.

Por um breve e reluzente instante, vejo-me longe de tudo isso, mas a realidade surge no horizonte. Sei demais para me deixarem ir embora. Vou da inutilidade à obrigação e, observando os punhos de Joe, sei bem como ele trata as obrigações.

Engulo em seco.

— Não, eles não me rastrearam.

— Então estamos bem... pelo menos por um pouco mais de tempo. — Joe repousa as mãos sobre a barriga. Por um segundo, ele parece um Buda no corpo de um sujeito que bate em mulheres. — Não banque a espertinha comigo, Wick, ou as coisas vão engrossar para o seu lado. Há muitas maneiras de te machucar, e lembro bem como seu velho costumava fazer.

Meneio a cabeça. Quero que Joe cale a boca, porque sei onde isso vai parar. Tinha cinco anos quando meu pai destruiu minha única boneca, oito quando ele se livrou do meu cachorro e dez quando ele quebrou o braço de Lily. Tudo para me punir.

E Joe acompanhou tudo isso. Sabemos como isso funciona. O amor é um elemento na barganha. O cuidado é perigoso. Perigoso para mim, mas também — e *principalmente* — para todos com quem me preocupo.

— Você pode até achar que, porque seu pai está foragido, você está fora do seu alcance, mas nunca estará. Ele sempre terá a mim, e eu sempre terei acesso ao seu pessoal.

Seu pessoal. Seus vendedores de droga. Seus viciados. Pessoas que têm medo de Joe e do meu pai e das pessoas que querem sua aprovação. Minha vida não vale coisa alguma para elas. E a vida de Bren, Todd e Lauren vale ainda menos.

— Dou um jeito em você a ponto de te fazer perder tudo, sacou? — Joe olha para mim. — *Sacou?*

— Sim — respondo, e se não vi mal acho que Griff assumiu uma postura mais dura. Mas sei lidar com isso. É idiota pensar que ele se preocupa. Então olho para Joe. Escuto toda a nova explicação sobre o esquema, e sei, sem nenhuma dúvida, que isso é o que sou e o que sempre serei.

20.

Todos pensam que sou uma boa garota. Se eles pelo menos soubessem.

PÁGINA 11 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Uma hora mais tarde nós estávamos na varanda de Joe, a luz do pôr do sol fechando nossos olhos. A julgar pelo modo como os apertávamos, seria possível dizer que a luz do sol é uma inimiga natural dos hackers. Estudo a pele branca de Griff e meus braços igualmente pálidos e penso que estou perto de uma resposta.

— Você está bem? — Griff pergunta.

Se estou bem? A princípio, a pergunta me surpreende; depois me deixa triste, pois não sei o que responder.

— Sim, claro. — Você até poderia pensar que agora eu me sentia mais confortável ao lado dele. Aparentemente ele é como eu. Ele rouba. Ele mente. Ele se aproveita do impulso natural das pessoas de ajudar o próximo. Mas isso não faz com que eu me sinta bem de maneira alguma. Estou olhando para uma das poucas pessoas para quem eu devia ser capaz de dizer alguma coisa, mas não consigo pensar numa só palavra.

— O que você acha do trabalho?

Faço uma careta.

— Ah, parece fácil. Nada como saber que Joe está transando com uma viciada que ele envolve num golpe para eu sentir conforto no coração.

Parei amargurada, e realmente estou. É perigoso para Joe fazer isso. Não se pode confiar numa viciada. Se alguma coisa der errado, certamente virá da parte de Heather. São muitas as vidas ligadas a isso tudo. Lauren, Lily, Bren, Todd. Nomeá-las faz meu peito doer.

Griff aponta com o queixo a moto estacionada à frente da garagem.

— Você quer uma carona para casa?

Ha! Bren morreria se me visse na garupa de uma motocicleta. Passo a mão sobre os músculos tesos do meu pescoço e lembro que ela morreria se soubesse de tudo isso.

Deixo minha mão cair.

— Não acho que seja uma boa ideia.

— Por que isso? — A voz de Griff está equilibrada como sempre, mas seus olhos ainda parecem duros.

Porque eu não posso confiar em você sem achar isso uma piada. Porque você está usando seus talentos para o mal, mas quando olho para você ainda vejo o cara que não deixou que Matthew Bradford socasse a namorada. Porque vejo o cara que os professores adoram, e isso o torna...

Perigoso?

Não quero saber. Vê-lo envolvido em tudo isso me desaponta mais do que quero acreditar. Quero saber como ele chegou aqui, mas não acho que seja capaz de lidar com os detalhes. Gostava mais dele antes.

— Você não precisa ser legal, Griff.

Alguma coisa se move dentro daqueles olhos verde-garrafa de novo, mas vou para a calçada, caminhando rápido o suficiente para não ter de pensar no caso.

Mas ele vem até mim.

— Deixe eu te dar uma carona. Vai ser mais de uma hora andando, certo?
— A mão de Griff toca no meu braço, e eu tento evitá-lo bruscamente.

Um movimento bobo. Só fez descer seus dedos por meu braço, deixando um rastro de formigamento pela pele.

— São quarenta minutos.

— Então venha comigo. — Griff tira o cabelo da frente dos olhos. Conheço o cara há quase três anos e ele está sempre precisando de um barbeiro. Mas eu não o havia percebido de verdade até agora. — Quarenta minutos se transformam em dez.

— Não.

— Então vou caminhar com você.

Dou mais um passo, mas não está funcionando. Griff me segue. Qual é a dele? Ele é um criminoso com consciência? Não quer que eu caminhe para casa sozinha?

— Não.

— Por que não?

— Porque sua moto está aqui.

— E daí? — Ele está perto de novo. — Eu venho buscá-la depois.

— Se ela ainda estiver aqui. — Olho para Griff como se ele fosse um idiota, e isso não estaria muito longe da verdade. — Você devia saber como é fácil roubar esse tipo de coisa. Quero dizer, tudo que uma pessoa precisaria é de uma van e de dois caras para levá-la e...

Acabo de cair no seu argumento.

O sorriso de Griff se ilumina como um sinalizador aceso.

— Exato. Então você devia dizer sim, e minha moto não será roubada. Venha.

Relutante, eu o sigo. É uma carona para casa, pelo amor de Deus — nós não estamos nos casando. Não significa nada. Exceto pelo fato de que parece que significa. Antes de hoje, nós mal nos falávamos, e agora eu sei o que Griff realmente é... mas eu ainda o vejo como um cara legal.

A Honda de Griff é baixa, de cor preta e estilo minimalista. Quase sem partes cromadas. Sem acessórios. Mesmo a marca é apenas uma tira preta brilhante colada sobre o tanque preto. Não é o que eu imaginava para Griff.

Mas é perfeita para ele.

— Você gostou? — Ele me dá um capacete reserva. Hesito, quase pergunto se ele está reservado para todas as periguetes que Griff pega, mas então decido não me dar o trabalho. Não é da minha conta, e, de qualquer forma, não quero saber.

— Sim, é uma moto legal. — Ponho o capacete e aperto o cinto para o queixo. Ele se encaixa bem na cabeça, mas o que é bom para ocasionais acidentes é péssimo para o cabelo.

— É uma moto com um aspecto diferente — comentei. — Você não vê muitas Honda como esta por aí.

O rosto de Griff se acende como se eu tivesse dito alguma coisa maravilhosa. Isso meio que me faz me encolher e ficar vermelha.

— Não — ele explica. — É um modelo antigo. Todo mundo aqui curte as Harley, mas esta é uma Honda CB 400 ano 1978. Meu pai e eu a modificamos para ser uma *café racer*.

Não tenho ideia do que isso significa, mas sorrio de todo modo. Está ficando cada vez mais fácil sair com ele, mas não quero pensar demais a respeito. Griff também sorri, mas, assim que deslizo atrás dele, seus ombros se armam.

Que maravilha, ele não gosta do meu toque. Tento me ajeitar melhor, dar um pouco mais de espaço entre nós, mas o braço direito de Griff serpenteia ao meu redor para me trazer mais para perto. De repente, estou apertada às suas costas, meu coração batendo no peito como um par de tênis dentro de uma secadora.

— Você está bem?

— Hum, sim. — Minha mão direita começa a procurar algum lugar em que se prender. A moto não tem nenhum. Se quero ficar em cima da moto, preciso me agarrar a Griff. — Então, como você sabia onde eu morava? Como você sabia que aquela era minha janela na outra noite?

— Sei muito sobre você.

Especialmente agora. Griff liga o motor, e a moto dá um tranco para a frente como se quisesse decolar. Ele lança um olhar rápido por sobre os ombros, sorrindo mais uma vez.

É o capacete que deixa meu rosto quente. Não, não foi ele que me fez corar.

— Você “sabe muito” sobre mim? Você me vigia, Griffin?

Seu sorriso fica ainda maior.

— Gosto quando você parece má. Não seja covarde, Wick. Segure em mim.

— Certo. Como se você me assustasse — retruco, e me forço a passar uma mão ao redor da sua cintura. Griff não é o que eu poderia chamar de um corpo trabalhado. Não é como alguns dos jogadores de futebol ou de lutadores que ficam de lá para cá com seus bíceps torneados como se tivessem gomos e nenhum pescoço. Ele é... magro. Seco. E quando meus braços passam por sua cintura, percebo que é também incrivelmente duro.

Vou um pouco para trás. Isso é uma coisa que realmente não preciso saber — embora esteja mais uma vez me agarrando firme a ele, ainda mais que antes, pois Griff acelera para a rua, deixando um cheiro de borracha e fumaça atrás de nós.

Ótimo. Fantástico, na verdade. Passamos a esquina, em direção à rodovia, e meu coração pula. É mais rápido do que esperava. Muito mais rápido. Griff parece gostar da velocidade e, para ser sincera, eu também. Quanto mais rápido eu fugir de Joe e do meu pai e seu plano, melhor.

No entanto, tudo isso me cobre como se fosse uma nuvem. Pressiono o rosto no ombro de Griff e escuto meu medo ganhar pulso e respiração. Quanto mais rápido vamos, mais rápido o medo me persegue.

21.

Ele diz que sou linda, mas isso apenas faz com que me sinta feia.

PÁGINA 40 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Tudo bem, estamos aqui diante de muitas coisas que deveriam ser legais. A moto de Griff é rápida, mas ele também é um condutor fantástico. O modo como voamos pelas curvas como se não houvesse gravidade, o modo como cortamos o trânsito como se nada pudesse nos deter... sim, muitas coisas que deveriam ser legais.

Ainda preciso de um farol vermelho para que os meus ombros comecem a relaxar. Ajeito-me, observando ao mesmo tempo que dois sujeitos numa minivan admiram a moto de Griff. À esquerda, há um policial de olho em nós. Volto a olhar para os caras da minivan até que um deles me cumprimenta.

— Seus amigos? — A moto de Griff desliza à frente quando o farol muda de cor, e espero que sigamos rápido o suficiente para que ele não me escute rir.

Mas toda a alegria se desfaz assim que chegamos à porta de minha garagem. Salto da moto e olho para Griff, sentindo-me pesada o suficiente para afundar no concreto. — Como o Joe te encontrou?

— Ele parou ali na escola.

— Sério? — Tiro o capacete e o passo para ele. — Ele estava tentando roubar alguém?

— Não, acho que ele estava te procurando.

Eu? Droga. Passo as mãos nos braços como se fosse me dar um abraço, tentando parecer que não estou pensando em quanto isso me assusta, em quanto isso me faz pensar se Joe não veio em algum momento procurando por Lily.

Griff me observa. Ele fica passando o capacete por entre as mãos, seus olhos enrugados.

— O irmão da minha mãe estava vindo me buscar. Ele conhece o Joe, e eles começaram a conversar. Paul, meu tio, disse a ele que eu era bom em computadores. Uma coisa levou a outra.

— Não, uma coisa não leva a outra. — Olhei bem para ele, perdida entre a tristeza e a irritação. — Nós estamos *praticando golpes* em pessoas. Como um bom garoto como você pode ser pego numa fraude de cartão de crédito?

— Primeiro, não sou um garoto. — Griff salta da moto e parece ficar na defensiva. Ele bota o capacete sobre o assento e, rápido como um piscar de olhos, pega minha mão. — Depois, não sou tão legal.

Ab, claro. Porque me dar uma carona para casa em lugar de me deixar camelar foi tipo um lance canalha. Lanço-lhe meu olhar de indiferença. Geralmente funciona para afastar os caras. Na verdade, faz os caras correrem para seus abrigos, mas nesse caso acaba surtindo o efeito oposto.

— Não sou legal — Griff repete. — Se fosse, não estaria lá e você continuaria a me evitar. — Ele espera, aguardando que eu confirme ou negue, e quando não faço nenhuma das duas coisas, ele dá de ombros. — Olhe, eu *realmente* preciso do dinheiro.

O fato de ele falar aquilo me faz relaxar, talvez mais do que deveria. Conheço Griff há três anos, e até este momento nunca estive à vontade com ele, mas agora que sei que ele é como eu... Deus do céu, a dra. Norcut devia ver isso!

Com o queixo, aponto para a motocicleta.

— Parece que você está indo bem.

— É do meu pai. A única coisa que ele deixou para trás quando se mudou para a Califórnia... além de mim e da minha mãe, que ainda acha que ele vai nos resgatar. Ela nem sai mais da cama, de tão afundada na porra da depressão. Perdeu o emprego porque simplesmente parou de ir, e os cupons de comida da assistência social estão acabando.

— Desculpe, não queria...

— Eu sei. Desculpe, não devia ter jogado tudo isso na sua cara. Só estou cansado. — Ele se curva um pouco, e pela primeira vez percebo as olheiras sob seus olhos e como a pele ao redor de sua boca é pálida e seca.

E apesar de tudo ele esfrega sua mão na minha como se quisesse que eu me sentisse melhor.

— Mesmo depois de tudo que Joe disse, nunca imaginei te ver sentada lá — ele disse depois de um tempo.

Dei de ombros como se não fosse grande coisa.

— A vida está cheia de surpresas.

— Ah, não brinca.

Olhamos um para o outro e nenhum de nós diz nada... e no entanto... e no entanto.

— Você devia cair fora desse negócio enquanto pode, Griff. Não é bom para você. *Eu* não sou boa para você. Muito obrigada pela carona para casa, mas isso não muda nada. Você devia realmente ficar longe de mim.

Tento puxar minha mão, mas ele não permite. Se fosse qualquer outro, isso me deixaria louca, mas tudo bem, talvez eu esteja um pouco irritada demais. Começo a sentir a tradicional travada na garganta, mas há algo mais. Alguma coisa dentro de mim que salta quando seus dedos sobem um pouco e tocam a pele do meu pulso.

Tudo que ele toca e tudo que ele tocou se acende. Sinto como se tivesse engolido o sol. A ponta dos seus dedos deixa um rastro de luz e calor na minha pele.

— Você tem certeza de que não é boa para mim? — A voz de Griff agora parece mais profunda, mais rouca, mas ele me segura como se fosse eu quem estivesse prestes a quebrar.

Talvez ele esteja certo. Griff faz com que eu me sinta engraçada... feliz e infeliz. Será que é porque sei quem ele é?

— Tenho absoluta certeza de que não sou legal para você — repito, empurrando seu peito para me soltar, embora não precisasse fazê-lo. Ele me

solta. Por um segundo, me arrependo. Minhas pernas estão tremendo. — E não acho que você seja muito bom para mim também.

Eu me apresso pela calçada, esperando ouvir seu motor ligar a qualquer segundo. Mas não. Griff está me observando. Parte de mim quer correr, mas a outra quer ficar bem ali e dizer a ele que pare.

Estou quase fechando a porta da frente quando ele responde. Sua voz parece bastante normal. Há um riso familiar, mas, no íntimo, parece que ele está em frangalhos:

— Acho que você está errada, Wicked. Acho que você seria ótima para mim.

22.

Está ficando cada vez mais difícil bancar a normal.

PÁGINA 62 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **Quem era?** — Mal tiro o tênis, Bren se materializa à minha direita. — Era aquele garoto, o Griffin?

Aquele garoto, o Griffin? Estava prestes a passar de fininho por ela, mas a questão me fez acordar.

— Como você conhece o Griff?

— Encontrei a mãe dele na Associação de Pais e Mestres. Ela estava atrasada e parecia realmente perdida. Conversamos um pouco e ela disse que voltaria, mas desde então nunca mais a vi. — Bren puxa as cortinas para um lado, estudando Griff com os mesmos olhares de interesse que ela guarda para avaliar seus contratos de trabalho. — O nome da mulher é... Karen? Kelly?

— Kim.

Não percebi que Lauren estava ali até que ela se manifestou. Eu me viro e nossos olhos se encontram. Ótimo. Não há jeito de eu não me explicar. Lauren parece prestes a dar uma gargalhada.

— É isso! — Bren lança a Lauren um olhar de alívio. — Kim. Kim Griffin. Seu filho é um bom menino. Muito educado. E aqueles olhos... são tão expressivos.

Bom garoto. Muito educado. Com olhos expressivos. Olho para Bren e tento dar ordem às palavras que saem de sua boca. Não é o que esperava. Ela devia estar pronta para me encarcerar. Quero dizer, é um garoto, meu Deus do céu. Nunca falamos sobre garotos, mas estou certa de que ela tem regras para eles. Além disso, eu estava na garupa de uma moto. Nunca falamos sobre isso

também, mas *sei* que ela deve ter regras para motocicletas. Isso não faz o mínimo sentido. Bren não está brava, nem eu estou ferrada.

— Então vamos para o quarto. — Lauren passa seu braço em torno do meu e me puxa pelos primeiros degraus. Assim, de perto, vejo como o olho roxo dela já está amarelando. Ela nem se dá ao trabalho de passar uma maquiagem. Conhecendo o comprometimento da sua mãe com a perfeição, isso deve estar levando a pobre mulher à loucura. — Tenho um trabalho de história que gostaria de mostrar para Wick.

— Tudo bem. Divirtam-se. — Bren continua a me olhar. Sua boca está um pouco aberta e seus olhos estão bem abertos, e agora não sei o que fazer. Minha mãe adotiva está me olhando um pouco admirada... e um pouco feliz.

— O que está acontecendo? — murmurei. — Por que Bren está me olhando como se estivesse esperando um alien sair do meu peito?

— Você trouxe um garoto em casa. — Lauren está quase vibrando de emoção. Ela aperta meu braço de um jeito que acabo ficando com o corpo colado ao dela. — Um garoto muito *bonito*. Bren está provavelmente exultante de alegria. Você está vivendo a vida normal de uma adolescente!

— E isso a faz feliz?

Lauren fecha a porta do quarto e começa a rir, a pele machucada ao redor do olho se retrai em dobras púrpura.

— Se você quer realmente fazer Bren feliz, peça-lhe que faça tranças no seu cabelo.

— Ah, claro, e todo mundo vai pensar que sou uma idiota.

— Menos eu, porque sou adorável. Não consigo evitar. É minha sina. Mas então. Desde quando você e Griff conversam?

Desde que descobri que ele é tão péssimo quanto eu. E essa é a real razão? Posso falar com ele agora porque somos iguais? Não consigo conciliar o novo Griff com o sujeito de quem eu gosto. Agora ele parece péssimo. Como eu. Ele sacaneia, como eu, a vida das pessoas.

E ainda assim é o cara mais legal que conheço.

Meus dedos tocam o ponto que Griff pegou em minha mão. Ainda está quente, e tocando onde ele tocou, o calor é ainda maior.

— Nós sempre conversamos. Somos colegas de laboratório de computação.

Lauren assente com a cabeça, mas não parece acreditar.

— Bom, que seja. Precisamos conversar, mas... você está bem? Parece que vai ficar doente.

— Estou bem. — Olhamos uma para a outra, mas não aguento e afundo na cadeira da escrivaninha, levando as mãos às têmporas. — Na verdade, não. Não estou. Meu pai está de volta.

Lauren prende a respiração como se eu tivesse acabado de dizer que a mula sem cabeça é real. *O que, no meu caso, é quase verdade.*

— E você estava com ele?

— Tipo. Estava com seu parceiro. Ele bolou um novo golpe.

— E como Griff entra nisso? Quero dizer, suponho que vocês dois não se encontraram por acaso.

— Ele estava lá também. — Por um segundo, não digo mais nada. Seguro bem a onda do que sinto, muito embora tudo esteja a ponto de explodir. Não é meu segredo para que possa dizê-lo. Mais uma vez, Lauren faz a ligação. — Joe o recrutou para um trabalho de segurança.

— Quem é Joe, e por que ele também está atrás de vocês dois?

— Joe é o melhor amigo do meu pai. — Se você puder dizer uma coisa dessas. Joe não tem amigos. Joe tem contatos, fontes... meu pai é proteção. Embora Joe tenha medo do meu pai. — Ele precisa da minha ajuda. Ele precisa da *nossa* ajuda. — Corrijo, lembrando de repente o papel de Griff em tudo aquilo. — Há esse golpe com cartão de crédito. Joe é o testa de ferro do meu pai.

Dirijo a Lauren um sorriso sem graça.

— Acho que essa é a parte em que você corre da casa gritando.

— Não me provoque, Wick. Estava pensando exatamente nisso.

— Então por que você não foge?

— Porque... não acho que você faça isso sem uma boa razão. — Lauren se afasta, senta na minha cama e começa a desembrolhar as roupas novas que Bren comprou para mim. — Então, o que você precisa fazer?

— Hackear. Eles bolaram um jeito de dar o golpe em pessoas fazendo com que doem dinheiro pensando que se trata de caridade para vítimas de tornados. — Ligo meu computador e, enquanto fico esperando por ele, movimento minha cadeira de um lado para outro. O meu computador exige mais tempo para ligar que o da maioria. Tenho uma porcaria de hardware para o firewall, uma plataforma inteira de proteção anti-spyware, e *ainda* tiro o computador da tomada para evitar qualquer forma de acesso remoto. É a única forma de realmente cortar minha ligação com o mundo exterior. Não posso sair, mas ninguém pode entrar. — Joe e meu pai precisam de mim pros cartões de crédito.

— Só não... só não gosto de te ver fazendo isso. Quer dizer, quando você vai parar?

— Você tem ideia do que vai acontecer quando eu parar? — Ela não tem uma resposta e, por eu não ter também, desvio meu olhar. Eu me volto para o computador e abro o e-mail. Transferência de depósito. Confirmação de depósito. Um e-mail de uma antiga cliente. O que a minha vida costumava ser.

— Seu pai não pode mexer em você, Wick. Você já não faz parte do mundo dele.

— Não? — O argumento é tão óbvio que me irrita. São as mesmas bobagens que conto para Lily. Eu mesma não gostaria de ser parte do meu próprio mundo, mas também não sou parte deste novo. — Joe sabe onde estamos. Ele sabe como nos encontrar. Não posso me arriscar a vê-lo irritado. Pense no que ele pode fazer com a gente.

— Você quer dizer com a Lily.

— Quero dizer com *a gente*. Bren e Todd e você — acrescentei. — Se Joe sabe sobre você, meu pai também sabe.

Lauren assente com a cabeça como se entendesse, mas consigo ver em seus olhos preocupados e em sua boca retesada que não entende. Ela está

preocupada com as minhas atividades ao computador, não com o que o ato de hackear protege. Poderia tentar explicar, mas as palavras não vêm. Elas ficam alojadas no meu estômago.

Clico em meu link para o Facebook e entro na página de Tessa. A página não demora a abrir, e quando abre, há umas vinte mensagens sob a minha, mas só uma me faz recuar:

quando eu te encontrar, você vai sangrar por isso.

23.

Ele prometeu me assustar. Ele sempre consegue o que quer.

PÁGINA 34 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Quando eu te encontrar, você vai sangrar por isso.

Bem, olá, Michael Starling. Fico olhando para a tela, oscilando entre a excitação e o susto. Não há outros comentários de Michael, mas não faltam vários dos amigos de Tessa. Matthew Bradford nos chama de “loucos”. Holly Davis diz: “Quem quer que tenha hackeado a página de Tessa vai para o inferno por isso”. Há mais, claro. Todo mundo sabe que a conta de Tessa no Facebook está comprometida, mas eles acham que foi hackeada por um colega de classe escroto. Isso pode me favorecer... enquanto os Waye não denunciarem a página à polícia.

— Foi você que postou isso no mural de Tessa? Aquele comentário sobre saber quem me matou?

Meus olhos deixam a tela, e vejo Lauren olhando para mim do outro lado do quarto.

— É sobre isso que você quer conversar? — pergunto.

— Não entendo por que você fez isso. Quando eu disse que você precisava fazer alguma coisa...

— Eu fiz. Descobri quem me enviou o diário.

O rosto de Lauren se contrai, confuso.

— O quê?

— Foi a irmãzinha de Tessa, Tally. Ela encontrou o diário, leu e entrou em contato comigo. Tessa estava envolvida com um cara, não sei quem, mas acho que mais velho, e quando ela tentou terminar... ele ficou violento.

Lauren põe uma mão na cama para se endireitar, mas seus joelhos continuam apoiados no chão.

— E fica ainda pior. Tessa escreveu sobre o cara no diário, e embora ela nunca escreva o nome *dele*, ela nomeia outra pessoa que ele deseja, seu alvo seguinte...

Essa parte eu conheço tão bem que parece fácil. O nome de Lily está na ponta da língua, mas no fim tenho de arrancá-lo à força de minha boca.

— É... é a Lily, Lauren. Ele menciona Lily. Ela é a próxima. — Viro a tela do computador na direção de Lauren. Ela hesita, e então vem até mim. — Tentei percorrer todo o círculo íntimo de Tessa para descobrir quem poderia ser, e quando passei por seus amigos do Facebook, todos pareciam gente real. Exceto esse cara. — Aponto para o avatar de Michael Starling. — Ele não tem outros amigos além de Tessa. A foto da página é falsa, o nome é falso. Acho que ele pode ser nosso suspeito.

— Ele parece bem irritado, Tessa. Será que ele consegue te encontrar?

— Não, eu me conectei como Tessa. Não há modo de ele saber quem eu sou.

Então por que esse calafrio bobo subindo por meus braços?

— Mas e se alguém contatar a polícia? Eles não poderiam chegar a você?

— Não, eu usei um IP protegido. Na pior das hipóteses, eles vão pensar que se trata de *cyberbullying* e deletar a conta.

Passamos um minuto lendo e relendo a mensagem, e pela primeira vez presto atenção no horário da postagem. Não levou mais que vinte minutos depois de eu ter feito a publicação. Bom. Posso pensar sobre isso. Em matéria de hackear, tudo se resume a conhecer códigos e programas, mas também não é possível desconhecer a vítima. Alvos emotivos são os mais fáceis de rastrear. Eles se tornam vulneráveis. O e-mail certo, o telefonema certo, o estímulo certo os colocam na direção que você deseja.

Mas como posso continuar a provocá-lo?

— Acho que eu só... não consigo entender por que você fez isso dessa maneira. — Lauren tira a unha do dedão da boca e aponta para a tela com um

dedo mastigado. “Sei quem me matou.” É, tipo, não sei, uma coisa inflamada. Não é só o cara que abusou de Tessa que vai ficar irritado. E a mãe dela?

Eu me lembro do sorriso partido da sra. Wayne, da sua dor... e quando penso no punho do sr. Wayne, minha reação imediata é a de me encolher.

— Vai ser horrível, mas ela vai pensar que é algum garoto cruel. Lauren, se eu o deixar irritado, vai ser mais fácil encontrá-lo.

— Ou você poderia ir à polícia. E se você levasse tudo isso para eles?

— Um dos detetives, Carson, pode estar envolvido. Ele ficava esperando do lado de fora da casa dela. Tally suspeita dele.

— E você?

— Sim... Carson também aparece aqui. Acho que ele é um porco. Talvez ele tenha alguma coisa a ver com isso.

Lauren está sentada no chão e me olha com feições de horror e espanto.

— Mesmo que eu lhes dê o diário, isso não ajudaria. Ele não diz o nome do estuprador. Isso os colocará na direção errada, e eles ficarão à caça do próprio rabo. acredite em mim, sei do que estou falando. Sou geralmente quem está à caça. — Minhas mãos correm pelo cabelo, coço a cabeça até ter certeza de que minha língua está presa.

Olho para Lauren.

— Você sabe quantas vezes minha mãe chamou a polícia para conter meu pai? Um monte. Dez? Doze? Mesmo quando ela esfregou na cara dele um mandado de proteção, ele não parou. Ele ainda era capaz de nos bater, roubar o dinheiro da minha mãe e desaparecer. Existe uma maldade que não pode ser contida apenas seguindo as regras.

Espero ver a reprovação no rosto de Lauren, mas o queixo dela se levanta.

— Sim, a polícia joga pelas regras, mas esse cara não.

— Sim. Se Lily vai ser salva, isso depende de mim.

24.

Adoro o jeito como ele olha para mim. É como se ele estivesse faminto, e eu fosse a comida.

PÁGINA 10 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Permaneço acordada muito tempo depois de Lauren sair. *Quando eu te encontrar* está estampado em tudo que vejo. Preciso pegá-lo, mas como? O IP que ele usa é protegido. Segui o servidor de Nova York a Londres e de lá a uma pequena cidade das Ilhas Virgens e desisti. Ele está usando um programa que pulveriza a conexão em vários servidores por todo o mundo. É irritante quando iniciantes fazem isso. Faz com que eles pensem que são melhores do que são. Cedo ou tarde, ele vai falhar, e eu o pegarei.

Mas quanto tempo isso vai levar? Rolo na cama, enterro a cabeça sob o travesseiro. Michael Starling é o cara — apenas um sujeito que é culpado poderia usar tanta proteção para evitar ser encontrado —, mas isso não me leva para perto do homem por trás do nome.

Jogo meu travesseiro de lado e pego uma caneta. Começo com o que sei.

Ele gosta de garotas jovens.

Ele tem acesso a elas.

Tessa menciona que ele é alto. Ela diz que ele é bonitão umas vinte vezes.

Ele é atraente.

Olho para minha lista. Ótimo. O estuprador de Tessa pode ser o membro de uma boy band. Não estou fazendo isso corretamente. Viro o papel e começo tudo de novo. Prováveis suspeitos.

Um amigo.

Tecnicamente, funciona. Isso poderia explicar algumas coisas que sei: acesso, gostar de jovens garotas, mas não explica tudo: ele parece mais velho,

ambos pareciam esconder o relacionamento, ele tinha muito a perder.

Um professor.

Isso poderia funcionar também, e parece ainda mais provável que algum carinha da escola... mas se é um professor, então qual professor? Se eu parto do princípio de que o relacionamento de Tessa começou mais ou menos um ano atrás, quando a frequência das postagens do seu Facebook começa a diminuir, então isso deixa o campo bem aberto.

Um parente.

O mesmo problema do professor. É possível, mas como faço para investigar os parentes?

Quarto...

Hum... não tenho um número 4.

Ou talvez tenha. E se pensar na vida de Tessa fora da escola? E se meu número 4 for alguém que sua família conheça?

Se eu seguir essa linha de raciocínio... e quanto a Todd?

Essa ideia faz com que eu fique bem, mas bem travada. Quer dizer... é lógico. Ele tinha a oportunidade. Ele tinha o contato, a confiança.

Mas é também Todd. O cara que é o herói de todo mundo. O cara que quase chorou na noite passada. Ele é um *orientador*, pelo amor de Deus. E, embora eu saiba — *saiba* — que isso não lhe dá nenhuma desculpa, não consigo parar de pensar em tudo que nega essa hipótese. Ele é gentil demais. Ele é fresco demais... e não entende nada de computadores. Bato a caneta sobre a página. Preciso de mais pistas. Pego o diário no aparador ao lado da cama e leio com calma as vinte primeiras páginas.

Está aqui. Página 22. Tessa escreve que a mãe dela o adora, mas que ele ama apenas Tessa. Seria interessante perguntar a Tally sobre isso.

E se estou tentando entender isso sob um ponto de vista diferente, por que não buscá-lo nas pessoas que Tessa temia?

Seu pai.

Ela definitivamente tinha medo dele — até Todd sabia. E, claro, o sr. Wayne tinha acesso a ela. Agora que estou pensando sob esse ponto de vista, Tessa

nunca fala do pai no diário... muito embora reclame que sua mãe não ficaria — ou não poderia — ficar do lado deles.

Talvez Tessa estivesse com medo de nomear o abusador... pois era seu pai.

Ou talvez eu esteja formulando pensamentos horríveis sobre o sr. Wayne só porque ele proibiu Tessa de ser minha amiga.

Sento de novo. É forçar um pouco o argumento pensar que seu pai esteja envolvido, mas certamente ele faz parte da lista “Pessoas de quem Tessa tinha medo”.

Mordo a ponta seca da minha caneta e leio a lista de nomes mais uma vez. Quem quer que seja o cara, ele consegue apagar as evidências. Ele sabe esconder sua localização. O bloqueador de IP não faz dele um gênio, mas o torna mais esperto que a média. Ele também teve de ter acesso a Tessa e conquistar sua confiança. Se não for um parente ou amigo...

E se for um policial?

O incômodo traz uma sensação de aperto ao meu peito. E se ela tinha medo de Carson?

Penso na fotografia em que ele está olhando para ela e em como Tally disse que Carson ficava em frente à casa deles. Os policiais sempre parecem tão confiáveis, mas Carson já provou que é ousado o suficiente para invasões. Ele tentou arrombar nossas fechaduras. Ele riu como se nossas tentativas de nos protegermos o divertissem. Porque ele pensou que poderia, talvez, pegar Lily? Foi na noite em que Tessa morreu. E se ele tivesse decidido que aquela também era a noite de atacar minha irmã?

E se eu estiver assistindo demais à série *Criminal Minds*?

Dobro minha lista; joga-a na minha mala de livros para deixá-la no lixo da escola e assim não me preocupar sobre uma possível e acidental descoberta de Bren. Estou ficando paranoica.

E se estiver?

Apago as luzes e esfrego os olhos até que cores surjam por trás das pálpebras. São duas da manhã. Chegarei feito um zumbi na escola amanhã e

deveria estar na cama, mas não é o que acontece. Meu corpo, exausto, e a minha cabeça, a mil.

Faróis atravessam minha janela; e, mesmo que eles já sejam tão conhecidos quanto meu próprio código, meus nervos ainda tremem.

Duas da manhã. Carson é pontual.

Puxo minha cadeira para perto da janela, esperando ver as rodas do carro de Carson em seu lugar de sempre, mas ele não para. Ele passa pela nossa casa e segue em torno do quarteirão. A rua está vazia... está mesmo?

Alguma coisa se move nas sombras, e, enquanto observo, um homem surge das árvores do vizinho, atravessa a rua deserta e olha para nossa casa.

Não é Carson.

É Jim Waye.

25.

Meus amigos diriam que sabem quem sou, mas eles sabem realmente apenas quem eu gostaria de ser.

PÁGINA 41 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

O inferno toma conta da escola. Na manhã seguinte, Jenna Maxwell está chorando. De novo. Os orientadores estão circulando. De novo. E todos os estudantes serão obrigados a assistir a uma palestra sobre *cyberbullying* no auditório no dia seguinte.

— Talvez você tivesse razão sobre aquele lance do comentário “incendiário” no Facebook.

— Você acha? — Lauren está me esperando depois da quarta aula, os braços cruzados sobre o peito. — Se você queria chamar a atenção, você conseguiu, Wick.

— Não era bem isso.

— Eu sei. — Rapidamente, Lauren fecha os olhos, e, quando torno a olhá-la, seus olhos estão apenas entreabertos. — Sei que não era isso que você queria fazer, mas também não fico mais aliviada. Se alguém te encontrar por causa disso, você está ferrada. Estou preocupada que você esteja andando por aí com alguém te perseguindo.

Somos duas, então. Agora mesmo, sinto como se minha vida fosse surreal. Para onde quer que me vire, as pessoas falam sobre Tessa, sobre a página do Facebook e sobre as postagens. Embora eles não saibam quem está por trás de tudo, isso ainda me assusta.

De uma forma ou de outra, estou acostumada a ser alvo de fofocas. Todo mundo sabia que meu pai batia na minha mãe e que minha mãe saltou de um

edifício porque não aguentava mais, mas essas coisas são o mais próximo que qualquer pessoa chegou de mim — do meu eu *verdadeiro* —, e não gosto disso.

— Você parece exausta — disse Lauren.

— Sim, fiquei acordada boa parte da noite. Nós tivemos outro visitante e, mesmo depois de ele ir embora, não consegui mais dormir.

— Aquele policial de novo?

— Não, Jim Waye.

Lauren pisca.

— O quê? *Por quê?*

— E eu sei lá? — Abro o caderno de inglês e verifico se o trabalho de casa está ali. — Ele permaneceu do outro lado da rua e ficou olhando para nossa casa.

— Tá, é de dar medo.

— Sem dúvida. O lance é... não consigo entender por que ele fez isso. Tipo, ele odeia o Todd, já que o Todd acionou a polícia contra ele. Ele não é meu fã...

— Não importa. Ninguém *normal* fica andando do lado de fora da casa de outra pessoa no meio da noite. O sujeito é bem estranho mesmo. Você sabe que ele ainda aparece nos treinos das líderes de torcida?

Arregalo os olhos diante de Lauren.

— Sim, isso mesmo. Tipo, ele costumava assistir aos nossos treinos quase todo dia depois da escola, e era bem estranho, mas agora que Tessa *morreu*, ele ainda aparece.

Lauren brinca nervosamente com uma tira de sua mochila de livros, a atenção voltada aos orientadores que circulam do outro lado do corredor.

— Olha, preciso ir — ela diz. — Se eu chegar atrasada mais uma vez à aula de história, a sra. Gavin vai me dar uma advertência e minha mãe vai ter um chilique. Tente ficar boazinha, o.k.?

— Credo, *Bren*, o que aconteceu com você? Está brincando de *jovenzinha*?

Lauren segue pelo corredor, o dedo do meio erguido, e um grupo de calouras se espalha em quatro direções para ficar longe dela.

A dra. Norcut deve ter razão a respeito dos problemas de controle de raiva. Volto-me para o armário, pronta para sair, mas não sou rápida o suficiente, e Jenna Maxwell, o namorado dela e seu séquito de urubus vêm em direção aos armários.

Geralmente, a simples presença de Jenna me faz pensar que preciso fazer alguma coisa, na verdade qualquer coisa, que me leve para longe dela. Para ser sincera, é tão instintivo que meus pés já estão se movendo, mas não consigo parar de... olhar.

Jenna era a melhor amiga de Tessa — sim, isso é óbvio —, mas sabendo o que sei sobre ela agora, tudo parece bem diferente. Essa é a garota que deveria saber o que estava se passando, que deveria estar procurando o cara que atacou sua melhor amiga; no entanto, Tessa é minha responsabilidade.

Finjo trocar os livros mais uma vez e vejo as meninas pelo canto do olho. Digo a mim mesma que se trata de uma investigação. Além disso, esse era o mundo de Tessa, o quebra-cabeça que preciso montar para descobrir onde tudo deu errado.

Exceto pelo fato de que esse mundo mostra apenas onde *eu* estou errando. É engraçado como todas tocam umas às outras e como é natural que se abracem. Isso faz com que pareçam uma espécie completamente diferente — ou talvez eu é que seja. As amigas de Jenna não têm nada igual a minha hesitação ou estranheza. Elas estão dando tapinhas em seu ombro e tentando acalmá-la de uma maneira que me faz parar e pensar. Será que eu não estaria sendo... invejosa? Tessa se sentia tão sozinha, mas como você é capaz de se sentir sozinha no meio de tantas amigas? Como você pode se sentir sozinha quando é tão perfeita? Quando seus amigos cuidam tão bem de você?

— Só não consigo entender por que ela fez isso. — Jenna bate em seu armário com a mão espalmada, e os amigos se afastam de surpresa. Raiva. Ainda mais conhecida de mim que o desprezo de Jenna.

Ela não compreende, e está furiosa. Isso eu já entendi. Às vezes odeio minha mãe por ter feito o mesmo. Às vezes compreendo. Jenna sente o

mesmo sobre o que se passou com Tessa, e eu quero dizer a ela que vai melhorar. Eu quero...

— Minha mãe diz que ela vai para o inferno por causa disso — Jenna diz.
— Diz que Tessa vai arder pela eternidade.

Isso me machuca mais que qualquer soco. Não quero acreditar num Deus que dê suas costas a alguém que precise tanto dele. Os suicidas, mais que quaisquer outros, merecem o amor de Deus. Eles são os perdidos, os esquecidos, os que ele supostamente nota.

Será que Ele nota? Será que *alguém* nota?

Subitamente a náusea ameaça me derrubar no chão. Jenna fala, fala, fala e eu não deveria estar ouvindo *nada* disso, mas não consigo ignorar as palavras. Será que era por isso que Tessa não conversava com ninguém? Será que também por isso ela pulou?

— Ela merece o inferno — Jenna continua, levando o cabelo loiro para trás da orelha. — Cometer suicídio faz de você uma covarde.

— Você é uma vaca, Jenna.

Ela se vira para mim num movimento leve e único.

— O que você disse? — ela pergunta.

Por um segundo, não sei responder. As palavras simplesmente serpentearam para fora, e agora as quero de volta, pois aquelas cinco palavras fazem-na lembrar que eu existo e, pior, revelei o quanto aquilo ainda me doía.

E Jenna reconhece tudo isso.

Sua boca trava num meio sorriso.

— Qual é o problema, Wicket? A carapuça serviu?

— Você não devia falar assim da Tessa.

— Por quê? — Jenna se aproxima e, sem pensar, dou um passo para trás, mas meus ombros acertam os armários e ela agora está mais perto que nunca, tão perto que posso sentir o cheiro de chiclete de frutas cítricas e vejo que seus olhos nem sequer estão vermelhos. Todo o choro de Jenna é *falso*. É apenas para chamar a atenção.

Minhas mãos ganham a forma de garras. Quero socá-la — por Tessa e pela minha mãe, mas de repente sinto que vou chorar. Como Jenna é capaz de suportar a si mesma? Ela está transformando a morte de sua melhor amiga num acessório, vestindo a dor como se fosse uma bolsa Kate Spade.

— Você acha que Tessa liga? — Jenna ironiza.

— Não, mas eu sim. — Respiro e dou um passo à frente. Talvez isso a surpreenda, talvez ninguém tenha sido tão estúpido, mas ela se vê obrigada a dar um passo para trás. — Ela era sua amiga.

Jenna produz um soquinho meio abafado, como uma tosse que parou no meio do caminho da garganta. Ela ergue a mão, pega-me pelo ombro e me joga contra os armários. Não machuca. Não mesmo. Mas as pessoas estão olhando. Olho em torno por ajuda, mas nem mesmo os amigos de Jenna olham para mim.

— Você não é mais que lixo, Wicket.

Por alguma razão, isso me atinge mais fundo vindo de Jenna do que quando veio de Carson. Jenna se afasta, sorri para o namorado. — E você sabe o que se faz com lixo?

O que você faz com lixo? Não tenho ideia até que seu namorado sem pescoço ri. Mas que saco. Você joga fora.

26.

No começo, eu adorava a atenção que ele me dava. Fazia meu cabelo e a maquiagem para que ele me achasse bonita. Depois, deixei de me arrumar, e ele me desejou ainda mais. Ele dizia que gostava mais quando me via mal.

PÁGINA 53 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Detesto ser jogada no contêiner de lixo da escola por várias razões. A primeira é porque está cheio de todo tipo de imundície. Depois, porque é humilhante. E, por fim, porque Griff acaba me encontrando ali.

— Você só pode estar brincando. — Ele está olhando pela tampa do contêiner, balançando a cabeça. Isso meio que me dá vontade de socá-lo, mas não posso simplesmente dispensá-lo agora. Ou melhor, não quero dispensá-lo agora. Apenas espero que ele reboque meu ser sujo e grudento dali.

Às vezes, ele é o mais próximo que um geek pode chegar de um super-herói.

— Sim, sim, poupe-me da surpresa. — Olho para ele com irritação, percebo que donzelas em perigo provavelmente nunca parecem irritadas diante de seus heróis, e tento suavizar minha expressão, mas tenho certeza de que ostento uma careta digna de uma hemorroida. Palavras não descrevem como tudo isso é embaraçoso. De todos os lugares em que ele podia me encontrar. *Ugh.* — Como se isso nunca tivesse acontecido com você.

— Não. Com toda a honestidade, posso dizer que não. — Griff estende o braço, oferece uma mão manchada de tintas azul e verde. Ele estava desenhando de novo. — O que você disse, e para quem?

— Por que sempre tenho que levar a culpa?

Griff ri.

— Porque a culpa é sua e da sua língua.

Essa é a parte em que eu deveria rosnar para Griff, mas ele me faz rir. Dou um passo pouco firme em direção a ele, meu pé afundando nas sacolas de plástico supercheias. Não sou exatamente chegada em rezar, mas imediatamente começo a fazer promessas de parar de mentir, ser uma pessoa melhor e controlar minha boca suja a qualquer deus que queira me escutar.

Por favor, meu Deus, apenas não permita que as sacolas estourem. Se ficar com pizza da lanchonete nos pés, posso acabar chamando o Raul.

Não, eu já estou mentindo. O tal de Raul *já está* a caminho.

— Não é nada, de verdade. Jenna Maxwell estava bancando a vaca falando sobre Tessa... — Agarro a mão dele, enfio meu pé na parede de metal e começo a escalada. Num piscar de olhos estou montada na parede do contêiner, antes de começar a tatear, o rosto projetado à frente, o espaço vazio em direção ao chão. Preparo-me para o impacto.

Mas Griff me pega antes que eu me machuque.

— Que graciosa — ele provoca, aliviando meu peso contra seu peito. Um braço me aperta para junto do corpo dele. O outro ergue minhas pernas, colocando-me em seu colo. Eu. Uau.

Hum, eu deveria estar pronta para ficar de pé de novo. Realmente deveria.

Então por que ainda estou apoiada nele como se fosse cair?

— Ela estava falando besteira sobre a Tessa, sobre como ela ia para o inferno. — Bosta. *Realmente* eu não queria falar nisso. Confiar em Griff não é bom, e eu já devia saber.

— O que ela estava dizendo? — Griff tira uma mecha de cabelo de cima de meus olhos. É tão doce... até que percebo que ele está tirando um pedaço de lixo de meu rosto também.

Tudo bem, acho que já posso ficar de pé. Decreta-se o fim do Minuto Romântico.

Griff me deixa ficar de pé e dá um passo para trás, observando-me bater as mãos pelas calças enquanto tento explicar.

— Ela ficou falando umas besteiras sobre como os suicidas queimam no inferno e... — Não quero explicar mais nada. Olho para Griff, pronta a dizer para ele *Desencana*, e percebo que não tenho o que explicar. Seus olhos já estão

melancólicos, como se ele soubesse. Perceber aquilo é como sentir uma pontada dentro de mim.

— Então Jenna estava sendo Jenna. Como isso a jogou dentro do lixo?

— A coisa toda saiu do controle. — Bato com a mão na calça com um pouco mais de força, e alguma coisa quente e grudada entra em contato com a minha pele.

Oh, Deus. Respirei bem, mas bem fundo, segurando minha mão contaminada tão longe quanto podia. Queria mesmo cortá-la fora. Para valer.

— Toma. — Griff fuça na mochila e saca uma jaqueta. É tentador, mas me sinto mal. E se eu lhe transmitir a praga? Não foi assim que a Peste Negra começou? Não prestei muita atenção nas aulas de história, mas...

— Ai, meu Deus. — Griff agarra meu pulso e, antes de eu conseguir me desvencilhar, usa o lado aveludado para limpar o visco. Ele vira a jaqueta duas vezes, para ter certeza de que tirou tudo. O lixo saiu, mas ainda quero uma esponja com desinfetante.

— Você deveria ter tido mais cuidado para não começar a confusão.

— Ah, claro. — Ponho meu braço para trás no mesmo instante em que seu dedão desliza pela palma da minha mão, mas é tarde demais. Quando Griff me toca, sinto como se alguma coisa dentro de mim se estilhaçasse. — Como se eu precisasse de alguma desculpa para falar o que quero.

O que é verdade, mas também um tipo de mentira. Sério, não preciso de desculpa para abrir a boca. Na verdade, gosto de pensar que é uma de minhas melhores qualidades. Mas neste caso, tenho uma razão para enfrentar Jenna, que é o que Griff está sacando e eu estou fingindo não entender.

— Então o que você fez?

— Chamei Jenna Maxwell de vaca.

As sobrancelhas de Griff se levantam.

— Sério?

Dou-lhe um sorriso ao estilo *façaer o quê?*, mas não falo mais nada, e isso faz com que as feições de Griff endureçam. Ele sabe que foi uma ousadia. Os meninos sempre são ousados, e isso é o que os mantém longe de mim.

Todos exceto Griff.

— Quero saber, Wick. Por que você disse isso?

— Porque alguém precisa dizer. — Subitamente, o peso dos seus olhos me parece imenso e desvio o olhar. Acabo estudando a ponta emborrachada do meu tênis, e as carinhas sorridentes que desenhei ali. Elas são completamente felizes. — Ela está dizendo a todo mundo que Tessa vai para o inferno porque cometeu suicídio.

Isso soa pouco convincente quando digo assim a seco. Diria até que o gesto de deixar tudo às claras aliviou minha raiva... mas o fato é que não aliviou.

— Então ela é uma idiota. — Griff se inclina sobre mim. — Sinto muito pelo que ela disse. As pessoas são estúpidas, falam sem pensar. Sinto muito por você ter escutado isso.

Abro a boca. Fecho-a. Ele *sente muito*. Essas palavras foram tantas vezes usadas ao meu redor ao longo da minha vida que me parecem sem sentido hoje em dia. Sinto muito não é como a espada mágica de um jogo de computador ou kit de primeiros socorros. Não consertam nada, mas, neste momento, parece que consertam. Parecem tão genuínas, e já as vi ser ditas com tanta falsidade.

Talvez seja por isso que tudo está em ebulição.

— Quero saber se Tessa viu as mesmas coisas que minha mãe viu. — Não consigo encarar Griff enquanto falo essas coisas. É muito íntimo, e no entanto vem tão rápido e forte que não sou capaz de me conter. — Quero saber se ela chegou à mesma conclusão; se ambas chegaram. Digo, elas devem ter chegado, não?

Só por dizer isso, meu peito se enche de culpa. Começo a tentar segurar um soluço, pois não posso, *não posso* chorar na frente desse cara.

— Como podemos seguir nadando quando alguns de nós estão se afogando? Como não podemos *saber*?

— Porque você não consegue salvar todo mundo, mas às vezes, com alguma sorte, você consegue salvar um. — Griff passa um braço sobre meus

ombros. Nunca havia entendido porque algumas garotas gostam disso. O braço dele é pesado, e faz com que eu me sinta incomodamente pequena.

E no entanto... no entanto... faz com que eu não sinta que vou me despedaçar, que vou explodir em milhões de pedaços, porque seu peso me mantém inteira.

Griff se abaixa, o suficiente para que seu rosto roce minhas têmporas.

— Às vezes você tem que se salvar procurando ajuda.

Ajuda. Podia pedir ajuda. Ele é bom em computadores — como eu. Ele vê as coisas de uma perspectiva diferente. Pelo menos, ele vê meu outro lado e não me dá as costas.

Mas posso confiar nele?

Não posso?

— Griff. — Limpo a garganta, mas pouco adianta. As palavras saem sem jeito. — Preciso da sua ajuda.

27.

Não quero que ninguém jamais saiba.

PÁGINA 17 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Griff não diz uma palavra enquanto explico. Não fala uma palavra sobre Tessa. Não fala uma palavra sobre Tally. Apenas escuta.

E, envolvida em seu silêncio, começo a *me* escutar.

Parece que estou louca.

Parece que estou com *medo*.

Levanto o queixo.

— Você não vai dizer nada?

Griff olha para mim com horror — não, pior, com *pena*. Aperto meus olhos para não ver, mas na minha cabeça uma palavra brilha como glitter: estúpida, estúpida, estúpida.

— Por que você se importa? Tessa Waye não sabia que você existia.

Meus olhos se abrem, encontram os dele. Não estou certa do que esperar. Apenas joguei a merda no ventilador na frente dele. Como ele devia reagir? Com certeza? Com segurança?

Era exatamente o que eu queria. Não havia percebido até este instante. Não estou procurando por um herói. Não existe uma coisa dessas. Só precisava de alguém que me ajudasse.

— Um dia nós fomos... amigas.

— Há mais que isso. O que você não me disse?

Eu não respondo. Ou melhor: de repente *não sou capaz* de responder.

Griff balança a cabeça.

— Não faço o trabalho se não souber o que está rolando.

— É a Lily. — Prendo bem os pés no chão para não cair. — Lily é a próxima vítima. Preciso de ajuda para pegar o cara.

— Espere. Foi você que escreveu no mural de Tessa? Foi você quem falou sobre saber quem a matou?

Assinto com a cabeça, e a boca de Griff fica momentaneamente aberta.

— Wicked... se isso é verdade... você está provocando um louco de um psicopata.

— Eu... — O primeiro sinal toca, e nós dois pulamos.

— Não podemos fazer isso aqui. — Griff passa a mão pelo cabelo. — Precisamos cair fora.

E eu preciso de uma resposta.

— E então?

— Griff? Wick? — A sra. Harding vem se aproximando com Shane Hallowell. Eles estão indo para a aula de história mundial, lugar em que Griff e eu deveríamos estar.

— Ei, Wick! Ei, Griff! — Shane dá um breve aceno. Conheço Shane desde o jardim de infância. Ele é quase tão pequeno quanto eu, com cabelo ruivo e sardento. Adora Halo 4, baixa fotos de Olivia Munn e joga Angry Birds no banheiro.

E as pessoas ainda se perguntam por que os nerds apanham.

— Estava procurando você, Griff. — A sra. Harding chega perto. Perto demais. Está a um braço de distância de mim, e consigo ver que ela empalidece. Não posso culpá-la. Agora mesmo devo ter pedaços fedidos de papel na cabeça.

A sra. Harding pisca para nós e seus olhos começam a marejar.

— Você precisa vir comigo, Griff. Pediram que você vá à diretoria.

À diretoria? Mas Griff nunca entra em confusão. Certo? Mas, ele não olha para mim.

— Claro, sra. Harding.

A sra. Harding olha para mim.

— Você vai se atrasar, Wicket.

— Claro. Estou a caminho.

Mas não estou. Quero uma resposta. Griff parece horrorizado, mas certamente entende o que eu tinha de fazer. O que *tenho* de fazer. Só quero um olhar, por menor e rápido que seja, *qualquer coisa*, para saber que ele está comigo.

Para saber que não cometi um terrível engano.

Mas não consigo nada. A sra. Harding e Griff seguem para a diretoria, deixando-me com Shane.

— Que droga, Wicket! — Shane se aproxima e me cheira. — Você está cheirando a comida podre.

— Vá sem mim. Esqueci meu livro de matemática.

— Mas você vai se atrasar. A sra. Harding vai te dar uma advertência.

E a coisa toda vai ficar pior ainda se o lance de Tessa se tornar público. Corro atrás deles, pego outro corredor para que a sra. Harding não me veja. Não tenho ideia do que fazer.

Engraçado, mas no final isso nem importa.

Chego à entrada a tempo de ver Griff sendo escoltado para dentro de um sedã de cor escura com placas do estado.

A visão me faz parar, e por um instante não sei dizer sequer se estou de pé, mas de uma coisa eu sei: reconheço o cara que fecha a porta do carro atrás de Griff.

É Carson.

28.

Quando as pessoas me perguntam como estou, tenho que lutar para não gritar.

PÁGINA 15 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Não consigo parar de pensar em Griff. Deixo a escola imaginando policiais à minha espera no estacionamento, mas não há nenhum. Nenhum no caminho de casa. Nem em casa.

Não tenho ideia do que isso significa, o que faz minha cabeça querer explodir.

Abro com cuidado a porta lateral de casa, mas Bren me escuta antes mesmo que meus pés cheguem à escada. Juro por Deus, essa mulher deve ter um ouvido supersônico. É tipo um superpoder, não sei.

— Wicket, você está em casa? — Bren vem da cozinha pelo corredor, secando a mão numa toalha de pratos rosa desbotada. Ela continua fazendo isso até chegar a um metro e meio de mim e então torcer o nariz.

— Por que você está cheirando a bolo de carne, Wick?

Oh, Deus. A lanchonete serve bolo de carne às quartas-feiras. Cheirar a bolo de carne da lanchonete já é ruim por definição; agora, cheirar a bolo de carne de cinco dias atrás da lanchonete é para vomitar.

Tento mostrar que não é grande coisa.

— Sim, andei ajudando na reciclagem.

As sobrancelhas de Bren se levantam, e eu meneio a cabeça de maneira ainda mais enfática, querendo que mentalmente ela acredite em mim. Não sei se ela acredita, mas graças a Deus não insiste. A última coisa de que preciso é que minha mãe adotiva irrompa no gabinete do diretor para reclamar. Se isso acontecer, Jenna vai fazer o possível para que o Sem-Pescoço me mantenha sob os sacos de lixo até que eu pare de chutar.

— Talvez você precise de um banho — Bren sugere.

— Ou dez. — Dou-lhe um sorriso leve e, para minha surpresa, ela sorri de volta. Coitada da Bren... eles não tratam desse tipo de babaquice nas revistas de país que você lê.

Não acho que isso realmente qualifique Um Momento, mas é meio que gostoso. Ela nem se preocupou em pedir que eu pusesse minhas roupas no lixo.

Nem trouxe uma vasilha de desinfetante para que eu mergulhasse nele, o que é, sinceramente, muito generoso da parte dela. Se meu filho (ou o que quer que eu seja para ela) chegasse em casa cheirando a bolo de carne, eu provavelmente lhe daria um banho de mangueira no quintal.

Passo xampu no cabelo pela segunda vez e concluo que poderia fazer progressos no fronte de Bren. Até eu me secar e perceber que ela jogou fora todas as roupas que eu estava usando.

Incluindo meu All Star.

Contrariada, ligo o computador e espero o browser da internet carregar. Tempo suficiente para me preocupar com o que se passou com Griff, com o que eu lhe contei sobre Tessa e com o que ele falou a Carson. Esfrego os olhos, e subitamente a exaustão faz com que eu queira me encolher como um tatu-bola.

Então há o cara que abusou de Tessa. Griff está certo. Estou provocando um psicopata. Ele vai se vingar. Sei que vai.

Mas é como vou pegá-lo.

Ou pelo menos é isso que digo a mim mesma, pois a alternativa é bem terrível de se admitir. Ele poderia vir atrás de mim. Pior, ele poderia vir atrás de Lily.

Minha homepage do Google está agitadaíssima, e uso minha conta de Gmail para enviar a Tally uma mensagem rápida. Precisamos conversar. Quero saber mais sobre o que Tessa queria dizer quando escreveu que sua mãe amava o cara. Talvez Tally tenha algumas ideias, mas não quero me explicar por e-mail,

então peço a ela que me encontre à noite na trilha próxima à sua casa. Envio a mensagem e me sinto um pouco melhor.

Embora reconheça que estou obcecada, entro na página do Facebook. O histórico do meu computador me leva à página de Tessa, e fico surpresa que seus pais não a tenham desativado. A imagem de Tessa ainda sorri para mim e eu rolo rapidamente a página para evitá-la, indo direto para meu comentário e a resposta dele.

Ainda está lá, mas há algo mais. Michael Starling escreve para mim mais uma vez, adicionando uma imagem, a qual produz um soluço que sobe pela minha garganta como se tivesse garras.

É uma imagem de Lily. E quando eu desço para o comentário, está escrito:
consegue ver quem é a próxima?

29.

Não consigo mais comer perto dele, mas isso não o impede de comer. Às vezes, é como se ele parecesse vazio, e nada pudesse enchê-lo.

PÁGINA 44 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Na imagem, Lily está descendo as escadarias da frente da escola. Ela sorri. Quem quer que tenha tirado essa foto está próximo... ou talvez tenha fotografado com zoom. Não importa, ela poderia estar a cinquenta metros de distância e ainda assim seria perto demais.

— Wicket? Você está bem?

A reação é imediata: minimizo a janela do site e me viro para encontrar o olhar de Todd. Às vezes é bizarro o jeito como ele aparece sem produzir nenhum barulho. Meu pai adotivo está na porta do quarto, mas não sei dizer há quanto tempo. Será que tempo suficiente para ver a página do Facebook? Tempo suficiente para ver a imagem de Lily?

Eu me endireito na cadeira.

— Sim, estou bem.

— Mesmo?

Você não tem ideia.

Sorrio para Todd e enterro minhas unhas na palma das mãos até que sinto a pressão do sangue se elevar.

— Tudo sob controle.

Todd assente.

— Estou indo à igreja passar um tempinho lá, e Bren estará em conferência pelo resto da tarde. — Ele se vira para sair. — Você ficaria bem sozinha algum tempo?

— Claro — respondo, e ofereço-lhe um sorriso como se estivesse tudo ótimo e Michael Starling não fosse um peso de trezentos quilos no meu peito.

Foi por isso que Tessa pulou.

Não sou uma suicida. Não está em mim. Mas sei correr. Sou a filha do meu pai, afinal de contas. Posso fazer as coisas de um jeito que esse cara que quer a minha irmã jamais vai nos encontrar.

Embora Lily só tenha chegado lá pelas cinco horas, eu já havia arrumado nossas coisas e estamos prontas para fugir. Minha irmã não diz nada até o fim da minha explicação, que não tem exatamente um fim, apenas se esgota.

— Temos que ir. Hoje à noite. — Não lhe digo a verdade, lógico. Digo que é por causa do papai. E de Joe. Mas de algum modo, subestimei minha irmã... ou me superestimei.

Provavelmente ambos. Pois ela não está comprando a história.

— Não precisamos ir a lugar nenhum — Lily diz. — Temos Bren e Todd agora.

Bren e Todd. Como se fossem nossos pais. Como se se preocupassem com a gente. Será que ela pensa que, repetindo isso, tudo se torna real? Começo a lhe perguntar e paro. Afinal de contas, para ela é real. Ou real o suficiente.

Surge um pensamento indesejado: Bren e Todd adotariam Lily se eu não estivesse na fotografia?

Claro. Sem dúvida.

Ela estaria a salvo se não fosse por mim.

Então mais uma vez, nós estamos realmente salvas? Veja Tessa. Estar a salvo depende da cooperação de todos, e nem todos cooperam. O sujeito que abusou de Tessa, por exemplo.

Olho para Lily.

— Precisamos ir, Lil.

— Por quê?

— Você precisa confiar em mim.

— E vamos para onde?

— Para onde você quiser. Seattle? Miami? — Meus olhos viajam pelo quarto buscando inspiração e chegam ao calendário da National Geographic.

— E a Europa?

— Que tal *aqui*? — A voz de Lily raspa a garganta. — Quero ficar aqui, Wick. Quero ir à escola. Quero ir à faculdade. Não quero fugir.

— Não é fugir. Você quer ir à escola. Beleza. Sério, Lil, para onde você quer ir? Posso fazer acontecer.

— Não, você não pode. Não para valer. Você só consegue fazer isso hackeando.

Ai, saco.

— Posso matricular você em qualquer escola que você queira frequentar. E ainda sou capaz de colocá-la na lista dos que só tiram A.

Lily dá uma sacudida rápida e curta na cabeça.

— Mas isso seria uma mentira.

— Melhor que mentir para si mesma que nós duas pertencemos a este lugar. — Estou sendo má agora, mas não consigo evitar. Hackear é tudo que posso fazer, e não é legal. Não é legal como Bren e Todd. Nem como essa vida que estamos vivendo. — Olhe ao seu redor, Lily. Não somos daqui.

— Eu sou. — Ela ergue o queixo. — Eu serei.

E quanto a mim? Pensei que fôssemos do mesmo lugar. Lily arrasta sua mala para fora do quarto e bate a porta atrás dela.

Como ela pode querer ficar?

Como ela pode não querer ficar? Nossa vida agora é teoricamente perfeita.

O perseguidor de Tessa pode até pensar que está acima de tudo isso. Talvez pense que não possa ser pego. Mas ele deveria repensar o caso. Posso fazer isso. Tudo parece diferente pois toca fundo, porque envolve Lily.

Tudo parece diferente porque é diferente.

Então a voz de Griff surge em minha cabeça: *é um louco de um psicopata.*

— Sim, ele é — eu suspiro. — Mas também não posso confiar em você. Não tenho ideia do que você vai dizer para Carson.

É outro problema. Nesse meio-tempo, no entanto... dou uma olhada nas postagens que vêm depois de Michael. Pessoas meio assustadas, duas delas dizendo que entrarão em contato com a polícia... Mas eu não me contenho, pego o teclado e escrevo na caixa de comentários:

vou fazer você pagar por isso.

E vou.

Posto a resposta, e fico feliz com o resultado... mas ao mesmo tempo me sinto vazia.

Ele está perto o suficiente para tirar fotos da minha irmã. Preciso fazer minhas ameaças se transformarem em realidade.

Vejo a indicação de horário na foto de Lily. Já são quase seis horas da tarde, então foi postada há três horas. A esta altura, a maioria dos amigos de Tessa ainda está na escola, então há uma grande chance de nem todos terem visto, mas, mesmo se duas ou três pessoas viram, isso pode ficar sério. Lily e eu nunca estamos nos holofotes, mas ainda assim... as pessoas nos conhecem. Rumores correm. Alguém ligará para os Waye ou para Bren.

Ela trará os policiais e, com tudo que estou fazendo para Joe, as coisas podem ficar perigosas.

Já tenho muitos pontos fracos na minha defesa. E mesmo que não queira, meus pensamentos se voltam mais uma vez para Griff. Ele ainda não ligou nem mandou mensagem. Alguma coisa está muito errada. Será que fiquei exposta à traição?

Meu computador sinaliza mais uma vez. Uma nova mensagem surge na caixa de comentários:

não se eu te encontrar antes.

Minha mão se agarra ao mouse ao mesmo tempo que meus pés tocam o chão. Ele está puto, mas também estou, e não demora para que eu sinta medo. Pessoas irritadas cometem erros, e não posso me dar ao luxo de estragar tudo.

Ele respondeu à minha mensagem em menos de um minuto. Não é tempo suficiente para apagar vestígios. Qualquer deslize, o menor que seja, ajudaria. Preciso só de uma pequena informação, uma pequena gota em meio ao seu anonimato para que eu possa desmascará-lo.

Abro outra janela, faço login na conta de e-mail de Tessa. Há quarenta ou cinquenta novas mensagens, mas a notificação do Facebook sobre a última postagem está bem no topo.

Copio uma série longa de números no topo do e-mail. Então abro o www.myiptest.com e colo os números para fazer uma busca.

Minha nossa. Olho para minha tela e penso que não posso estar vendo aquilo... mas estou.

O malandro não usou seu software desta vez. Isso é um endereço de IP.

Sufocando um grito de guerra, colo o endereço físico no Google. Endereços de IP são como números de telefone em seu computador. Rastreie-os até seu servidor e você poderá localizar o dono. Preciso produzir uma busca de informação, mas não levo trinta segundos para encontrar o que quero.

Embora o que eu tenha encontrado não seja o que queria.

Droga. Aperto os olhos para a tela, a excitação formigando nos meus pés. Tenho um local. Ele tem quinze computadores funcionando sete dias por semana. Pessoas vêm e vão ali em fluxo quase constante. Isso não estreita meu foco — isso o amplia.

A imagem de Lily foi carregada na Biblioteca de Peachtree City.

30.

Não entendo como os nerds podem ser felizes. Mais uma vez, segundo todos os seriados de TV, minha vida deveria ser perfeita.

PÁGINA 44 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Levo quinze minutos para deletar a página do Facebook de Tessa. Meus comentários? Deletados. Os comentários dele? Deletados. E todo o resto de Tessa? Idem.

Sinto que é como se ela tivesse morrido de novo.

Apago todas as evidências que posso, usando até o método Gutmann para deletar todos os arquivos e histórias associadas à conta de Facebook de Tessa. Mas isso deveria me fazer ganhar tempo.

Tempo para descobrir quem estava usando aquele computador para fazer o upload da foto de Lily? Só Deus sabe. Não tenho ideia de como conseguir essa informação da biblioteca. Duvido que mantenham os nomes em formato eletrônico de modo que os pudesse acessar, então isso tudo me leva a...?

Lugar nenhum. Verifico mais uma vez meu e-mail, mas Tally não respondeu, então sigo para a cozinha, onde Bren está caminhando de um lado para outro numa conferência por telefone.

“Lauren está aqui”, ela diz com os lábios antes de responder à pessoa do outro lado de seu Bluetooth que a oferta é ridícula.

— Podemos ir a outro lugar — Bren continua, brincando com o pino da caneta. — Se vocês quiserem jogar, então é melhor que venham à mesa com uma oferta real.

— Ela é sempre assim? — Lauren salta sobre um dos bancos altos e escuros de madeira alinhados na ilha da cozinha.

— Sim. — Assistimos a Bren praticamente marchar pelo corredor ainda recolhendo e apertando o pino da caneta. — Acho que tudo isso é parte de um plano para a dominação mundial.

Lauren assente.

— Não importa, vim aqui pra te pegar. Vai rolar uma festa lá em casa, e eu queria que você viesse.

— Não fico bem no meio de um bando de gente. — O que é um modo econômico de dizer que não consigo me divertir no meio de gente que me joga dentro de contêiner de lixo.

— É uma festa na piscina, Wick. Você precisa dar uma desencanada, e vai ser legal. — Lauren põe uma mão sobre meu braço, falando comigo como se estivéssemos num ônibus escolar. — Eles não vão incomodar você. Tenha certeza disso.

Olho para ela. Lauren só pode ter caído de cabeça durante o treino da torcida para achar que Jenna não me incomodaria.

— Por que você é amiga de Jenna?

Lauren dá de ombros.

— Se eu não fosse, ela pensaria que tenho medo dela.

— Lauren. — Bren reaparece, tirando seus acessórios telefônicos e parecendo cansada. — Que bom te ver.

— Olá, sra. Callaway. Só estava de passagem para pegar Wick. Minha mãe disse que podia levar umas pessoas em casa esta noite... tipo, é a última folga que temos antes de começar a estudar para o vestibular na próxima semana.

— Os estudos começam na próxima semana? — As sobrancelhas de Bren se unem num nó. — Wick, você tinha me contado isso?

Provavelmente não.

— Não vi motivo para fazer a prova.

Lauren ergue a cabeça.

— Mas você tem ótimas notas. Por que não faz?

— Sim, exatamente. Não entendo — Bren completa. Agora as duas olham para mim como se eu fosse um poodle pronto para uma performance.

O que *não* é o caso.

— Bom, vejamos, tem muita coisa rolando.

Saca? Tipo, sobreviver? Lanço um olhar incisivo a Lauren. Você não consegue ter uma vida normal quando seu pai traficante está fugindo e você está aplicando golpes em gente inocente por dinheiro e diários de garotas mortas aparecem à sua porta.

— Não acho que ninguém na minha família jamais tenha ido à universidade. Tenho sorte de ter as notas que tenho.

— Não tem nada a ver com sorte — Bren murmura.

Ela está certa, lógico. Por aqui, os professores não lhe dão boas notas porque você é o pobrezinho corajoso. Isto aqui não é uma porcaria de filme com lição de vida e superação. Tenho de trabalhar por tudo.

— Então ela pode vir, sra. Callaway?

Bren investiga os acessórios do seu Bluetooth, visivelmente em conflito entre a fúria por eu não lhe ter dito sobre o vestibular e a incompreensão da minha situação.

— Claro. Acho que você deve ir, Wick.

— Bren, você acha que tenho cara de gente que vai a festas na piscina? Pareço ter cara de alguém que *nada*?

Lauren lamenta.

— É verdade, você está meio branquela.

— Branquela é pouco. — Levanto uma coxa à altura da pia da cozinha. — Quem me vir de short vai achar que um anjo desceu à terra.

Bren começa a tossir.

— Ninguém nunca vai olhar para você e pensar num anjo — diz Lauren. — Você tem que vir. Eu poderia te arrastar, eu sei. Sou maior que você.

— Não muito. — Mas me afasto um pouco para ficar a salvo. Lauren tem essa força medonha de líder de torcida. Ela faz exercícios com alguns dos jogadores de futebol. E eu... bom, passo meu tempo digitando no computador.

— Além disso — Lauren continua —, Griff vai estar lá. Disse a ele que você viria, então ele disse que irá também.

Eu me endireitei.

— Quando você viu Griff?

— Agorinha mesmo, antes de vir. Por quê?

— Por nada.

Lauren inclina o tronco como se quisesse chegar mais perto, e sua risada inocente cresce e ganha quase o rosto todo.

— Griff disse que vocês dois têm algo realmente importante a tratar.

Tento sorrir de volta, fingindo que meu estômago não foi subitamente revirado.

— Ah, é?

— Sim. Ele disse algo sobre ter os nomes de um endereço IP.

— O quê? Um IP?

Lauren estala os dedos.

— Isso. Um IP. Ele disse que é realmente importante para o seu trabalho de informática.

— Alguma outra coisa?

Ela dá de ombros.

— Ele disse alguma coisa sobre os nomes relacionados a esse IP. Honestamente, tudo que consigo lembrar é “blá-blá-blá, preciso ver a Wick”.

Que diabo! Será que ele está falando sobre o IP da biblioteca? Será que ele tem o nome real da pessoa que usou aquele computador? Verifico meu telefone. Seis e meia. Tenho meia hora antes de me encontrar com Tally. Se correr, encontro os dois.

— Estarei lá.

Assim que Lauren sai, vou direto para a casa de Tally e espero na trilha, mas sete horas chega e passa sem sinal algum dela. Espero outros dez minutos e penso se não levei um cano.

Se fosse qualquer outro cliente, teria ido embora. Na verdade, se fosse qualquer outro cliente, eu nem estaria aqui. Não encontro ninguém cara a cara, e nem maluca vou à casa de um cliente e bato na porta.

Mas isso é exatamente o que decido fazer. Tally não me deixaria esperando desse jeito. Alguma coisa está errada. E, quanto mais perto chego da casa, mais percebo que estou certa. Todo o lugar parece vazio e apagado. As cortinas fechadas. A garagem trancada.

Devia dar meia-volta e ir para casa. Em vez disso, pego uma cópia da *Wired* da minha mochila e decido que, se o sr. ou a sra. Waye vier abrir a porta, direi a eles que estou vendendo assinaturas para levantar fundos para a escola. Vai funcionar, não?

Certo. Toco a campainha. Por um longo momento, não há nada, e então alguém se movimenta do outro lado da porta e um rosto aparece no vitral.

— Wicket!

Aceno.

— Olá, Brandy!

A porta se abre, e ganho um abraço de urso. Brandy é a empregada da casa dos Waye desde meus tempos de criança. Nunca mais a havia visto desde aquela tarde horrível, mas ela me abraça como se nunca tivéssemos deixado de ser amigas.

— Não a vi no enterro — sussurrei-lhe ao ombro.

— Eu não podia ver aquilo. — Brandy me empurra para dentro com tanta força que eu teria caído se ela não tivesse segurado meu braço. — O que você está fazendo aqui?

— Hum, bem. — Teria sido mais fácil mentir para os Waye. Faço uma careta e decido tentar a verdade. — Vim ver a Tally. Ela está?

Brandy balança a cabeça, o cabelo negro caindo sobre os olhos.

— Não, ela foi embora.

— *Embora?*

— Sim, com a mãe dela. — Brandy é bem literal, mas sua boca se estica como se ela estivesse prestes a chorar. — Vou embora também. Os Waye estão

se divorciando. A sra. Waye levou Tally para Charleston para ficar com a mãe dela. Elas não voltarão.

— Por quê?

Brandy encolhe os ombros, olha para trás como se estivesse com medo de ser ouvida.

— Não sei. Ela disse que precisava manter Tally a salvo.

Minha pele fica fria. A salvo. A sra. Waye sabe o que aconteceu de verdade com Tessa?

— Estou indo embora também. Agora. — Brandy me conduz até a rua, onde um sujeito comprido num Toyota já meio avariado anda com o carro para nos encontrar. — Estou tão feliz de ter te encontrado antes de ir embora, Wicket.

Subitamente, fico feliz também... e triste. Realmente, não havia pensado sobre Brandy por anos, mas agora sinto falta do jeito que ela sorria para nós, como ela costumava me dizer que eu podia ser o que quisesse... e eu acreditava nela.

Brandy abre a porta do passageiro e passa a bolsa ao sujeito. Ela se vira e me abraça mais uma vez.

— Fique longe daqui, Wicket. Ele está furioso, completamente alucinado. Não volte aqui. Você se lembra dele.

Claro que sim. Fico parada no meio-fio e vejo Brandy partir. Lembro-me de um homem tão controlador que escolhia as roupas de Tessa, criticava seu comportamento e cerceava as amizades da filha baseado nas relações dos pais. Achava-o um horror. Ainda acho. Mas agora fico pensando se não havia algo que o fizesse ser assim. E se o sr. Waye estivesse preparando Tessa para alguma coisa? Eu pensava que tudo se resumia a torná-la perfeita o suficiente para viver sua vida perfeita. Mas e se ele estivesse preparando Tessa para ser perfeita para ele?

Isso explicaria por que ela nunca disse a Tally. Isso também explicaria por que ele ficou na porta da nossa casa. Ele está louco por Lily.

Mas se isso for verdade e se a sra. Waye descobriu a verdade, por que ela não o denunciou? Por que ela não o entregou à polícia?

Porque estava com medo dele. A sra. Waye estava com medo do marido, como minha mãe tinha medo do meu pai. Às vezes é mais fácil correr.

E, quem sabe, talvez elas estejam seguras em Charleston.

Até que penso: Tally talvez, mas Lily não.

Vinte minutos depois, chego à nossa rua e paro. Tem um carro de polícia estacionado na rua. Carson.

Finalmente ele não está nos perseguindo. Está na varanda da frente, e Bren está perto de fazê-lo entrar.

Saco. Verifico meu telefone. São sete e meia, apenas quatro horas depois de a imagem de Lily ter sido postada. Carson deve ter rastreado a foto e chegou à minha irmã... ou a mim.

A ansiedade faz o latejar da minha têmpora direita aumentar um pouquinho mais. Deus do céu. Que hora para ter uma dor de cabeça.

Bren fecha a porta com firmeza atrás de Carson, e depois de algum tempo de espera, parece que o detetive não regressará ao carro tão cedo. Desço a rua com um olho na casa e outro no sedã de Carson. Meu primeiro instinto é esvaziar os pneus, mas então... então uma ideia me ocorre: Carson não pode ser um suspeito.

A sra. Waye teria pedido socorro a um homem em quem ela confiasse e amasse e contaria tudo a ele — especialmente se fosse um policial —, mas ela não o fez. Ela fugiu.

Penso sobre a fotografia dos Waye na página de Tessa no Facebook. E se Carson soubesse que alguma coisa andava mal com Tessa? E se ele não estivesse olhando para ela com ciúme, mas com suspeita e preocupação?

E se Carson e eu estivermos no mesmo time?

Deve haver um jeito de descobrir.

Caminho em torno do carro, e, lógico, todas as portas estão trancadas. Mas, por causa do calor, Carson deixa as janelas parcialmente abertas. A do passageiro está ligeiramente mais aberta que as demais. Não o suficiente para passar uma mão ou um braço... mas o bastante para deixar um diário.

Observo a casa, tento depreender algum movimento nas janelas. Nada.

Antes, não havia pensado que o diário poderia ajudar a polícia. É muito vago. Mas talvez — *talvez* — leve a um exame mais detido do sr. Wayne.

Tiro o diário de minha mochila, deixando aberto à página 22 e cuidadosamente dobrando o canto da página para que ele veja a sentença sobre como a mãe de Tessa adorava o abusador da sua filha. Não é muito, mas é o que pode haver de melhor por enquanto.

Limpo o caderno com a frente de minha camiseta. Paranoica? Sim, totalmente. Então o deixo cair sobre o banco de trás e vou embora.

Corro para a casa de Lauren.

31.

Não temos armas. Minha mãe mantém as facas trancadas... mas deve haver outra forma.

PÁGINA 51 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

A casa de Lauren parece saída de uma daquelas revistas que você folheia em cafés. Talvez para eles seja normal, mas ainda acho difícil acreditar que pessoas reais vivam assim. Tudo é muito limpo. Os tecidos são muito delicados. As cores que a sra. Cross usou são brilhantes e suaves ao mesmo tempo. A casa meio que convida você a... relaxar.

Mas ali eu fico tensa como no inferno.

Pessoas como Bren e Todd sentem-se confortáveis ali, mas, é claro, é assim que deve ser. É o mundo deles, não o meu.

Talvez eu tenha de ser mais específica quanto ao *meu*, pois para Lily está tudo ótimo. Na verdade, melhor que ótimo.

Então qual é o problema?

Acho que não quero saber. Entro pela porta lateral que leva à cozinha dos Cross. Deve haver umas vinte pessoas apinhadas ali dentro, mas não consigo dar meia dúzia de passos antes de topar com Jenna Maxwell. Seu cabelo quase branco está arrumado num rabo de cavalo, e ela está usando um vestido de cor meio infantil mais ou menos como o que Bren me trouxe na semana passada.

— Por que *você* está aqui? — ela provoca.

Tento encontrar uma boa resposta, mas fico com preguiça. Jenna tem pó com glitter por todo o rosto e ombros e sou incapaz de parar de olhar. Ela, tipo... brilha. Tenho quase certeza de que ela acha fabuloso.

Mas a impressão que dá é de que ela foi atacada por uma fada.

— Que foi? — Jenna pergunta. — Com inveja?

— É... — Mas não existe mesmo uma boa resposta. Se disser “não, não sinto inveja pois já vi a mesma beleza de modelito em strippers”, ela vai me esmagar até sobrar o osso. Se disser que sim, é provável que o resultado seja o mesmo.

— É... — Jenna imita. Ela me olha de cima a baixo e, a julgar pelo desprezo, alguma coisa em mim deve faltar. Até aí, nenhuma surpresa.

Então, por que continuo a me sentir feito um zero à esquerda?

Jenna põe as mãos na cintura.

— Que diabo você sabe, Wicket? Você acha que por ser amiga de Lauren isso a faz especial?

— Cai fora, Jenna. — Griff, o esbelto e firme *Griff* que anda em carros de polícia, passa o braço por meus ombros, e as veias no pescoço de Jenna saltam como cordas. — Você está bêbada.

— Talvez esteja. — Jenna me olha mais uma vez. — Então qual é sua desculpa, Griff?

Quero sair, mas não consigo me mover. O braço de Griff está apertado. Ele me prendeu, e não quero ouvir mais nada disso, nada. Porque sei o que vem em seguida. Ele vai dizer que só está tirando uma onda comigo, que vai me dispensar.

Não quero ouvir isso.

O rosto de Jenna se contrai.

— E aí?

O braço de Griff se fecha ainda mais apertado em mim. Seus dedos deslizam por meu pescoço, tocam os cabelos da minha nuca. Todos olham, e ele... ri dela.

— Você é uma idiota, Jenna. — Griff me traz para seu lado, e nós passamos por Jenna como se ela nem existisse.

E talvez, por um minuto, ela não exista mesmo. Porque tudo que sinto é Griff, seu corpo anguloso e confortável contra mim, e tudo em que consigo pensar é como ele ficou ao meu lado e como me sinto sobre ser salva por alguém em quem já não sei se posso confiar.

Haverá um revide da parte de Jenna — provavelmente mais um mergulho no contêiner de lixo no futuro —, mas neste exato momento quero que tudo se exploda. Estou com Griff e deveria suspeitar dele, deveria estar exigindo respostas, mas parece tão... tão bom estar sob o seu braço e andando colada a ele.

Exceto pelo fato de que olho ao redor e percebo quanta gente nos observa. E cochicha.

Pode ser porque Griff tenha feito Jenna parecer uma perfeita idiota, mas pelo modo como seus olhos me medem, sei que é outra coisa.

— Lily — uma garota movimenta os lábios para a outra, e minha pele fica fria.

Olho ao redor, escuto o nome da minha irmã passar aos suspiros de boca em boca. Algumas pessoas se afastam de nós, mas outras começam a se aproximar, e percebo que sabem. Elas viram a página no Facebook ou ouviram falar dela.

E de repente meu sorriso — aquele que eu nem sabia que tinha — evapora. Estou de volta à vida. Minha vida real.

— Sobre que IP você falou a Lauren? — sussurro.

Griff cumprimenta alguns caras do time de beisebol que acenam para nós como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

— O único que interessa: o que Michael Starling usou para fazer o upload.

— Me conta...

— Ainda não, Wicked. Não aqui. — Griff diz oi a mais algumas pessoas, mas felizmente não paramos. Os olhares de seus amigos se voltam para mim.

É porque eles viram a foto de Lily? Ou porque Griff está segurando minha mão?

Seguimos rumo à parte de trás da casa, onde há um casal se beijando na piscina e um jogo de vôlei. Ótimo. Ninguém está prestando atenção em nós.

Griff me puxa para um conjunto de espreguiçadeiras, de onde se pode avistar o corredor que separa o quintal dos Cross da rua.

O detetive Carson está parado no meio-fio.

32.

Foi horrível acordar hoje de manhã. Não que os cobertores pesassem muito, mas era como se eu estivesse enterrada.

PÁGINA 3 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **Ele está aqui** esperando por você.

Pisco, forço-me a virar e encarar Griff, embora isso arrepie os cabelos na minha nuca. Detesto ver Carson atrás de mim.

— Ah, é? Como você sabe que ele não está aqui à sua procura, Griffin? Foi você que andou no carro com ele.

— Ah, você viu? — Os lábios de Griff se contorcem num sorriso bobo. Isso me deixa nervosa. Falsidade nunca é bom sinal. Quero manter minha atenção em Carson, mas agora... agora tenho medo de ter Griff atrás de mim.

— E eu achei que era para eu ser o perseguidor, Wicked.

— Você está desviando do assunto.

— Na verdade, não. Acho que só fiquei surpreso que você soubesse sobre aquilo. — Seus olhos estão sobre mim, e mais uma vez me sinto arrebatada. Verde de farol de trânsito é mais adequado, ou melhor: *a única forma*, de descrever seus olhos. Exceto pelo fato de eles não me dizerem “siga”. Eles sinalizam “fuja”.

Meus pés ficam a postos.

— Considerando que é você — Griff continua, passando uma mão manchada de tinta pelo cabelo —, acho que não devia estar surpreso.

— É, talvez não devesse.

Incrivelmente, isso o faz rir. Griff recai sobre a primeira espreguiçadeira e puxa uma almofada para perto de si.

— Você está um horror. Relaxe e sente-se comigo.

Olho para os lados.

— Prefiro ficar de pé.

— É melhor você se sentar comigo. — A mão de Griff serpenteia e agarra meu pulso. Essa deveria ser a parte em que ele me puxa para baixo, e eu preciso lutar para me livrar dele. Mas ele segura meu pulso como se eu fosse frágil como vidro e mais pontiaguda que uma agulha. — Ele não pode mexer com você aqui. Ele não pode mexer conosco. Relaxe. Por favor.

Ninguém nunca me diz essas palavras. Talvez seja esse “por favor” ou talvez seja ele. Ou talvez seja apenas o fato de que, no fundo, realmente quero ficar perto dele, mas desisto. Meus joelhos se dobram, e eu me ajeito ao seu lado.

E, embora me sinta em pânico, é como se eu tivesse chegado em casa.

— Então, qual é o lance? — pergunto.

— Eles queriam que eu fosse lá para responder a algumas perguntas.

— Tipo?

— Meu pai. Ele não foi para a Califórnia por causa do clima ou pelo que quer que fosse. Ele fugiu de um traficante.

Perto de mim, Griff fica nervoso. Ele é geralmente tão calmo, como se estivesse sempre prendendo a respiração.

— Não é grande coisa, Wicked. — Griff volta a atenção para a palma da minha mão. Ele está passando seu dedão em círculos pela minha linha da vida agora. — Achei que seria melhor ir com o detetive Carson em vez de ter que encontrar o diretor.

Verdade, mas agora ele tem um problema. Não importa que os policiais tenham perguntado a Griff sobre seu pai. Joe pensará que eles estavam questionando Griff sobre o esquema. Meu Deus, se Joe descobrir...

Sinto um calafrio.

Como se conseguisse ler minha mente, Griff balança lentamente a cabeça.

— Tivemos nossa conversa em particular. Ninguém mais sabe. Tenho dezessete anos. Estou protegido. Carson não sabe nada sobre Joe. O que aconteceu... não muda nada.

— Se Joe souber, ele virá atrás de você. Não é mais seguro para você estar envolvido nisso.

Começo a me levantar, e dessa vez Griff me segura.

— Ele não saberá se você não contar, e acho que você não faria isso comigo.

Arregalo os olhos. *Ele confia em mim? Por quê?*

— Estou seguro — Griff diz. — Mas você, não.

Ele diz que Carson passou boa parte do tempo perguntando sobre mim. Ele pensa que, por sermos da mesma vizinhança, Griff sabe tudo a meu respeito: o que faço no meu tempo livre, que tipo de computador eu tenho. Descubro que não sou paranoica. Carson suspeita que eu seja uma hacker.

Isso faz minha ansiedade aumentar a ponto de irromper pelos poros.

— O que você disse a ele?

— Não disse nada. — Griff vai para trás e me puxa para perto dele. Ele se ajeita nas almofadas até que eu esteja sobre seu peito, meus seios e abdome pressionados sobre ele. Geralmente penso em mim como uma pessoa difícil, mas Griff faz com que eu me derreta. — Você precisa acreditar em mim. Eu não disse nada.

Carson não aceitará isso. Não há saída. Começo a dizer a Griff exatamente isso quando percebo que ele não está me vendo mais. Seus olhos estão voltados para além de meus ombros, observando o carro de Carson.

— Tudo que sei sobre você, Wicked, é inútil para ele.

Não penso o mesmo — Joe e o golpe e Tessa não são inúteis. Deus, Tessa. Preciso perguntar sobre o nome verdadeiro de Michael Starling, mas não consigo parar de pensar que tudo que Griff sabe a meu respeito poderia me enterrar.

— Ah, é? O quê?

— Sei que sua risada parece dura, até enferrujada. Sei que você parece faminta mesmo depois de ter comido. Sei que esporadicamente arremessam

você na lixeira. E tudo o mais são detalhes.

Ele me olha de soslaio. Parece um pouco melancólico.

— Devo continuar?

— A única coisa de que realmente necessito é café. — Pareço meio irritada, mas rio feito uma idiota, como Lily com o vestido novo, como minha mãe quando ainda estava apaixonada pelo meu pai.

Dentro de mim tudo se contorce.

Sei bem o que é aparentar isso. Sei bem o que é *sentir* isso.

— Não é sobre isso que estou falando e você sabe, Griff. Você sabe mais que o suficiente sobre o golpe e Joe e sobre mim para informar Carson. Como posso saber que você não disse nada a ele?

— Porque você ainda está aqui. — Griff se aproxima, passa a mão pelo meu cabelo. — Eu não faria nada que pudesse te machucar.

Tento voltar ao normal, tento reencontrar a garota que eu costumava ser, aquela que a atenção de Griff e os cuidados ansiosos de Bren e a confiança de Lily ameaçam apagar.

— Você está bem?

— Sim — respondo, e me levanto. Estou sentada agora, e ainda não há espaço suficiente entre nós. Levanto, e os dedos de Griff, que afagavam minha mão, se afastam da minha pele. Ótimo. Penso melhor quando ele não me toca. — Estou bem.

Griff me observa, e então não tenho de olhar. Observo Carson.

— Por que você faz isso? — ele pergunta.

Engraçado como eu não preciso pedir que esclareça a pergunta.

— Hackear é o que faço melhor.

— Você é boa em matemática. Não te vejo fazendo a lição de casa do pessoal por dinheiro.

— Provavelmente porque não paga bem. — Vaca. Pareço uma vaca e não queria. É a verdade e no entanto não é assim que gostaria que ela se apresentasse. — Desculpe, é que... por que você não faz outra coisa?

— Você tem opções melhores que as minhas.

Sim, tenho Bren e Todd... mas por que parece que Griff está escondendo algo? Ele não diz nada, nem eu. O silêncio aflora. Posso sentir o quanto ele quer que eu o quebre, mas não vou falar. Eu sei como lidar com isso. Não se pode enganar uma enganadora.

— Você está pretendendo fugir?

Tenho de segurar o riso. Ou era um soluço. Ou talvez ele saiba com que estou jogando.

— Sim... se for necessário.

— Mas enquanto isso você tenta pegar os caras maus.

Quase rio outra vez. Ele faz a coisa toda soar tão heroica, como se eu não estivesse terrivelmente assustada. Olho para Griff, vejo-o olhando para mim como se sacasse a piada também. Seu sorriso está como que suspenso por cordões.

Meus olhos então procuram Carson, mas a rua está vazia. Ele se foi.

— Desculpe por ter enfiado você nessa história, Griff. Eu faço tudo ficar pior.

— Não estou mal por isso. — Atrás de mim, as almofadas suspiram enquanto Griff se levanta. Ele chega perto, tão perto que seus lábios pairam sobre a minha orelha. — Você vai precisar da minha ajuda, Wicked. Me beija, e eu ajudo você.

33.

Eu costumava sorrir como uma completa idiota quando o via.

PÁGINA 23 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **O quê?** — Atrás de nós, o jogo de vôlei acaba, e os vencedores estão tentando afogar os perdedores na piscina. Tudo é estranhamente normal e no entanto terrivelmente errado. Não era possível que eu tivesse escutado direito.

— Me beija, e eu ajudo você.

Me beija. É uma ordem, mas parece uma súplica. — Então, comigo chantagem não rola.

— É uma troca simples, Wicked. Você devia entender isso. — Griff caminha ao meu redor. Ele nota a ausência de Carson, e seus lábios se afilam. — Você quer algo de mim e eu quero algo de você.

— Mas não é assim que deve ser. — Não é assim que *ele* deve ser. Não quero que Griff seja como o meu pai ou Joe, para quem o que interessava era o que eu podia fazer para eles.

Olho para ele.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque pela primeira vez em três anos tenho alguma coisa de que você precisa, e vou usá-la. — Griff sorri, mas não há calor em seu sorriso. — Entendeu o que eu queria dizer quando falei que éramos parecidos?

Griff dá um passo à frente, eu não recuo, e seus ombros relaxam. Talvez ele esteja tão assustado quanto eu.

É só um beijo. Não é grande coisa... então por que estou com tanto medo? Devia apenas beijá-lo.

Do outro lado da área, os jogadores de vôlei saem da piscina molhando tudo ao redor e correm para dentro, deixando-nos completamente sozinhos.

Tento me afastar de Griff, mas não funciona. Ele se aproxima.

— Besteira, você já está por dentro do assunto, Griffin. Lauren me contou que você tem os nomes ligados ao número de IP da biblioteca. O que isso significa? Você já o rastreou?

— Fiz uma pesquisa rápida. Nós sabemos que Michael Starling é um nome falso, e ele fez o upload da biblioteca. Pegue os nomes de quem quer que tenha usado o computador com o número do IP e nós temos quem procuramos.

— E você vai fazer isso *como*?

Griff dá de ombros.

— Você tem seus métodos. Eu tenho os meus. Você está provocando um psicopata, Wick. Quem quer que esse sujeito seja, não queira mexer com ele.

Não, não quero. Levanto o queixo.

— Tenho que consertar isso.

— Nunca vai dar certo e você sabe disso. Não dá para consertar certas coisas.

— Mas podemos torná-las melhores. — Forço-me a encarar Griff, e isso quase acaba comigo. Pensei que ele soubesse quem eu era. Pensei que isso havia se esclarecido no Joe, mas Griff olha para mim como se eu fosse diferente, e detesto isso. Porque não há nada doce nem adorável a meu respeito. Só existem minha raiva e determinação.

— Tudo bem, vou fazer isso... vou beijar você.

— Sabia que beijaria.

Mentiroso. Ele respirou fundo demais para saber que funcionaria.

— Feche os olhos. Vou beijar, mas você tem que fechar seus olhos.

De início o verde apenas se estreita, mas por fim ele cede. Até as mãos de Griff ficam postadas ao lado do corpo. Ele está me deixando à vontade, me dando o controle da situação.

Ponho as minhas mãos no seu peito e ele se mexe, diz “Nossa” de um jeito que me faz sorrir e me permite saber o quanto isso vale para ele. Ele está se segurando por mim. Bom.

Antes que eu acabe por fraquejar, pressionno meus lábios no rosto de Griff.

Seus olhos se abrem imediatamente e eu sorrio.

— Acordo é acordo, Griffin.

Eu o empurro e dou apenas dois passos antes que Griff me pegue pelas costas, virando meu corpo de um modo que de repente estou dobrada sobre seu ombro.

— Ei! — Ele me pega como se eu fosse nada. Realmente *odeio* isso. Odeio ser lembrada de que sou pequena.

— Me coloca no chão! — Bato com os dois punhos em Griff, me sacudindo toda enquanto ele caminha. Espero que ele revide: me sacuda, me jogue no chão, qualquer coisa. Em vez disso, ele me joga na piscina.

— Idio... — Subo à superfície e ajeito o cabelo ensopado atrás das orelhas. — Seu idiota!

— Muito idiota, com certeza. — Não estou longe da beira da piscina, mas Griff se inclina para me dar a mão. A maioria dos caras ficaria rachando o bico, mas a boca de Griff parece bem dura. — Não tão bonzinho, afinal de contas, hein?

Dou um tapa em sua mão e começo a subir sozinha.

— É isso que você quer? Provar que é um babaca? De que pré-primário você veio?

— O que posso fazer? Você desperta o pior de mim.

E você desperta o pior de mim. Griff me oferece a mão mais uma vez e agora a aceito.

E a puxo com toda a força.

Ele cai de cara na piscina, o que era meu objetivo. Mas ele também cai sobre mim, e eu devia ter pensado nisso antes.

Talvez eu tenha pensado.

Griff se contorce para não aterrissar sobre a minha cabeça, mas minhas mãos estão agora enroladas na sua camiseta. Seus braços me trazem para perto. Estamos afundando e estamos emaranhados, e quando subimos à superfície, ele puxa minhas pernas ao redor de seu torso, e eu enfio meus dedos no seu cabelo.

Agora, Griff não espera por mim. Sua boca encontra a minha, e ele me puxa para perto como se temesse que eu fugisse.

Como se eu quisesse.

Pois ele está *em toda parte*. Uma das suas mãos se aninha nas minhas costas, me trazendo para perto. A outra mão brinca com meu cabelo, enrolando os fios em nós. Sua língua toca meu lábio inferior com carinho, mas eu ainda tremo.

Esse é o convite de que Griff precisa. Sua língua encontra a minha, toca-a lenta e suavemente, como se ele me explorasse, me experimentasse. De início, é perfeito... e de repente não é mais. Sem perceber, meus braços envolvem seu pescoço e o trazem para mim. Griff responde com um gemido baixo, e então o beijo fica mais profundo e forte.

Griff para a fim de tomar ar, e quando abro meus olhos ele está sorrindo.

— Três anos, Wicked. Esperei três anos, e valeu cada segundo.

Agora eu também sorrio.

— De novo — eu sussurro, e nós nos beijamos e beijamos até que o desejo me atravessa como mel e me acende como gasolina.

34.

Ele nunca olha para mim, nunca faz nada impróprio, quando estamos cercados por outras pessoas. Ele é muito cuidadoso. Olhando para nós, ninguém percebe. Engraçado como... todo mundo ainda olha para mim. Foi por isso que tive de aprender a desaparecer. Bem diante dos olhos de todos, desapareço.

PÁGINA 82 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Quando acordo na manhã seguinte, o quarto de hóspedes da casa de Lauren está todo iluminado de sol. *Ai, bosta! Que horas são?*

Passo a mão pelo chão, procurando meu celular. Encontro-o sob meus chinelos, olho o relógio. Quase dez. Bom. Não estou tão atrasada.

Também perdi uma ligação de Bren. Ouço o recado de voz na caixa postal duas vezes, procuro quaisquer nuances de voz reveladoras, mas ela parece... normal. Se Carson tivesse descoberto algo sobre as minhas atividades, Bren não estaria bem. Ela estaria em processo irreversível de autodestruição. Que outra razão Carson teria para ir lá?

Pergunto para Bren depois. Preciso sair. Precisamos estar na casa do Joe antes das onze.

Do Joe. Droga.

Eu me viro de costas para o colchão, olho para o teto. A sra. Cross o pintou de cinza-pomba. Tenho certeza de que deve ser confortante e tal, mas acho que parece mais a cor de nuvens de trovão se formando.

— É assim tão ruim?

Dou um pulo, e toda a cama treme. Griff — que estava a centímetros de distância e me observando esse tempo todo — começa a rir.

— Cristo do céu, não é à toa que Bren não gosta de te dar café. Você já acorda pulando?

— O que você está fazendo aqui?

— Esperando você acordar.

Não sei se gosto disso. Não lembro realmente de ter ido para a cama com ele. Nós apenas meio que... terminamos aqui. Eram três da manhã, e eu precisava de um lugar para capotar. Geralmente, não consigo dormir em qualquer lugar — nem mesmo em casa. Mas eu estava exausta. Podia cair dura em quase qualquer lugar, mas Griff não permitiria. A festa ainda estava rolando. Ele descobriu para nós um quarto de hóspedes vazio.

A última coisa de que me lembro: ele estava sentado com as costas contra a porta.

Mas agora ele está aqui.

Puxo os lençóis para mais perto, e as sobrancelhas de Griff se erguem. Seus lábios começam a se mover para produzir um sorriso. Ele acha que estou me saindo tipo uma donzela, e talvez esteja certo. Quer dizer, não estou bancando a virgem indefesa procurando cobrir suas partes íntimas, mas acho que estou me sentindo mais nua do que deveria. Estou vestindo jeans e uma camiseta toda fofa da Lauren, pelo amor de Deus. Também não deveria puxar demais os lençóis para mim porque assim acabo tirando os lençóis *dele*.

— Gosto de acordar você — diz Griff, pondo as duas mãos atrás da cabeça. Hmm. Quando ele faz isso, sua camiseta fica colada ao peito e... e eu fico com problemas de concentração. — Você é bonitinha dormindo.

— Você ficou me vendo dormindo? — *Aimeudeusaimendeusaimendeusaimendeus*. Estreito os olhos, levanto o queixo para que ele não me veja em pânico. E se eu ronquei? E se eu *babei*? — Você sabe que isso é meio assustador, não?

O sorriso de Griff se abre numa risada imensa.

— Não consegui dormir. Você passou a noite me chutando.

— Não chutei.

Ele está mais uma vez terrivelmente perto.

— Você chutou.

Olho para ele. Eu estava falando sério. É assustador ficar velando o sono de alguém. E *ponto*.

Mas, de algum modo, não me sinto tão assustada quando é Griff quem faz isso.

Esfrego uma das mãos no rosto e tento me concentrar em outra coisa.

— Nós devíamos pensar em sair, não?

— Claro. — Griff começa a se mover perto de mim e eu congelo. — Mas não precisamos nos apressar. Estou de moto. Leva menos de vinte minutos para chegar ao Joe.

— Eu... eu... — Não sei o que dizer. Nós só estamos uns centímetros separados, e meu cérebro não funciona. O corpo de Griff desliza para baixo junto ao meu, e tenho de segurar uma engasgada. Ele ainda está cheirando a grama e cloro da noite passada, e seu cabelo secou bagunçado e pontiagudo.

Por um segundo, acho que ele vai me beijar de novo, mas Griff vira o rosto de um jeito que seu sussurro passa pela minha orelha, fazendo minha pele saltar como se estivesse eletrificada.

— Gosto de acordar com você, Wicked.

Enterro meus dedos na coberta para não enterrá-los nele.

— Pensei que você estivesse acordado porque fiquei te chutando.

— Sim, verdade. — A mão de Griff sobe, sobe, sobe pelo meu pescoço até o meu queixo. — Mas talvez tenha ficado acordado porque queria fazer isso.

Seus lábios apertam o canto de minha mandíbula... minha bochecha... minha boca. Rolo para cima dele, e ele me empurra para o lado contrário, prendendo-me à cama.

— De novo — ele respira.

— O que está acontecendo, Griffin? — É uma voz masculina realmente irritada vindo do outro lado da porta do quarto, e o pulo que dou me faz bater a testa em Griff. Meu rosto ganha trinta matizes diferentes de vermelho.

— Estamos ocupados! — Griff grita, cobrindo meus ouvidos com suas mãos para que eu não ensurdeça.

— Como se eu ligasse — Matthew Bradford berra, e começa a bater na porta. — Sua moto está no meu caminho, cara. Vou arregaçar com ela se você não tirar ela de lá.

— Cacete, Bradford. Saio num minuto. — Griff passa a mão pelo cabelo que está no meu rosto. Eu pularia pela primeira janela para fugir de Bradford, mas Griff está impassível. Seu sorriso é lento e misterioso, como se eu fosse a única pessoa que restasse no mundo.

— Vamos indo — eu sussurro. — Ele vai acabar mesmo com a moto.

Griff ri.

— Não, não vai.

Mas ele me deixa levantar e vai à porta enquanto cambaleio para dentro do banheiro. Fecho a porta e acendo a luz.

Uau. Não consigo acreditar no que vejo no espelho. Talvez nem devesse ter entrado. Como preciso da minha bolsinha de maquiagem! Não tenho como cobrir esse muro da vergonha. Meu cabelo virou um emaranhado vermelho. O rímel escorreu para baixo dos dois olhos. E minhas roupas... nossa, minhas roupas estão em petição de miséria.

Mas Griff me quer mesmo assim.

Chegamos à casa de Joe antes das onze. Griff estaciona em frente à garagem e desliga o motor. Por um instante, sentamos e olhamos para a casa enquanto os dedos de Griff fazem círculos em meu joelho esquerdo.

— Então — ele diz por fim —, Joe me mostrou aquele código que você escreveu, aquele com que você atravessa o firewall da vítima.

— É mesmo?

— É. E era impressionante.

— Não pode ser impressionante e ferrar com pessoas.

— Verdade. — Ele se vira um pouquinho, e nossos olhos se encontram. — Mas você é muito melhor em codificação do que eu.

Procuro alguma evidência de sacanagem no seu rosto.

— Você parece surpreso — comento, apesar de Griff não estar. Não sou boa em agradecimentos. É mais fácil para mim reagir como se ele quisesse começar uma briga.

— Sabe — Griff continua —, na maior parte do tempo, para invadir o sistema de uma companhia eu aplico um golpe na secretária para que ela me forneça informações do sistema. Não sei produzir códigos. Sei mentir. Isso me dá tudo que preciso. Você não faz assim. Você tem um talento genuíno, Wicked.

Olho para ele com mais atenção. Agora estou desconfiada. Rolou um daqueles momentos Programa Casos de Amor na tv. Os olhos de Griff se voltam para a frente, concentrando-se na casa de Joe. Suas mãos giram o capacete em círculos lentos.

— Você já pensou em parar com tudo isso?

Rio, e passo uma perna sobre a moto para ficar em pé.

— Todo maldito dia — respondo, e a honestidade me surpreende. Uma coisa é saber que você é péssima. A outra é admitir uma coisa dessas para alguém.

Especialmente quando esse alguém é Griff.

Ele faz seus dedos deslizarem pelo meu braço até que tocam e acariciam a minha mão.

— Então por que você não largou?

— Como? Todo mundo tem sua habilidade na vida. — Eu me volto para a casa, respiro fundo e, assim, consigo me aproximar um pouco mais dela. — Para o bem e para o mal, esses são meus talentos.

— Do que você está falando? — Griff põe a mão no meu cotovelo e me faz parar. — Se você quer cair fora, precisa fazer isso. É só ir embora.

Olho para ele, esperando que termine. Ele falou sobre isso. Chegou até a falar sobre isso ontem em voz alta.

A pele entre os olhos de Griff se contrai.

— Você está realmente com medo. Você realmente acredita que ele pode machucar Lily ou os Callaway.

— Não, eu *sei* que ele vai feri-los. Você não tem ideia do que são meu pai e Joe, o que é crescer ao lado deles. Tenho que estar preparada. Hackear me permite isso.

Qualquer um iniciaria uma série de negativas. *Não precisa ser assim. Você não precisa fugir. Você tem Bren e Todd.* Griff, no entanto... apenas meneia a cabeça. Dou-lhe meu capacete e nossos dedos se roçam, o que faz meu coração perder o compasso.

Ele passa a mão feito um gancho em torno da minha cintura.

— O que você faria se pudesse fazer qualquer coisa?

— Não tenho ideia. — Eu me recuso a pensar sobre isso. Essa é uma questão que outras garotas devem responder. — O que você gostaria de fazer?

Griff para por um instante, e então sua boca está colada à minha mais uma vez. Ambas as mãos cobrem meu pescoço, meu queixo, meu rosto. Ele me beija como se eu fosse maravilhosa.

E eu me agarro a ele como se estivesse afundando.

Fico perto, enroscando meus dedos nas passadeiras do cós da sua calça, e ele responde me aninhando nele. Tudo que consigo fazer é me segurar a ele.

Griff se solta, com a respiração acelerada. *Nós dois* estamos resfolegando. Não consigo olhar para ele. Estou assombrada de ver como seu pulso salta sob a pele.

— Eu faria isso — Griff diz.

Nossos olhos se encontram e se desviam.

— Quero ver você de novo. — A mão de Griff corre pela minha espinha. — Depois disso. E durante também.

Nossos olhares se encontram mais uma vez e, embora estivesse totalmente consciente, algo me faz relaxar.

— Eu também. — Com o queixo aponto para a porta de Joe. — Vamos acabar com isso?

Griff hesita. Alguma coisa está estranha de novo. Seus olhos estão soturnos.

— Griff?

— Tá bom. — Ele dá de ombros e me segue pela varanda. Pego o trinco da porta e puxo. Conheço Joe há tanto tempo. Tanto tempo quanto hackeio. Você poderia pensar que tudo seria mais fácil.

Caminhamos pelo corredor escuro.

— Bem, vocês dois certamente tiveram seu momento feliz. — A voz vem da sala de estar rebaixada. Joe não parece particularmente irritado, mas um arrepio me sobe pela espinha. As luzes estão fracas, os computadores devem estar sobrecarregando o sistema elétrico de novo, e não consigo ver muito mais que a silhueta de Joe. Meus olhos tentam se adaptar à penumbra, e meu arrepio se transforma em calafrio.

Porque Joe não está sozinho.

— Olá, Wick. — Os dentes do meu pai são um fecho de brancura na escuridão. — Sentiu minha falta?

35.

Não importa se são quinze minutos ou quinze dias, não há nada como vê-lo de novo.

PÁGINA 61 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Ele está de volta. Passaram-se dez meses, onze dias e catorze horas. Policiais, repórteres, um boletim especial de notícias, uma caçada alucinada — depois de tudo isso, ele está de volta. Ele ainda escapa a tudo e a todos.

Quero rir, mas não me permito. O riso poderia se transformar num uivo. É o que os policiais nunca entenderão e eu nunca sou capaz de explicar. Vocês não conseguirão pegar meu pai, e vocês nunca estarão seguros.

Não enquanto ele quiser vocês.

— Uau, faz um tempo. — Tonto observá-lo de cima a baixo sem encará-lo nos olhos. — Como você chegou aqui?

— Mágica. — Os olhos do meu pai deslizam por meus ombros. — Desde quando você ficou amiguinha do novo queridinho do Joe?

Olho ao redor, subitamente lembrando de Griff. Ele está mais próximo do que eu pensava. Limpo a garganta e me viro. É uma questão pesada. Eu não devia ter amigos. Meu pai não nos permite ter nada que ele não tenha dado.

— Não somos amiguinhos. — Eu me obrigo a caminhar pela sala por uma incrível força da mente. — Então nós vamos começar esse negócio ou não?

Mas meu pai não está olhando para mim. Está estudando Griff, e os fios de cabelo da minha nuca começam a ficar eriçados. Não gosto da expressão no rosto do meu pai. Ele está vendo Griff como uma ameaça.

Conheço aquele olhar. Muito bem.

Meu pai está naquele canto escuro, naquele canto podre do seu coração de onde ele vai se erguer para não ver mais que seu próprio ódio. E não quero que Griff esteja por aqui quando isso acontecer.

Avanço pelo escuro.

— Eu não tenho tempo pra perder. Tenho que voltar ou minha mãe adotiva vai desconfiar.

É um movimento forte e tenho consciência disso, mas não quero parar. Forço meus olhos a encontrar os dele e me viro para ficarmos um diante do outro. Fico maior, não menor, como ele prefere, e o resultado — o súbito endurecimento dos seus ombros, a tensão das mãos — o atravessa em tremores. De certa forma, é até fácil.

Até que ele olha para Griff de novo.

— Não ferre com tudo — meu pai diz.

Griff funga. Isso não é legal. Quando meu pai está assim, é melhor não chamar sua atenção, e é isso que Griff está fazendo. Ele não conhece as regras — que ele deveria estar *evitando* o olhar do meu pai. Ele não deveria se mostrar como empecilho.

Ele não deveria me imitar.

— Ninguém aqui vai ferrar com nada — disparo ao mesmo tempo que me endireito em posição de confronto. — Se você não percebeu, ninguém aqui precisa de babá. Estávamos bem sem você por aqui.

Funciona. Os olhos do meu pai encontram os meus, e imediatamente quero me desviar deles. Meu cérebro grita por isso. Quando ele está desse jeito, ninguém deve questioná-lo nem lhe dirigir o olhar.

— Isso é verdade? — A pergunta é tão simples que penso que meu plano funcionou.

Mas de repente ele vem em minha direção.

Não dou dois passos antes de suas mãos se fecharem em meus braços, antes do seu peso nos lançar para trás. Vamos de encontro à parede atrás de nós. Meu pai me bate forte o suficiente para eu perder o ar, e, muito embora eu saiba que sou a filha forte, não dou conta.

Ele me pressiona contra a parede e começa a torcer meu braço direito para trás e mais e mais até que meu ombro começa a ceder e minha visão se tingem de dor.

— Me responda! — ele manda.

Quase desfalecendo, percebo um barulho e Joe começa a suar. Isso faz os olhos do meu pai se desviarem dos meus e perscrutarem algo que não consigo ver.

— O que está acontecendo aqui? — Sua atenção volta para mim. — Você arrumou um herói, Wick? Você achou que esse moleque poderia salvar você?

Não respondo, então ele crava os dedos no meu queixo e vira minha cabeça para que eu veja Griff.

Griff, cuja têmpora está a centímetros do cano do revólver de Joe.

Meu pai volta minha cabeça violentamente para si.

— Você sempre foi minha favorita, sabia?

Ele sussurra essas palavras como se fossem algum segredo, mas elas são pronunciadas alto o suficiente para que todos ouçam. A sala está completamente envolta em silêncio.

Penso em Griff — observando aquilo, vendo o que esconde do mundo — e sei que é exatamente isso o que papai deseja.

Ele está mostrando a mim e a todos o que sou.

Como se precisasse me lembrar.

— Eu te amo, Wick.

Amor? Como ele pode falar de amor? Ele está usando isso como forma de me machucar. Ele não sabe nada de amor.

Então eu penso sobre como amo Lily, o que faria por ela, e quero chorar. Sou a filha do meu pai.

— Eu te amo porque você é como eu.

Como ele. Meu pai me escuta gemer. Estive longe dele por muito tempo. Não me lembro de dissimular isso, mas o dorso da sua mão me recorda. Tudo vem à superfície.

Não me incomodo de levar a mão à boca. Não porque não esteja doendo.

Mas porque está.

E não porque eu não consiga sentir o gosto do sangue.

Mas porque consigo.

Não me mexo porque agora tudo voltou a ser como era. De repente me sinto mais forte. Encontro meu próprio fantasma, a garota que estava prestes a desaparecer na casa de Bren e Todd. Encontro-a bem no fundo do coração, e ela fica de pé para se adequar à minha pele. Ela vê através de meus olhos, e nós duas prometemos que, enquanto ele me usar, nunca vai conseguir me quebrar.

Meu pai se debruça de novo sobre mim até que eu possa sentir o cheiro de uísque no seu hálito e o fedor ácido da sua pele.

— Então você vai fazer como quero?

É uma pergunta, mas todos sabemos ser uma ordem.

— Sim... claro.

É a resposta que ele quer, mas meu pai agarra minha garganta do mesmo jeito. Seus dedos longos se enfiam no meu cabelo até que conseguem prendê-lo e puxá-lo com força.

— Aceite, Wicket. Você precisa de mim. Gente como nós precisa um do outro.

Sua voz está mais baixa agora. São palavras dirigidas apenas a mim, e eu reconheço o tom. Posso até nomeá-lo: razoável.

Racional.

Como se tudo isso fosse inevitável.

Porque sou como ele.

Fecho os olhos para segurar as lágrimas.

— Sim, sou como você, papai. Você tem razão.

Sua mão se solta. Seus olhos procuram os meus, e o que quer que ele veja neles o faz sorrir. Ele me solta e vai à cozinha, de onde escutamos o tilintar e o deslizar da garrafa. Se isso é minha reunião familiar, então aquele barulho deve ser nossa tradição favorita.

— Produza a codificação até o fim da semana. — Joe entrega a Griff um pen drive, e, quando ele se volta para entregar o meu, observo a mancha de suor em sua camiseta para não ter de olhá-lo nos olhos.

— Ótimo.

— Mande uma mensagem antes de vir — ele acrescenta.

— Está bem.

Griff me segue até a escada da varanda, sempre tentando se aproximar, enquanto mantenho a distância, pois não quero ser tocada.

— Só me dê um minuto para ligar a moto — ele sussurra.

Consinto, mas não espero. Enquanto Griff dá partida, saio e vou para casa sozinha.

36.

Não posso imaginar o que seria a vida se ele não tivesse aparecido.

PÁGINA 23 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Estou abrindo a porta de casa quando a quarta mensagem de Griff acende no meu celular.

vc está bem?

Não, não estou, obrigada por perguntar, agora sei que você está. Griff está ótimo. Ele não voltou para dentro da casa nem tentou bancar o herói por uma garota que não o merece.

Subo ao segundo andar como se minhas pernas fossem feitas de espaguete. Bren escuta minha entrada. Começa a chamar meu nome, e me cago de medo de ela me seguir. Ainda não inventei uma desculpa. Não tenho uma mentira na ponta da língua. Se ela visse minha cara... Escuto os passos de alguém que chega à porta do meu quarto.

— Wick?

— Lily? — *Obrigado, Senhor.* Começo a chorar.

Outra mensagem de texto:

wicked?

Deleto. Lily traz gelo escondido da cozinha. Diz a Bren que estou cansada por causa da festa de Lauren e que preciso ficar deitada um tempo. Isso nos poupará algumas horas. Chegarei com uma explicação para minha boca ralada. Vou dar um jeito nela.

E mais uma:

wicked?!

Pare de me chamar desse jeito. Pare de agir como se me conhecesse. Embora ele conheça, não? Eu me encolho no chão e tiro meus tênis com uma

das mãos.

A única pessoa que realmente te conhece é Lily, e agora as duas sabem que você não é capaz de proteger ninguém. Você não consegue proteger nem a si mesma.

Envolvo meus braços ao meu redor, e o abraço faz com que os músculos de meu ombro direito gritem.

Cinco minutos depois:

por favor me ligue.

E elas chegam, uma depois da outra. Deleto-as uma a uma, mas não importa, porque ele as envia mais e mais.

Tomo duas das pílulas da dra. Norcut e me enfió na cama. Meu telefone vibra. Diz a tela que tenho uma nova mensagem.

estou chegando.

Fecho o celular no chão. Deixo-o enfiado numa camiseta. *Venha, eu penso. Não importa. Não estou aqui de verdade, e não estarei aqui para você nunca. Não posso. Ele destrói tudo com que me preocupo. Não posso entregá-lo a ele. Não vou entregá-lo a ele.*

Eu me encolho como um tatu-bola, e abafó a minha boca com um cobertor com tanta força que ninguém vai me ouvir chorar.

Isso foi o que meu pai ensinou.

Só acordo depois das duas da tarde. Meu telefone ainda está no chão, e eu o ignoro. Sigo Tateando do quarto ao banheiro e mantenho as luzes apagadas para não ter de olhar para mim mesma. Mas, depois de uns poucos minutos, sei que preciso assumir a bronca.

Acendo as luzes, olho para meu reflexo.

Jesus. Chego mais perto. Agora meus olhos já não estão muito diferentes do olho machucado de Lauren.

— Wick?

Bren. Aperto o ossinho de meu nariz entre o polegar e o indicador. Tenho algum tipo de sino invisível em mim? Como ela sabe que estou acordada?

— Wick?

Abro a porta do banheiro.

— Já vou!

Sim, claro. Estou chegando. E o que você vai dizer quando a virem?

Encosto a cabeça contra a porta do banheiro enquanto meu cérebro repassa todas as minhas desculpas e mentiras... e não consigo chegar a nenhuma em que eles acreditem.

Exceto a verdade. Podia lhes falar sobre Joe, sobre meu pai. A polícia prenderia os dois.

E então eles me prenderão.

Talvez. *Provavelmente.* Ao confessar, entregaria a Carson minha cabeça numa bandeja. Se tiver sorte, conseguirei um acordo, mas nosso pai acabaria na cadeia para sempre.

Embora ele tenha escapado da última vez.

Ele sempre escapa. Então eu ficaria presa, e Lily, sozinha, e ele descarregaria sua raiva nela. Ele me puniria punindo-a.

E, mesmo se ele não conseguir fugir de novo, ainda haverá o homem que pegou Tessa. Ele ainda está à solta. Não consigo proteger Lily. Não consigo proteger ninguém que amo.

Mas talvez Bren e Todd possam.

Porque ela estaria segura com eles. É assim que deve funcionar. Pessoas como eles não têm esses problemas.

Mas Tessa também veio de uma família rica, e veja o que lhe aconteceu. Há uma forma de maldade que você não capta pois ninguém a reconhece. Sei tudo sobre ela.

— Wick!

— Estou indo! — Escancaro a porta antes de encontrar uma desculpa para continuar escondendo tudo, mas ainda tenho de manter uma mão no corrimão para descer as escadas sem que meus joelhos falseiem.

Mal chego ao fim da escada quando vejo Lily subindo. Alguma coisa está errada. Bem errada. Ela está pálida. Seus olhos encontram os meus.

— Lil, o que foi?

— Bren — Lily sussurra. Ela está perto o suficiente para que eu veja que está tremendo. — Ela quer falar com você sobre uma foto que está no Facebook de Tessa Waye.

37.

Ajudei minha mãe com seus álbuns de recordações hoje, e isso realmente a fez feliz. Geralmente me recuso a fazer esse tipo de coisa, mas dessa vez foi reconfortante. Acho que estou começando a gostar de rasgar e picotar coisas.

PÁGINA 37 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Na cozinha, Bren está fazendo bolos e biscoitos. Os dois fornos ainda estão ligados, embora as bocas do fogão estejam cobertas de muffins e cookies. O lugar cheira a baunilha e açúcar mascavo. É uma cena feliz, quase extraída de uma revista de Martha Stewart, e no entanto Bren parece a ponto de explodir.

— Wick! — Ela larga o livro de receitas que tem nas mãos e vem na minha direção, pegando-me em seus braços. Um pouco atordoada, eu deixo que o faça. — Faz horas que quero te acordar! Como você está se sentindo?

— Hum. — Não era a recepção que eu esperava, e demoro algum tempo para ser capaz de fazer algo mais que piscar.

Bren põe o dorso da mão na minha testa como se eu tivesse febre.

— Estou feliz que você tenha tido uma chance de descansar. Lauren me contou sobre o que aconteceu. Você tem que ser mais cuidadosa, Wick. — Suas mãos param na cintura. Se ela afastasse um pouco mais os pés um do outro, pareceria uma espécie de “gêmea classe média” da Mulher Maravilha. — Você sabe o quanto já falamos sobre tomar cuidado onde pisa.

O *quê?* O tom — acusatório e desapontado — empresta uma aura de normalidade à cena, mas não tenho ideia do que ela está falando.

— Talvez se você não estivesse deslizando, você não teria escorregado, Wick.

Deslizar? Escorregar? Minha irmã me lança o mais discreto meneio de cabeça do mundo. Peguei. Ela ligou para Lauren. Elas inventaram algo.

E aqui estava eu, pensando que minha irmã não era capaz de mentir.

Meus olhos encontram os dela, e por um instante somos apenas nós. Somos um time de novo, e meu coração ganha asas. Mas então, de maneira igualmente veloz, penso sobre Lily ter me dado cobertura, sobre Lily ter mentido.

E tenho vergonha de mim mesma. Como posso dizer que quero salvar minha irmã quando ela tem de se transformar numa mentirosa como eu?

Tenho de lhes contar tudo. Olho para Bren, mas Lily me interrompe.

— Wick disse que não sabe nada sobre a fotografia, Bren.

Nunca disse nada. Quando Lily me disse que Bren sabia, apenas tentei agir normalmente.

Os olhos de Lily estão imensos. Não precisamos usar palavras agora. Ela quer que eu fique ao seu lado.

Um pouco hesitante, volto-me a Bren.

— Que foto?

— Pois então. — Nossa mãe adotiva brinca nervosamente com o avental “Beije o cozinheiro” e produz um nó mais apertado no cordão da frente. — Não estou muito certa. Não fui eu que vi a foto. Apenas ouvi falar pelo detetive Carson. Ele veio ontem à noite para falar sobre a página do Facebook de Tessa Waye.

— Ah, foi?

— Aparentemente, há uma terrível explosão de *cyberbullying* na sua escola. Pessoas estão trocando ameaças pelo mural de Tessa, mas na última noite tudo foi deletado.

Lily se senta.

— Eles deletaram a conta?

— *Alguém* deletou. — O tom de voz de Bren fica pesado, e logo seus olhos se fixam em mim e subitamente acho que ela sabe. Mas então com igual rapidez seu olhar se afasta. Ela não suspeita de mim. Ela não tem ideia de quem vive sob seu teto.

— O que realmente me perturba é a foto de Lily — Bren continua. — Não sei quem a tirou. Não sei por que estava lá, mas quero *respostas*.

Meu Deus. Bren parece prestes a começar uma de suas negociações contratuais. Ela está entrando no modo Bren, a Executiva, que é dez vezes mais incisiva e exigente que Bren, a Normal.

— O detetive Carson tem algum suspeito?

— Não, e enquanto eles estiverem investigando, nós vamos viajar. — Bren parece leve, mas por dentro existe uma lâmina afiadíssima. — Apenas nós três. Acho que todas precisamos de algum tempo para, vocês sabem, ficarmos mais próximas como família.

Não faço ideia do que Bren tem em vista, mas sinto a ansiedade ecoando no meu estômago.

— E quanto a Todd?

— Todd não pode vir. — Bren tira o avental e o dobra num quadrado. — Suas sessões de orientação dobraram desde o suicídio de Tessa. É importante para ele estar aqui, mas nós precisamos ir. Ficaremos em Atlanta para chegarmos a tempo de pegar o voo matinal para São Francisco. Ficaremos lá por uma semana. Deixemos o detetive e seu trabalho.

O sorriso de Bren é tão grande que vejo o quanto é falso. Reconheço a semelhança. Seu sorriso é como o da minha mãe quando ela ficava nos dizendo que estava tudo bem, ou como o dos meus professores quando diziam que Lily e eu ficaríamos bem.

Bren abre *aquele* sorriso até que seus olhos se estreitam.

— Comecem a preparar as malas. Quero sair hoje à noite.

38.

Acho que encontrei uma solução. Está três andares acima e ninguém fica vigiando a saída de incêndio.

PÁGINA 54 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Ir? Não posso ir. Fugir não vai ajudar em nada. Pode ficar ainda pior. Nosso pai está de volta, o perseguidor de Tessa, mais próximo que nunca. Carson não está fazendo nada com o diário. Agora não é hora para viajar.

— Não posso ir, Bren. Tenho aula.

— Bom, pode. — Bren não quer olhar para mim, mas suas palavras marcham adiante numa linha perfeitamente sincronizada. — Eles vão entender, Wick. Escreverei uma carta. Você pode deixar a lição para depois.

Que droga, ela está realmente falando sério.

— Não posso deixar a lição para depois — minto. — Tenho um trabalho para minha aula de computação. Estou num grupo. Eles estão contando comigo.

Os cantos da boca de Bren vêm para baixo.

— Essa aula é tão puxada, Wick, acho que deveríamos procurar alguma outra coisa. Talvez você precisasse diversificar um pouquinho. Faça uma aula de artes, ou talvez tente alguma vaga em algum time. Você seria uma animadora de torcida fantástica. Você é tão pequena que poderia ser uma das que são lançadas ao alto.

— Não gosto de animadoras de torcida. — *E elas não gostam de mim.*

— Você gosta de Lauren. — Ela se aproxima e ajeita a barra da minha camiseta. — E, talvez, se você apenas...

— Não! — explodi, com muito, mas muito mais raiva do que esperava. — Não, Bren. Não sou um trabalhinho qualquer. As pessoas não podem ser

consertadas.

Ela pisca.

— Mas você está quebrada?

Claro.

— Claro que não.

— Claro que não — Bren repete com gentileza. — Isso é ótimo. Fico feliz, embora não pense que as pessoas sejam capazes de chegar à vida adulta sem nenhum arranhão. — Ela me oferece um sorriso miúdo, tímido, completamente “não Bren”. De repente, ela não é a mulher que dirige uma corporação de 1 milhão de dólares, mas alguém que não reconheço. — Faz sentido que você não esteja quebrada. Você é a pessoa mais forte que eu conheço. Nada a faz temer.

Você não tem ideia, senhora. Tenho sido bem, mas bem cuidadosa para que as coisas pareçam o que são. Deveria ser uma coisa legal. É uma coisa legal. Mas agora... agora eu quero me explicar. Já são muitas mentiras entre nós.

Olho para Bren e me sinto a 10 mil milhas de distância.

— Não tenho escolha.

— Percebo. — A campainha do forno irrita, tocando como um intrépido alarme de incêndio, mas Bren mal parece perceber. — Quero que sejamos amigas, Wick. Quero... quero que sejamos mais que amigas. Falei com a responsável pelo seu caso na assistência social para providenciar os papéis da adoção.

E assim, sinto-me como se tivesse sido lançada do terceiro andar.

— Você falou com ela sobre *o quê?*

— Papéis da adoção. Quero adotar vocês duas. Quero vocês. *Nós* queremos vocês.

Não se você realmente soubesse quem sou e o que tenho feito.

— Sempre quis ter filhos — Bren continua, trêmula. — Mas eu não podia... tê-los. Por anos, não conseguia entender por que não tinha sorte, mas agora eu sei. Acho que estava esperando por vocês. Eram vocês duas o tempo todo, você e Lily.

Os olhos de Bren brilham.

— Sei que Todd queria estar aqui quando eu lhes dissesse, mas ele ainda está ajudando o diretor Matthews na escola, e eu queria que vocês soubessem, e agora veio essa foto horrível e nós precisamos ir.

Ir. Eu me obrigo a respirar. Voltamos ao ponto.

E talvez seja o ponto em que precisamos nos manter. Se elas ficarem em São Francisco, estarão mais seguras que se ficarem aqui. Preciso fazer com que Bren leve Lily.

— Sei que você ainda tem um pai, Wick, mas Todd adoraria ser seu pai também.

Meu pai. Outra razão para que elas partam, e eu fique. Pois não há lugar para que eu possa fugir em que meu pai não me encontre. Ficar perto de Bren só faz com que ele tenha mais alguém para machucar.

— Então, o que você acha? — Bren pergunta, tranquila. — O que você tem a dizer?

— Sobre a adoção? Ou sobre a viagem? — Perguntas estúpidas, mas elas me fazem ganhar tempo, dão-me alguns segundos para sentir um pouco mais do prazer de ser querida.

Bren faz um meneio com a cabeça.

— As duas coisas. Ou uma ou outra. Não, as *duas*. Quero sua opinião sobre as *duas* coisas.

Não importa a perspectiva, a resposta é uma só: não. Não, não posso viajar. Não, não posso envolvê-los. Não, isso não vai funcionar. Não, não, não.

Mas se eu disser sim, terei o que quero. Terei Bren e Lily.

Eu serei... eu serei uma covarde.

— Vou pensar no assunto, Bren.

39.

Fingir ser normal faz com que você sinta que está sangrando até a morte.

PÁGINA 48 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Bren está mais uma vez cantando a música da *Noviça Rebelde*. Entre os versos, ela me explica que posso ter todo o tempo do mundo para pensar e que conversaremos sobre tudo durante um jantar especial de frutos do mar em São Francisco e “celebraremos nosso futuro unidas”.

Não tenho ideia do que isso significa, mas acho que tem a ver com cada mala que ela fez.

Eu deveria dizer a ela que os Tate celebram com rolinhos de chocolate e comida pedida em casa, não em restaurantes chiques com nomes que não consigo soletrar, mas fico calada. Penso que ela está tentando me convencer. Olho em torno da cozinha perfeita na vida perfeita e imagino que talvez Bren não seja perfeita porque ela *é* perfeita. Ela também veste a máscara como todos os outros — eu inclusive. Não sou a única que finge ser algo que não sou, e estranhamente a ideia faz com que eu me sinta menos solitária. Tento sorrir para ela, mas os olhos de Bren me evitam.

Não posso culpá-la.

Eu me sento na bancada de café da manhã e fico assistindo a Lily e Bren fazerem listas de tudo que elas necessitam até que me sinto fervendo por dentro. Vou para o quarto e fico sozinha por talvez dois minutos até que Lily chega.

— Você precisa de tempo para *pensar*?

— Sim.

— Vou para São Francisco com Bren, e vou fazer isso com ou sem você, Wick — ela avisa.

Exatamente. É isso que eu quero. Embora ainda tenha de passar os braços ao redor de mim mesma para não cair em desespero.

— Sei que a minha foto apareceu por sua causa.

Fico sem ação.

— Por quê?

— Porque é sempre você. Como antes era sempre o papai.

— Então por que você quer que eu diga alguma coisa? Por que você mentiu?

— Para proteger você, pra te dar a oportunidade de dizer sim. Eu *sabia* que ela queria perguntar. Eu *sabia* o que nós duas poderíamos ter tido. — Lily vai à porta. — Você está certa, Wick. Tudo está acabado.

É a primeira vez que vejo Bren e Todd brigando, mas Todd diz que posso ficar em casa, promete que vai me levar para passar o fim de semana. Minha mãe adotiva sai com Lily correndo atrás dela enquanto me deito na cama e mexo o queixo para a frente e para trás até que desejo gritar.

Quando finalmente me levanto, vejo a folha de desenho presa à janela. Estou a três metros de distância, mas ainda reconheço o estilo de Griff. A garota que ele desenhou parece corajosa, mas seus olhos são tristes.

Eu me lembro por acaso da mensagem de texto: “estou a caminho”. Ele realmente estava, e me deixou o desenho para que eu soubesse.

Durante a noite, meu telefone vibrou. Por um segundo maluco, penso que é Griff e ele sabe que vi seu desenho. Sabe que estou pensando nele.

Mas não é Griff. É Joe.

encontro hj.

De novo? Não estou a fim de uma prova. Enfio o telefone no bolso, concentrada em abrir com cuidado a janela e resgatar o desenho de Griff.

Ele não desenhou uma garota qualquer. A garota sou eu.

Ele me desenhou em tinta azul e verde. Meu cabelo está solto, e eu o estou afastando do rosto com ambas as mãos. Minha expressão é de quem vê tudo

como uma grande piada, como se estivesse bem e nada me assustasse.

E, sim, os olhos estão tristes, mas também... cheios de esperteza. Não há nenhuma lágrima neles, embora, neste exato momento, eu sinta as lágrimas pressionando minhas pálpebras. É assim que ele me vê?

Ele me fez como se eu fosse forte.

Ele me fez parecer bonita.

Outra mensagem:

em 1h.

Faço cara feia. Está acontecendo alguma coisa. Mal tenho tempo para sair de fininho. Pego a mochila, abro um pouco mais a janela e escondo o desenho lá no fundo debaixo da cama. Foi a coisa mais linda que ganhei na vida.

Saio meio atrapalhada pela janela e desço pela árvore, depois vou caindo e parando nos arbustos até atingir o chão.

De um salto fico de pé e observo a vizinhança. Graças a Deus, ninguém. Sigo pelo caminho das bicicletas.

Quase 45 minutos depois, chego ao meu velho distrito pela trilha costumeira e simplesmente travo. Desse ângulo, consigo avistar em linha reta a rua, a casa de Joe... e os carros parados em frente.

Policiais.

Meu Deus. Os policiais.

40.

Ele realmente deseja Lily Tate. Ela é a próxima. Não posso ajudá-lo. Não quero ajudá-lo. Prefiro saltar.

PÁGINA 68 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Eles sabem. Está tudo acabado. Quero gritar e me esconder e não consigo olhar para qualquer outra coisa. Quatro carros estacionados na rua e no pátio, as luzes ligadas. Devem ser dez policiais entrando e saindo da casa. Eles carregam os computadores e arrastam Joe, desarmado, para o gramado. Estão levando meu pai para um carro da frota.

Eles pegaram meu pai.

E, como se soubesse que estou vendo, como se soubesse que estou por perto, meu pai balança a cabeça de um lado para o outro e se volta para mim. Sua boca se abre... e eu me viro.

E corro.

Estou quase de volta à trilha antes de escutar alguém vindo em meu encalço. Apenas uma pessoa? Ou há mais? Enrijeço meus braços, tento ir mais rápido.

Não importa. Ele está se aproximando.

— Wicked! — Um braço se engancha à minha cintura e caímos ambos no chão, nos emaranhando até que eu caia sobre ele. Começo a dar chutes e socos.

Rolamos, e eu vejo Griff.

— Deus do céu, Wicked! Sou eu!

Griff. É apenas Griff. Mas não consigo parar de lutar. Tenho de me livrar dele. Os policiais sabem. Eles efetuaram prisões e pegaram meu pai e me

viram. Ele vai pensar que os trai e ficará enfurecido. Eles nunca serão capazes de detê-lo.

Ele virá atrás de nós — *de nós duas*.

— Está tudo bem. — Griff me segura ainda com mais força em meio à folhagem. Ele me prende, e ainda sinto como se fosse decolar do chão. — Está tudo bem, está tudo bem.

Só que não está. Tento me encolher, me fechar em mim mesma, me controlar, mas não consigo. Griff está comigo, estou me esfacelando e não consigo parar de tremer.

Quanto tempo me resta até que os policiais venham me pegar?

Sinto muito, Lily. Sinto muito. Sinto muito. Griff me aperta contra o peito. Apenas quando todo o meu rosto está molhado é que percebo que estou chorando.

Passamos outra hora esperando no bosque, observando as sombras que vão tomando conta do lugar. Esperando os policiais chegarem onde estamos.

Mas eles nunca chegam.

Eu me endireito, e a mão de Griff se prende ao meu braço como se não quisesse me deixar ir.

— Como você soube que eles estavam vindo?

Griff desvia o olhar.

Limpo os olhos com a manga da camiseta mais uma vez.

— Como você soube que eles estavam *vindo*?

— Porque eu sabia que viriam.

41.

Às vezes acho que comecei a me envolver com ele porque eu estava cansada de garotos.

PÁGINA 9 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **Você sabia** que eles viriam? — Isso não faz sentido. É como quando repetimos aquelas frases em espanhol na sala para melhorar a pronúncia. Todo mundo diz as palavras, mas ninguém tem a menor ideia do que significam. É assim que parece. *No me gusta* caramba.

Ponho ambas as mãos nos joelhos e os aperto.

— Do que. Você. Está falando?

— Você não é a única com segredos, Wick. — Griff encontra meus olhos, e o que quer que veja produz nele um gemido. — Meu primo é policial. Faço trabalhos para a polícia como infiltrado de vez em quando.

— Porque eles o obrigam?

— Porque quero.

— Porque eles o pegaram antes?

Griff sorri:

— Agora, sim, eu impressionei você, hein?

Não. Sim.

— Então você é um *red hat*. Um hacker a serviço da legalidade. — Isso não é exatamente um problema, mas ele assente, de todo modo. — E você sabe que eu não sou.

— Sim.

Pensei que éramos parecidos, mas não somos. *Red hats* são bons hackers. Protegem pessoas, sistemas, páginas de internet. Isso faz de Griff um dos caras do bem, e eu ainda sou... como meu pai.

Respiro fundo.

— Então... todas as vezes em que você ficou me perguntando por que eu não fazia outra coisa para conseguir dinheiro, qual era o ponto? Era uma dica?

Griff estuda o chão.

— Queria que você largasse... também queria saber a verdade sobre por que você hackeava.

— Apesar de você ter mentido para mim.

— Sim.

— Você disse que eles o haviam levado pra um interrogatório, mas você estava na verdade... *informando* a polícia sobre nós.

— Não sobre todos. Não falei nada sobre você. Não sei nada de seu envolvimento. — As mãos de Griff se projetam e pegam as minhas. Começo a me afastar, mas ele me segura como se estivesse se afogando e eu fosse o salva-vidas. — Você não queria estar lá. Tive que salvar você.

Alguma coisa fria se enrola em minha garganta.

— Não quero ser salva. Não preciso ser salva.

— Não?

Não respondo. Griff viu o que sou ao lado do meu pai. Viu como tenho de agir em relação a Joe. Ele viu o pior de mim, tudo aquilo que me causa mais vergonha.

Não olho para ele.

— Você não devia estar lá quando eles foram pegos — Griff diz calmamente.

— Joe me enviou uma mensagem. Encontro de emergência.

Os dedos de Griff se enroscam nos meus.

— Não queria que você visse aquilo.

Tarde demais. A imagem do meu pai caminhando pela varanda e me encontrando ao longe inunda os meus pensamentos. Fecho os olhos.

— Você não contou a eles sobre Tessa? Sobre *Lily*?

— Não.

— Por que não?

Griff aperta suas mãos sobre as minhas, passando os dedos por minha pele fria.

— Não disse nada porque sabia que seria a forma mais rápida de te perder.

Mas isso tudo não está certo. Griff quer ir à polícia, mas quer que eu o faça antes.

— Isso não vai acontecer. — Estamos caminhando em direção à sua moto, e, enquanto os últimos corredores do entardecer passam por nós, escondo o rosto para que não vejam que estou chorando. Não é preciso, contudo. Griff se posta entre mim e eles.

Ele roça a mão na minha.

— Você tem certeza de que quer ir para casa?

Casa? Sim, ele está certo. A casa de Bren e Todd agora é meu lugar. Se eles conseguissem prender meu pai, seria meu lar por um bom tempo.

Bem, poderia ser se eu não tivesse ferrado com a proposta de Bren dizendo que iria pensar no caso.

— Sim, os detetives vão passar por lá. — Fico firme. — Quero estar lá.

— Wick. — Griff me agarra e me traz para perto de si, e por um momento me deixo levar por ele. — Eles podem ajudar a encontrar o estuprador de Tessa. Eles podem ajudá-la.

— Você quer dizer, como eles ajudaram minha mãe? — Griff sorve o ar como se eu lhe tivesse dado um soco. — Sabe, dei a Carson o diário de Tessa. Deixei dentro do seu carro quando ele foi à minha casa no outro dia. Você sabe o que ele fez?

— O quê?

— Nada. Ele deu uma passada na casa de Lauren aquela noite em vez de investigar o diário. Ele não está nem aí para Tessa. Não lhe importa. Não mesmo.

O braço de Griff se estreita em torno de meus ombros.

— Você não tem que fazer isso sozinha.

— Estou sempre sozinha. — E então, porque parece que estou me fazendo de coitada, improviso um sorriso. Não estou na pior. Não preciso ser salva. — Estou sozinha, e é assim que deve ser.

O rosto de Griff ganha contornos de desaprovação.

— Mas por que você tem que ser assim?

Não desvio o olhar.

— Porque isso é o que eu sou.

Griff se volta para a moto.

— Suba.

Eu me oponho. Não devíamos ser vistos juntos. Poderia ser perigoso para Griff e para mim.

Mas minhas mãos o encontram mesmo assim.

Subo atrás dele, sinto toda a minha coragem ir embora. Quando chegamos ao meu bairro, estou com os ossos gelados. Viramos a esquina, e vejo os policiais parados na minha casa, esperando. A mão esquerda de Griff aperta a minha.

Deveria ser reconfortante, mas ainda desconfio que ele está me levando direto para uma emboscada.

42.

Detesto aquela heroína. Sabe, a menina do Crepúsculo. Ela é... bom, ela é consumida por Edward. Ela não apenas desaparece nele. Ele a devora. Eu disse que nunca queria ser aquilo, e no entanto... aqui estou. Sinto como se ele estivesse se alimentando de cada parte de mim.

PÁGINA 31 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— Olá, Wicket.

Embora eu não consiga escutar o detetive Carson por causa do motor da moto, consigo ler seus lábios enquanto dizem meu nome, e reconheço seu sorriso irônico.

Aperto a cintura de Griff um pouco mais forte.

O detetive Carson está encostado na parte traseira do carro e, quando Griff desliga o motor da moto, ele sai de sua posição e se aproxima.

— Olá, Griff — Carson diz. — Não esperava vê-lo por aqui.

Griff tira o capacete e estica o braço para pegar o meu.

— Também não esperava vê-lo por aqui, detetive. O que está rolando?

— Pensei que eu é que tinha vindo dar as boas novas.

Sobre meu pai. E são boas notícias. Maravilhosas notícias. Talvez desta vez as acusações funcionem e ele fique realmente preso. Ou talvez eles apenas o tenham irritado, e eu sei do que ele é capaz quando está irritado.

— Que boas notícias?

— Acabamos de prender seu pai.

— Ah, é? — Minha voz atinge um agudo tão alto quanto o de Lily, e tenho de me lembrar de que essas são as pessoas que sempre o deixam fugir e permitem que ele ande por aí e destrua tudo que queira, incluindo minha mãe. Incluindo a mim. Mas ainda desejo fazer uma dancinha de comemoração.

Ainda acredito. — Vocês conseguiram pegá-lo por alguma coisa que realmente cole?

— Achamos que sim.

— Hum, Wick, tenho que ir. — Griff se inclina um segundo, e consigo ver seu rosto. Seus olhos estão sombrios, e sua boca tensa. — Tudo bem?

Ele diz isso com tanta frivolidade que quase não consigo captar as entrelinhas, a tensão por trás de tudo. A dureza com que seus dedos se fecham em torno dos meus me faz percebê-lo.

— Sim, está. — Mas sei que ele sente que minha mão está tremendo.

— Vejo você por aí? — Mais uma vez, o aperto; não é uma pergunta, é uma promessa.

Dou de ombros.

— Beleza.

Carson e eu vemos Griff dar meia-volta com a moto na frente da garagem. Quando ele chega à rua, o detetive se aproxima tanto que só precisa sussurrar:

— Ele disse que você não está envolvida, mas não acredito.

Griff. Ele não contou mesmo.

Ele disse que não queria me perder.

— Envolvida em quê? — tento contornar. A resposta é lenta, muito lenta, e Carson e eu sabemos.

Ele sorri.

— Detetive Carson?

Dou um salto. Todd está na varanda, observando, meio que espantado. Na verdade, ele está mais para irritado e hostil. O nó de sua gravata está bem aberto e a camisa amassada, e ele tem um punho dobrado como se estivesse pronto a socar alguma coisa.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Todd pergunta sem, contudo, aparentar querer ajudar Carson com alguma coisa.

Rapidamente, o detetive se ajeita. A presença de Todd não o ajuda em nada. Ele queria mais tempo a sós comigo.

— Você está bem, Wick? — A voz de Todd fica calorosa e interessada, como se ele estivesse preocupado pelo fato de eu estar chateada.

Dou um sorriso amarelo.

— Vim para trazer às meninas boas notícias, sr. Callaway. Prendemos o pai delas. Entre as violações de condicional e as novas acusações, ele não verá a luz do dia tão cedo.

A boca de Todd forma um sorriso.

— Isso é fantástico!

— Sim, senhor, pensamos o mesmo. — Todd desce os degraus da varanda, enquanto Carson posiciona seu corpo para ganhar alguma distância dele e enfia as mãos nos bolsos da jaqueta meio na defensiva. — Mas não foi só por isso que vim aqui. Creio que o sr. Tate estava rastreando as filhas.

Todd fita Carson e seus olhos se estreitam.

— Considerando os... conhecimentos do sr. Tate em computação, suspeitamos que ele estivesse tentando entrar em contato com elas através de seus vários avatares on-line... Se elas o ajudaram de qualquer outra forma...

O quê? Não sei o que ele quer, mas não gosto.

Tampouco Todd.

— O que você está tentando dizer, detetive? — ele dispara. — Que elas o ajudaram a enganá-lo? Você está tentando dizer que minhas garotas estão envolvidas nisso?

— Infelizmente, essa é uma possibilidade que devemos considerar. Mesmo que ache que não vamos encontrar coisa alguma. — Carson dá um passo para trás, mas apenas um. Seus ombros se armam como se estivesse preparado para uma briga. — Seria melhor que você nos ajudasse a encontrar evidências contra o sr. Tate.

— E como podemos fazer isso?

— Permita-me ter acesso ao computador de Wicket. Permita que nossos especialistas o analisem.

Nem a pau! Meus programas de codificação estão seguros no meu pen drive, mas qualquer pesquisa mais profunda em meu histórico de pesquisa de

internet acabaria comigo.

— Queremos ter certeza de que elas estão seguras, sr. Callaway.

— Se o pai delas está preso, diria que elas estão tão seguras quanto poderiam estar.

Boa, Todd! Lute! Se ele quer isso, que venha com um mandado, mas um juiz não lhe daria. Sem Griff abrindo o jogo, eles não podem me relacionar ao plano do meu pai.

Carson assente.

— Exceto pelo fato de ele ter muitos amigos fora da cadeia, sr. Callaway, e nós dois sabemos que ele não pensaria duas vezes antes de chamá-los.

Saco. Olho para Todd e me dá um nó na barriga. Carson não precisará de um mandado. Todd vai lhe dar tudo de que precise.

— Quero que elas fiquem protegidas — diz Carson num tom razoável. — E tenho certeza de que você também.

Ele quer nos deixar protegidas vasculhando meu computador pessoal? Se Bren estivesse aqui, ela diria não a Carson.

Mas, é claro, não posso dizer nada. Não sem liberar outras informações.

E Carson sabe disso.

Todd envolve meus ombros com seu abraço.

— Claro que Wicket lhe fornecerá o laptop.

— É um computador de mesa — digo bruscamente.

— Ah, sim. O computador de mesa, então. — Todd mira Carson. — Mais que tudo, quero as garotas seguras.

— Claro — Carson diz, mas há alguma coisa em seu tom de voz que fica bem longe de ser natural.

— Mas você está perdendo seu tempo, detetive. Wicket jamais estaria envolvida em algo como aquilo.

Todd diz isso de um jeito que me faz parecer melhor que uma hacker, melhor que meu pai.

Se ele soubesse...

— Wicket. — Todd leva gentilmente a mão às minhas costas, como se me empurrasse. — Vá pegar seu computador.

Abro minha boca. Fecho minha boca.

Carson sorri como se tivesse me pegado, como se tivesse vencido.

Como se eu fosse estúpida o suficiente para deixar naquele computador qualquer coisa que pudesse me incriminar.

Canalha. Sorrio de volta.

— Claro, detetive. Ajudar sempre me deixa feliz.

43.

Espera-se de mim que eu mantenha tudo em perfeita ordem — e geralmente eu quero tudo em perfeita ordem. Mas destruí meu vestido de primeira comunhão. Rasguei-o em milhares de pedaços... e o queimei no lixo para que ninguém soubesse. Não consigo parar de pensar sobre como foi bom fazer isso, e sobrou um bom pedaço de mim para saber que não deveria ter me sentido tão bem.

PÁGINA 86 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Todd liga para Bren naquela noite. Ele lhe conta tudo, e depois de ela comunicar a Lily, minha irmã pede para falar comigo. Pego o telefone em meu quarto, e enquanto escuto Lily celebrar nossa liberdade, vejo um homem saindo mais uma vez da fileira de árvores do vizinho. Ele para fora do alcance do poste de luz, de modo que não consigo ver suas feições, mas sei que não é Carson, pois o detetive nunca vem a pé, e sei que não é um vizinho, pois um vizinho não ficaria olhando para nossa casa...

É Jim Waye. De novo.

— Estamos livres, Wick! — Ao fundo, consigo ouvir alguma coisa rangendo. Acho que é Lily saltando na cama do hotel. — Papai se foi! Estamos livres.

— Sim — digo, deixando minha voz se contaminar pelo entusiasmo de Lily. Mas, quanto mais próxima fico da janela, mais próxima fico dele e menos consigo dar conta da situação.

Ele pensa que Lily está aqui. Ninguém sabe ainda que ela viajou.

— Wick...? Você está prestando atenção?

Waye se aproxima de nossa casa, e meus pés ficam a postos.

— Sim. Não. Desculpe, Lil, eu... acho que alguém está aqui. Preciso ir...

— É o sr. Waye?

Paro, ponho uma das mãos no parapeito da janela.

— Por que você acha que é ele?

— Ele conversa comigo às vezes. Tenho visto o sr. Wayne na escola quando ele vem pegar a Tally. Ele está muito triste por causa da Tessa. Acho que precisa de um amigo. Talvez ele tenha aparecido para falar comigo.

— Lily, se o pai de Tessa falar com você de novo, quero que você procure imediatamente um professor, entendeu?

— Por quê?

— Apenas faça isso. Explico dep...

— Você pode explicar agora. — O rangido, antes rítmico, silencia por completo. — Papai se foi para sempre. Tudo vai ser maravilhoso, e você está estranha. Quero que você diga sim a Bren. Quero que você pare o que quer que esteja fazendo e diga sim.

Olho para fora, observo Wayne observar a casa, e penso sobre como dizer a Lily o que está acontecendo.

Mas não o faço. Não consigo.

Lily se sente mais segura agora porque seu grande e terrível monstro particular se foi. Mas como lhe apresentar outro? Como eu conseguiria suportar?

Conseguiria suportar que ela fosse tocada por ele?

— Então você vai dizer sim, Wick?

Olho para Wayne, sabendo que ele, mesmo com as luzes do meu quarto apagadas, ainda pode ver minhas formas na janela. — Não sei... ainda não decidi. Eu...

Tu-tu-tu-tu.

Ela bateu na minha cara. Começo a ligar de volta para Lily e então... não ligo. Quando tudo isso acabar, quando tudo voltar à ordem, talvez eu encontre um jeito de dizer a ela o que realmente aconteceu. Mas agora me volto à janela, começo a erguer a Wayne meu dedo do meio, mas então paro. Wayne está acenando para mim! Eu me aproximo do vidro, sem acreditar no que estou vendo.

Ele quer que eu desça?

Não! Espere! Sim! Eu me viro imediatamente, desço os degraus de dois em dois até disparar para a varanda da frente da casa. Estou pronta para enfrentá-lo. Pronta a dizer-lhe que sei o que ele fez. Estou pronta... para ver nada.

Não há mais ninguém na rua.

Olho ao redor. Nada. Sei que o vi. Sei...

— Wicket? — Todd aparece ao meu lado. Ele deve ter vindo por fora, pela lateral da casa, e está me olhando como se tivesse perdido completamente a cabeça. — Você está bem?

— Eu... Eu não sei. — Tento pensar em alguma boa e categórica desculpa para ter atravessado a porta da frente como se meu cabelo estivesse em chamas.

Não sei. Será que não é hora para um pouquinho de verdade?

— Pensei... pensei que tivesse visto o pai de Tessa olhando para a casa.

Todd se vira para mim.

— Mas por que Jim viria aqui?

— Eu não... não sei. Lily diz que ele anda conversando com ela na escola. Estou com um mau pressentimento em relação a isso. — Capenga, mas verdadeira. Mordo o lábio inferior e tento adivinhar a reação de Todd.

Ele está estupefato, preocupado. *Passado.*

— Não se preocupe, Wicket. Investigarei a fundo essa história. Conversarei com os professores de Lily assim que ela voltar. — Todd recua um pouco, abre a porta um pouquinho mais. — Por que você não vem para dentro?

Concordo. *Bom. Investigar as coisas a fundo é bom.* E enquanto vejo Todd trancar a porta a chave, acho que talvez estejamos finalmente chegando ao fim disso tudo.

É uma e meia da manhã e não consigo dormir. Parte de mim pensa que é por causa de Lily. A outra pensa que é por causa de Griff. A maior parte, contudo, pensa que são as quatro xícaras de café que bebi nas últimas três

horas. Com Bren fora, não há quem possa me deter, então bebo tanto quanto quero, e agora estou tão ligada que posso sentir as unhas crescendo.

Meu celular toca e a tela acende. Griff.

vc ainda quer o endereço de IP?

Se quero? Claro! Se conseguirmos encontrar quem estava usando o computador da biblioteca para fazer aquele upload, conseguiremos pegar o cara. Meus dedos tremem enquanto digito:

claro

São os quatro segundos mais longos da minha vida até que ele escreve:

encontre-me na biblioteca amanhã. 14h.

Chego cedo, mas não consigo bater Griff. Ele está do lado de fora esperando por mim, encostado com desleixo num dos pilares até que me aproximo e ele se endireita.

— Você parece pronta pra briga.

Meu rosto entra em estado vermelho atômico.

— Deus, como você é doce.

— Espera. — Griff se afasta do pilar e coça a nuca. — Não foi o que quis dizer.

— Então o que você quis dizer?

Os olhos de Griff se afastam um pouquinho de meu rosto. — Que sou um idiota.

— Não, você não é. — Porque eu sou. Porque quando ele olha para mim, me sinto a única pessoa do mundo, como se eu fosse especial só por ser eu mesma. — Então. Você tem um plano para tudo isso?

Os olhos de Griff perscrutam meu rosto. — É assim que você fica sem a Lily?

Sim. Não.

— Ele foi à minha casa de novo ontem à noite, Griff. Sei que é Wayne. Isso tem que acabar. Como nós vamos roubar essa informação?

Ele ri.

— Wicked, não vamos roubar nada. Vamos fazer com que deem a nós.

44.

O lixeiro passou hoje e ninguém encontrou meu vestido destruído. Estou mais aliviada do que esperava. Tudo ainda é um segredo, e sei que o que vou fazer é certo.

PÁGINA 86 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

— **Você pode fazer isso** — Griff repete enquanto seguimos por uma longa estante de livros. Ele vai na frente, talvez para que as duas bibliotecárias da mesa de consulta não me vejam, mas também (e provavelmente) para evitar que eu fale alguma coisa sem pensar. Estou *muito* por fora desse plano.

Ele encosta uma das mãos numa prateleira acima da minha cabeça e faz com que eu pare e olhe para ele.

— Vai ser fácil. Apenas fungue. Chore um pouco. Pareça mal. Você é a filha de um homem que sacaneou sua mãe e só está pedindo um pouco de ajuda.

Mordo o lábio, penso no caso. Parece fácil quando ele expõe dessa forma. Consigo fazer isso.

— Somos apenas dois adolescentes ingênuos tentando encontrar uma pista sobre o paradeiro do pai.

— Esse é seu plano? E por que ela engoliria? Nós nem nos parecemos.

— Apenas conte a história, isso não faz diferença.

Ele parece confiante, e isso me irritaria, mas faz com que eu queira sorrir.

Ah, meu Deus, ele está me transformando numa menininha completa.

— Ela não vai pensar nos detalhes se você contar direito — Griff prossegue. — Nós só precisamos desmontar a guarda dela, deixá-la um pouco confusa, fazer com que tome uma decisão por puro reflexo.

— E isso vai fazer com que ela nos dê os nomes?

Griff sorri, como se bastasse para qualquer explicação. Ele parece tão cheio de si, então penso que sim.

— Apenas pareça triste.

Concentro-me em Griff, mentalizo como me sentir um lixo — o que não necessita de grande esforço hoje em dia — e tento parecer adequadamente triste.

— Não, não, não. — Ele balança a cabeça, mas tenho certeza de que ele está segurando o riso. — Isso não é triste. Isso é ficar chateada.

Eu o encaro.

— E isso é realmente chateada. — Griff projeta a cabeça e me beija, de verdade. Meus dedos se fecham ao redor dos dele. — Apenas me deixe fazer o lance da história, Wicked.

Ele faz as coisas parecerem muito fáceis.

Esperamos na seção de romances até que a bibliotecária mais velha suma na seção de infantis, deixando apenas a mais jovem no balcão.

— Você não acha que devemos tentar com a mais velha? — Estico o pescoço para ver melhor, mas não dá muito certo. Sou muito pequena. — Geralmente, é mais fácil enganar os mais velhos, Griff.

— Sim, mas a mais jovem se divorciou recentemente. Ela será mais receptiva à ideia de nos permitir espiar a ficha do usuário.

— Como você sabe que ela é divorciada?

Griff aponta para os dedos de sua mão.

— Uma linha mais clara onde a aliança de casamento deveria estar. Você ainda consegue vê-la, e da última vez que estive aqui, ela estava lendo um livro de autoajuda sobre recomeçar a vida. Aposto no divórcio.

Apostar? Começo a dizer a Griff que não sou de apostas, que prefiro garantias, quando ele agarra minha mão e me puxa para a frente. Quase escorrego. Estamos caminhando rápido demais. Praticamente aterrissamos no

espaço acarpetado em frente ao balcão e, assustada, a bibliotecária ergue a cabeça.

— Posso ajudá-los?

Griff faz seu braço dar quase uma volta completa em torno de meus ombros.

— Espero que sim. Estou com um problema pessoal e preciso perguntar algo a você.

Imediatamente, os olhos da mulher se fecham como persianas. Ela sobe a guarda, e o mesmo acontece com minha pressão arterial. Dou uma fungadinha, esfrego os olhos. Tento parecer abandonada e miserável. Não sei se está funcionando.

— Nosso pai nos deixou — Griff diz, e é quase imperceptível, mas vejo a mulher dar uma tremidinha.

— Achamos que ele usou os computadores daqui para acessar as contas bancárias de nossa família... — Griff fala um pouco mais baixo e olha para os lados como se tivesse medo de que alguém estivesse nos escutando. — Ele levou tudo: o dinheiro da poupança e da conta-corrente. *Tudo*.

— Eu não...

— Por favor, apenas me escute. Sei que ele costuma vir aqui. Apenas tinha a esperança de, talvez, poder ver o registro dos usuários e o histórico de internet, apenas para ter certeza. É pela nossa mãe. Ela não acredita que ele seria capaz de fazer isso. Ela fica o tempo todo explicando por que ele não faria isso. — Agora é Griff quem treme. Ele fala sobre sua mãe e sobre o que significa para ela ter perdido seu pai. As melhores mentiras são as que vêm com pitadas de verdade. Ele é quem está oferecendo os pedaços de si mesmo, pedaços que ele nunca mais terá de volta.

E ele está fazendo isso por mim.

— Ela precisa de algo que dê um fim a isso, o que quer que seja, e se ela soubesse que ele foi tão baixo assim, isso a ajudaria a encarar a história com outros olhos — Griff diz. — Por favor, é tudo que precisamos saber para seguir com a nossa vida.

A bibliotecária olha para trás onde, graças a Deus, a velha senhora não está à vista. Quando ela se vira de novo, seu lábio inferior está entre dentes.

— Não sei. Não devemos liberar nenhuma informação sobre os usuários dos computadores. São confidenciais.

— Eu sei. — Griff chega um pouco mais perto, e ela não recua. — Eu não deveria sequer estar pedindo, mas estamos numa situação horrível. — Ele demonstra algum nervosismo e aperta os lábios como se segurasse todas as palavras que não conseguiria ou que *gostaria* de dizer. — Nós não sabemos o que fazer. Estou apenas tentando fazer minha mãe superar tudo isso.

A mão da bibliotecária sobe à garganta, brinca com o delicado cordão de ouro que traz ao pescoço.

— Sinto muito.

Sinto muito por quê? Por que ela não pode nos dar os nomes?

Ou sinto muito por que ela *não vai* dar?

— Por favor. — Ponho as mãos no balcão, pressionando-o até que as veias de meu pescoço saltam. Nossos olhos se encontram. Ela está pensando no marido. Eu estou pensando em Lily.

E, mesmo antes de ela abrir a boca, sei que ela vai dizer sim.

— Não consigo acreditar que você fez isso, Griff. — Saímos pelas portas duplas da biblioteca e viramos a esquina. — Todos os nomes e os históricos!

— Não consigo acreditar que você pensou que eu não conseguiria.

Agora parece loucura. Uma alucinação. Puxo Griff para perto, e ele me empurra de encontro ao muro de tijolos da biblioteca.

— Quero que você veja o que eu faria por você.

— Mas não tem nada a ver com o que você pode fazer por mim. Nunca teve. — Seus dedos estão no meu cabelo agora, contornando minha nuca, reduzindo-me a pó. — Quero sua ajuda porque preciso de *você*.

Isso saiu de mim muito rápido. Rápido demais.

— Preciso de você, Griff.

Seus lábios encontram os meus.
— Você já não está mais sozinha.

45.

— *Você é inútil para mim agora, sabe disso? — Seus lábios deslizam num sorriso secreto, como se tudo fosse alguma piada realmente engraçada. Mas não é. E é por isso que sei que estou com problemas. Pois o que você faz com seus brinquedos quando já não os quer?*

Você os joga fora.

PÁGINA 86 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

A bibliotecária nos dá mais do que esperávamos ter.

Mas não ajuda.

— Realmente, alguém entrou numa página do Facebook a partir dali e, sim, isso pode significar qualquer um e qualquer coisa, mas as indicações de horário batem. — Griff vira páginas e mais páginas. Nossa lista de usuários retrocede em duas semanas, mas os históricos de internet recuam dois meses no tempo. Ele vai ao começo do relatório. — Mas não há nomes relacionados com o usuário. É como se ele nunca tivesse dado entrada para o uso.

— Você acha que o sistema de controle deles não funciona?

Griff dá de ombros.

— Possivelmente. *Provavelmente.* É uma biblioteca pública. Eles não estão realmente preparados. Boa saída para ele, e ruim para nós. Fim da linha.

— Não totalmente. — Dou a ele a segunda página do relatório do histórico e aponto para um único item entre *icanhas.cheezburger.com* e *WebMD*. — Nós temos *isso*.

Griff lê o nome do site e franze a testa.

— LogMeIn? Wick, ir por esse caminho vai ser um verdadeiro saco. Se ele instalou esse software para acessar o computador remotamente, ele poderia estar em qualquer lugar. Precisamos de uma abordagem diferente.

— Não, não, isso pode funcionar para a gente. — Pego os papéis, folheio mais uma vez a lista. LogMeIn é um serviço de sites que permite acessar computadores remotamente. Uma vez conectado, cada movimento que você produz está associado com o número de IP de um computador remoto. É um belo disfarce... mas ainda acho que funciona para nós. — Veja, nós sabemos que ele é daqui, pois teve acesso irrestrito a Tessa, mas sei também que ele é escorregadio, pois está se escondendo atrás de um software, e não muito esperto, pois não troca de máquina.

— O quê?

— O único computador que tem esse uso, mas nenhum usuário, é o A5.

— Sempre?

— Sempre. Pegamos o cara.

— Como você sabe?

Engraçado como Griff faz a pergunta. Quase tenho certeza de que ele sabe a resposta.

— Porque eu vou caçá-lo. — Enfio os papéis na mochila para não ter de olhar nos seus olhos. De alguma forma não somos as mesmas duas pessoas de cinco minutos atrás. Agora sou Wicket Tate, a hacker. Não Wicket Tate, a garota que ele deseja. Isso deveria me fazer mais forte, mas não faz. Ainda sinto como se estivesse me derretendo toda, desaparecendo bem diante dele. — Vou fazer o que sempre fiz.

Griff produz um som de desagrado.

— Com que computador?

— O da biblioteca. — Pego meu pen drive e começo a explicar: — É estranho que ele volte ao mesmo endereço de IP. Quero dizer, mesmo depois de usá-lo para postar a foto de Lily, ele não mudou o lugar de acesso. Olhe. Ele usou o serviço do LogMeIn duas vezes depois disso. É confortável. Ele sabe, e agora nós sabemos. Então montaremos uma armadilha para ele.

Um pequeno músculo se move sobre o olho esquerdo de Griff.

— Continue.

— Tenho esse programinha bacana aqui. Eu o produzi para minhas clientes, para pegar viciados em pornografia. Uma vez que você consiga descobrir os sites favoritos do alvo, você insere meu programa no site. — O músculo treme com um pouco mais de tensão agora, fazendo minhas explicações parecerem um pouco excitantes. — Quando o alvo clica nelas, uma mensagem salta na tela pedindo que nos contate para mais informações.

Griff fica quase imóvel.

— Contatar *você*?

Faço que sim com a cabeça.

— Parecerá que quero chantageá-lo, que quero dinheiro para ficar quieta. O link que ofereço é uma variação do meu Cavalo de Troia, o Pandora. Ele vai me levar para dentro do sistema.

— Ah, não.

Meu peito fica apertado. *Ele quer minha irmã.*

— Griff, é perfeito. Eu o fisgo. Ele segue...

— E se ele for bom o suficiente para chegar a tanto, ele poderia virar a mesa e vir atrás de você. Nem a pau.

Olho para cima, claro, porque Griff é alto e eu sou baixa, mas me sinto ainda mais baixa do que sou. Eu me sinto pequena e desamparada e inútil e eu *odeio* isso.

Cruzo os braços, encaro Griff.

— O que mais você quer que eu faça?

— Não quero que você seja a isca, Wick.

Isso parece uma objeção, mas não é. Posso ouvir a resignação em sua voz. Ele sabe que vou fazer isso e está assustado... e eu também.

Atrás de nós, as portas duplas da biblioteca se abrem, e a jovem bibliotecária caminha em direção ao estacionamento, com uma sacola marrom numa das mãos.

Só há uma delas lá dentro. Não terei melhor oportunidade. Preciso ir *agora*!

Olho para Griff, pronta para explicar, pronta para *correr*, mas ele já está indo em direção à porta.

A biblioteca tem dez computadores, e, graças a Deus, apenas dois em uso. Há, numa ponta, uma mãe de duas criancinhas com cara de atormentada tentando enviar um e-mail e, na outra, um senhor jogando Sudoku. Como tenho sorte, confirmo que o A5 é um dos computadores que eles estão usando e que preciso esperar.

Então vejo o post-it com a mensagem fora de serviço colada na tela de um computador. A própria tela está desligada, mas a torre ainda está com a luz verde ligada.

— Aquele ali tem todo tipo de problema — a velha senhora explica quando me vê olhando para ele. — O pessoal o bota para funcionar e então ele enlouquece e aí é preciso chamar o pessoal do TI.

— Maluco como?

— Ele não deixa você digitar nada. Mal você começa a digitar, ele trava.

Eu sorrio meu obrigado e deslizo pelo assento. Você disse “trava”? O mais provável é que ele trave pois está em uso prioritário de outra pessoa.

Verifico as portas na parte de trás da torre. As entradas parecem danificadas, como se alguém tivesse fuçado nelas. Desplugo o cabo do monitor do computador vizinho e o enfio no computador quebrado. Uma vez plugado com firmeza, a tela do computador vizinho volta à vida.

Griff se senta ao meu lado e finge fazer buscas na Wikipédia enquanto faço o upload.

— Você ainda precisará de um computador para que ele entre em contato — ele diz, sem tirar os olhos da bibliotecária. Ela está devolvendo os livros às prateleiras, mas sempre que se vira em nossa direção Griff fica tenso. — Você ainda precisa de um sistema de onde hackeá-lo para que ele não possa rastreá-la.

Bem pensado. Termino a instalação, fecho o programa e tiro o pen drive da entrada USB. *Bem pensado mesmo.*

Não que eu vá admitir.

— Vou pensar em algo.

Griff balança a cabeça uma vez.

— Não. Se você for fazer isso, vai fazer do meu computador.

— Esqueça — retruco. E falo sério. Você não pode dar a um hacker uma máquina velha qualquer. Temos preferências. Há configurações. Você não começa a trabalhar a partir do computador de qualquer um.

E não envolve alguém de quem você goste numa coisa dessas.

— Darei um jeito nisso, Griff. Não se preocupe. — E, já que isso não parece aplacá-lo, digo mais: — Eu caço sozinha.

Griff endurece como um punho antes do soco.

— Não mais. — Tento subjugá-lo com o olhar, mas ele não amolece. — O que a mensagem dirá?

Detesto isso, mas hesito. Tenho muito orgulho do meu Código de Pandora, mas não estou certa de que quero que ele o veja. É pessoal demais, ácido demais... *em* demais, mas vou à tela do computador.

— Quando ele acessar o computador, receberá uma mensagem — explico. — E, assim que ele clicar na mensagem, estou dentro, ganho acesso a suas informações. Aqui, olhe.

Viro a tela um pouco para a direção de Griff para que ele leia a mensagem na tela. Ela diz:

Bem-vindo mais uma vez, seu pervertido. Você efetuou seu login. Tenho seus dados. Tenho tudo de que preciso para entregá-lo à polícia — a não ser que você me contate antes. Encontre-me aqui.

Encontre-me.

Duvido que venha.

Embora tivéssemos parado na casa de Griff para pegar outro laptop, Todd ainda está no trabalho na hora em que chegamos.

Há uma nota na geladeira dizendo que ele estará em casa depois do jantar, e a casa está silenciosa.

Será que é porque Lily não está?

Melhor não pensar nisso. Sua ausência é uma coisa bacana e, sejamos honestas, é bom não ter Bren por perto, pois eu não conseguiria deixar Griff entrar no meu quarto com ela por aqui.

Ele me segue escada acima, passa uns minutos olhando ao redor enquanto ligo e preparo o laptop. Estou feliz com tanto espaço, na verdade. Agora mesmo meu corpo está elétrico. Minha vista parece projetar halos. Uma dor de cabeça à vista? Tenho de tomar meus comprimidos. Não posso deixar a dor aumentar, pois isso me deixa lenta.

Passo a mão pelo pescoço onde os músculos formaram nós com a dureza de uma pedra. Griff nota. Ele vem em minha direção e... para.

— Se você chegar a alguma coisa, Wick, vai ter que passar tudo que sabe a Carson. Amanhã. Primeira coisa a fazer, logo cedo.

Entregar tudo a ele? Para que ele não faça *nada* sobre o assunto de novo? Como fez com o diário?

Mais uma vez, se conseguir provas suficientes, Carson vai ter de agir.

Hesito.

— Tudo bem. Beleza.

Griff fecha sua mão sobre a minha. Não percebo que estou me debruçando sobre ele até que meu rosto roça a manga de sua blusa de capuz.

— Então o que fazemos agora? — ele pergunta.

— Esperamos.

46.

Não há fim para isto, você sabe.

PÁGINA 61 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Dez horas depois, alguma coisa toca.

Eu me viro na cama, pisco para o teto.

Por três segundos, não mais que isso, fico confusa. Então tudo se encaixa. Minha mão atravessa o criado-mudo ao lado da cama, alcança o celular.

— Alô?

— Wick?

— Griff! — Eu me sento, ajesto melhor o telefone. A princípio, penso que há alguma interferência na linha, mas não é. É sua respiração ofegante. — O que foi?

— Funcionou. O Código de Pandora funcionou.

Claro que funcionou. Levanto os lençóis, pensando por que ele está parecendo tão estranho. Os comprimidos para dor de cabeça me deixam um pouco confusa e lerda. De um só golpe boto os pés no chão e me levanto.

— Wick, você está me ouvindo? — A voz de Griff fica mais alta. Ele parece... assustado.

E isso me assusta.

— Sim, estou escutando. É fantástico, Griff. Eu acho...

— Não ache. — Alguma coisa faz um ruído terrível no fim da frase. Escuto uma porta bater. — Não ache, apenas fuja. Corra.

— Corra? — *Mas por quê? Preciso ficar aqui. Está funcionando como queríamos que funcionasse. Por que eu ferraria com tudo fugindo?*

Vou à janela; procuro o sedã sem identificação de Carson. Não está aqui. Ainda.

— Não vou a lugar nenhum. Nós o pegamos.

— Wick, eu imploro. — A respiração de Griff fica descontrolada, e consigo ouvir seus tênis na calçada como se ele corresse. — Fuja daí. Instalei um spyware no computador que lhe dei. Ele me notificou assim que ele clicou na sua mensagem. O IP do computador que você infectou com o Cavalo de Troia bate com o IP da *sua* casa, Wick. Quem quer que tenha mordido a isca está dentro da sua casa.

Olho para o computador, para minha cama, a porta aberta de meu quarto. Nada faz sentido. Não pode estar certo. *Não é possível.*

Calafrios fazem minha pele formigar.

— Griff, preciso ir. — E desligo enquanto Griff ainda grita. O telefone se ilumina de novo, mas ignoro e abro o laptop de Griff.

— Faça seu trabalho como se fosse qualquer outro — sussurro, esperando que o computador saia da hibernação.

Mas não é qualquer trabalho, não é? Neste exato momento, minha cabeça parece cheia de água com gás, e minhas mãos tremem.

Assim que o laptop está aberto, abro o script de comandos. Leva apenas um instante para que eu ligue a câmera remota, e desta vez acesso primeiro o som depois a imagem.

Conheço a risada antes mesmo de ver o rosto e, quando a figura aparece na minha tela, quero vomitar. Começo a gritar, e o que tenho diante de mim é o rosto de Todd olhando diretamente para a câmera e dizendo:

— Olá, Wicket.

47.

Ele sempre me acerta onde ninguém vê. Da primeira vez que isso aconteceu, pensei que o estivesse vendo tal como era... Então percebi que estava mentindo. Sempre soube quem ele é — o que ele é. Só estava com medo demais para nomeá-lo.

PÁGINA 79 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Todd?! Era Todd? Saio imediatamente da mesa, pés no chão prontos para a fuga. *Não, ele está muito irritado. A morte dela lhe revolveu as vísceras. Você se lembra das lágrimas? Como ele socou o pai dela? Como ele estava corroído de culpa? Não pode ser o Todd.*

O problema é que é ele quem está sorrindo e balançando a cabeça como quem sabe o que corre por meus pensamentos e gosta disso. As peças se encaixam. Acesso a Tessa. Acesso a Lily.

E agora estamos sozinhos.

— Surpresa?

Todd segura seu celular de tal forma que vejo a tela. É meu quarto. Sou eu.

— Incrível o que esses sujeitos da instalação dos sistemas de segurança não fazem por uns cem dólares a mais. Ele pôs uma câmera no ventilador do seu quarto e a conectou ao meu aparelho celular. Por algum tempo, foi suficiente saber que ela estava lá. Não a havia ligado até pouco tempo atrás, e olhe só o que encontrei! — Um calafrio me percorre a espinha e eu procuro meu bastão, mas minha mão só encontra o vazio.

Ele não está lá.

Quando olho ao redor, Todd ri ainda mais forte.

— Procurando alguma coisa? — Ele levanta meu bastão para que eu possa vê-lo.

— Você disse que queria protegê-la — disparo. — Você disse que podia ter feito alguma coisa.

— Protegê-la dele, daquele bosta que é o pai dela. — A mão de Todd roça delicadamente sua mandíbula, como se ele recordasse o toque de Tessa. — Ela não precisava de proteção contra mim. Ela me seduziu. Ela me *desejou*. Elas sempre quiseram isso. Podia ter tido qualquer uma delas, mas eu a quis porque ela estava ferida.

Os olhos de Todd se voltam para a mesa do computador, seus dedos tamborilando na madeira.

— Adorei o quanto Tessa me desejava. Ela me tinha como se eu fosse um deus, mas não foi antes de ela brigar comigo e eu a forçar que me *sentí* como um deus. Uma tarde finalmente compreendi por que o pai batia nela: pois nada é mais delicioso que o poder sobre alguém. Isso me fez pensar sobre a doce, a pequena Lily... e sobre o que ela podia fazer para mim.

Perco o ar, resfolego, pareço mais um animal abatido. Começo a pegar objetos aleatórios. Livros, cabos de computador, uma capa de laptop. *Não há nada aqui! Com que poderei me defender?*

— Mas o que percebi é que Lily nunca seria um desafio — Todd prossegue. — Não a quero mais. Agora, quero você.

Eu? Olho para o meu computador. A cadeira está girando. Está vazia. Todd se foi.

Ele está vindo. Corro para a porta, agarro o trinco com ambas as mãos para travar a lingueta mas... o trinco gira em falso.

— Não — eu sussurro. Ele deve ter feito isso. — Não, não, *não!*

Agito-me, lanço-me à janela, mas quando tento levantá-la, nada acontece. Não produzo um mínimo movimento, e meus dedos tateiam cabeças de pregos recém-batidos.

Ele pregou as janelas. Não há escapatória.

Recuo, meus olhos dardejам por todo o quarto. Preciso de uma barricada, mas a cama é pesada demais. Nunca serei capaz de movê-la. Minha mesa? Muito leve, e pequena demais para firmá-la contra a porta.

— Oh, Wiiiiicccckkkkeet. — A voz de Todd vem de algum lugar no fundo do corredor. — Você vai fugir de mim?

O que eu vou fazer? Meu olhos recaem sobre o abajur. *Vou lutar.*

— Espero que você corra. — Todd ri, e salto sobre a cama para tirar o abajur da tomada, o que deixa o quarto no escuro. — Realmente espero. Gosto mais quando preciso ir à caça.

Passos. Minhas mãos estão escorregadias de suor e deslizam pela base de metal do abajur. *Ele está nas escadas.*

Arranco a cúpula, arrebento o fio na base. Um arremedo de bastão. Ergo-o sobre o ombro, testo o peso. Mais leve do que eu gostaria, mas curto o suficiente para causar algum estrago. Vai funcionar.

Permaneço no escuro e espero. Quando ele vier, eu o pego... Mas... talvez não devesse esperar. Passo meu peso de um pé para o outro, tentando me preparar e ignorar qual dos joelhos quer fraquejar.

Vou lentamente para a frente, abro a porta do quarto para ver Todd chegando — e da janela surgem luzes que varrem o quarto.

— Bom, veja quem está aqui — suspiro enquanto o detetive Carson chega.

— Então você não vai correr. — Todd parece desapontado... e intrigado. — Acho que você só quer o que conhece, não, Wicket? Tendo um bosta de um perdedor como pai, não consigo conceber que essa seja a primeira vez que você é caçada.

Não, não é. E você pode até pensar que isso tornaria as coisas mais fáceis, mas não. Estou tentando não resfolegar tanto. Estou tentando ficar *quieta*, mas não consigo respirar o suficiente.

Ele está a poucos metros de mim agora, bem na porta, e não consigo vê-lo de jeito nenhum. Depois de Todd ver que meu quarto está escuro, ele também apaga as luzes do corredor. Agora ambos estamos cegos.

Até que um reluzir fraco atravessa o chão vindo dos faróis de Carson.

Droga! O detetive sai com o carro. Ele está indo embora? Por um segundo, penso em me atirar contra a janela, quebrar os vidros e gritar por socorro.

Faço isso?

— Vejo que seu herói chegou.

Seguro um pouco a respiração descontrolada. Ele está mais próximo do que eu pensava, bem do outro lado da parede.

— Nem pense em gritar por ele — Todd diz. — Estarei em cima de você antes mesmo que ele escute um “ai”.

Ouçõ um rangido nas tábuas do chão, e o sangue lateja em meus ouvidos. Apoio as costas na parede e ergo o abajur mais alto.

— Você sabe que ele suspeita de mim faz um tempo — Todd prossegue, e na escuridão vejo seus dedos no batente da porta. — É por isso que ele fica inventando desculpas para vir, por isso que ele fica circulando nas imediações da casa.

Fico quieta e a postos, muito embora tudo em mim esteja gritando para começar a fazer o taco balançar. *Cuidado, você não quer quebrar a mão dele, você quer destruir a cara dele. Você quer que ele caia e não levante mais.*

— No início. — Todd dá mais um passo, deixando todo o resto do corpo ao meu alcance. Ele solta ar pela boca, e sinto o cheiro do chiclete de menta que ele mastiga. — Pensava... esperava que ele estivesse atrás de você e do imprestável do seu pai. Mas então percebi que ele estava atrás de mim e o jogo está em aberto, mas ele nunca vai me pegar. Você sabe por quê, Wicket?

Ele está tentando me fazer falar, para ter uma ideia de onde estou. Prendo a respiração.

Todd bufa, desapontado que eu não tenha mordido a isca.

— Ele não vai me pegar porque depois de eu acabar com você não restará mais nada e eu terei partido.

Mais um passo, e ataco. A base do abajur acerta o nariz dele, e escuto o som terrível de algo que se quebra. Todd grita e ataca. Esquivo-me, mas não sou tão rápida, e suas mãos alcançam meu cabelo.

— Sua piranha! — ele diz entre dentes, enquanto me arrasta para si. O canto da base do abajur deixou um rasgo no seu rosto, expondo uma fileira de dentes. — Você vai sofrer muito por isso!

Chuto, acerto seu joelho, depois a canela. Ele dá uma respirada funda, e registro apenas um batimento cardíaco antes de Todd acertar um soco em minha cara.

Um.

Dois.

Estrelas explodem atrás dos meus olhos, e o calor toma conta de meu rosto. Sangue. Mas sem dor. Não ainda. Ela virá depois. Um calor pegajoso inunda meu rosto, e o choque me faz titubear.

É tudo de que ele precisa.

Todd me chuta e me empurra para o chão. Caio de costas, rolando antes. A surpresa se foi e o instinto faz sua parte. Não posso ser pega. *Preciso* não ser pega. Ele é pesado demais. Se ele ficar em cima de mim, estou acabada.

Todd cai diante de mim, uma das mãos erguidas. Alguma coisa metálica reluz.

Uma faca!

Todd a faz mergulhar no ar, mirando meu peito, mas acertando meu braço. A dor atravessa meu corpo, descendo com toda a força até meus dedos.

— Quando eu acabar com você, eles nem sequer encontrarão seus pedaços!

Minha mão ainda boa tateia e varre o chão, encontrando o pé de uma bota. Eu a agarro e a acerto no nariz quebrado de Todd. Mais sangue jorra. Ele me acerta um tapa com o dorso da mão, e o golpe é tão forte que vou parar longe, fora do seu alcance. Rastejo pelas tábuas do piso, bato no aparador, e Todd rasteja para ficar de pé, pronto para vir atrás de mim.

Mas ele não é tão rápido.

Estou de pé agora, e vou em direção ao corredor, na escuridão. Todd agarra a barra de minha camiseta. Ela se rasga, mas não caio. Ele está certo. Sei

tudo sobre ser perseguida. Meu pai me deu um bocado de prática, e Todd não pode me pegar agora.

Salto os degraus de dois em dois até chegar à plataforma do meio, e minhas meias me fazem escorregar. Vou parar na parede, caindo com todo o peso sobre os joelhos. A dor no braço arranca lágrimas dos meus olhos.

— Peguei você!

Olho para cima e o vejo descendo rapidamente as escadas atrás de mim. Grito antes dos meus pés iniciarem uma última corrida para lugar nenhum.

Arremeto contra seu estômago, empurrando-o até que ele caia diante de mim. Todd escorrega, acerta os degraus com força para quebrar a madeira. Alguma coisa se arrebenta, e ele mergulha. Não percebo que ainda estou gritando até que ele chega ao fim da escadaria.

Todd está no chão e não se move.

Que merda, eu o matei.

48.

Se eu fizer isso, o que acontecerá comigo depois?

PÁGINA 82 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Carson. Preciso achar Carson. E como se eu tivesse dito essas palavras em voz alta, escuto o detetive gritar meu nome.

— Wicket! — Alguma coisa bate na porta dos fundos. — Wicket!

Meus pés não se movem. Não consigo tirar os olhos de Todd.

Mas ele não se mexe. Desço vagarosamente a escada, saltando *por cima do* seu peito, e fujo.

Como na primeira noite, Carson está do outro lado da porta. Desta vez, a manopla do revólver está à mostra, pronta para quebrar o vidro. Quando ele me vê, suas mãos caem e seu rosto se vira para o outro lado para falar alguma coisa ao rádio fixado em seu ombro.

Meus dedos estão cheios de sangue. Não funcionam direito, então levo um ou dois segundos com as fechaduras. Se tivesse tentado escapar dessa forma, Todd certamente me pegaria.

A tranca se abre, e não tenho tempo de alcançar o trinco antes de Carson abrir caminho para dentro da cozinha. Ele olha para mim e mais uma vez fala ao rádio.

— Preciso de uma ambulância. *Agora!* — Carson tenta me envolver em seu braço. — Ele pegou você também? Wicket, o que está acontecendo?

Ele me pegou também? Não entendo. *Todd me pegou como pegou Tessa?*

Carson me dá um leve chacoalhão.

— O que aconteceu?

O detetive me arrasta pelos degraus da porta da cozinha, enviando mais ordens pelo rádio.

— Wicket, preciso que você venha comigo. Preciso que você me diga o que aconteceu.

— Ele me atacou. — Minha voz soa muito aguda. Limpo a garganta, mas ela continua a mesma. — Eu lutei com ele.

Carson pergunta duramente:

— Ele está *aqui*?

Respondo que sim.

— Na *casa*?

Confirmo mais uma vez. Algo do terror de Carson está me invadindo. Os pelos dos meus braços estão eriçados e eu sei, sem sombra de dúvida, que há algo de muito errado por aqui.

O detetive puxa mais uma vez a arma, tenta me trazer para trás de si. Não permito.

— Ele disse alguma coisa sobre o que fez com Lily?

Lily!

— Do que você está falando? — Carson começa a ir para trás, e me agarro com as duas mãos à sua camisa. — Lily está com Bren. Elas estão indo pra São Francisco. Ela está bem.

Os olhos de Carson se fecham.

— Wicket, elas nunca tomaram o avião. Ele as pegou em Atlanta. Bren ficou amarrada por quase 24 horas no hotel, e nós não conseguimos encontrar Lily.

Carson tenta se soltar das minhas mãos.

— Preciso entrar, Wicket, e quero que você fique aqui.

Ficar *aqui*? Como ficar aqui? Encaro Carson, mas meu cérebro está todo ocupado por Todd. Vou matá-lo de novo. Vou fazê-lo em pedaços. Minha irmã! *Lily!*

Empurro o peito de Carson com tanta força que ele quase cai.

— Wicket!

— Ele está aqui! — Corro pela casa. Carson tenta me deter, mas consigo me desvencilhar. Ele realmente acha que pode me pegar depois do que acabo

de passar?

— Por aqui! — Atravessamos a cozinha, chegamos ao corredor. — Ele...
Sumiu. Todd *se foi*.

Vinte minutos depois, há mais de trinta policiais no gramado da frente de nossa casa, e *nenhum* deles me diz nada sobre Lily e o que aconteceu. Na verdade, as únicas pessoas que conversam comigo são os médicos da emergência, mas todos eles querem falar sobre como minha ida ao hospital é importante.

— Pode me soltar? — Falo para o grandão entre dentes. Então nós lutamos e ele me deixa sair, provavelmente porque não quer machucar meu braço ainda mais. O sangramento pesado do corte cessou, mas a bandagem que eles puseram já está cheia de sangue. O saco de gelo que estou segurando contra o machucado está fazendo muito pouco para controlar o fluxo. Precisarei de pontos e antibióticos, mas quero minha irmã primeiro.

Para onde Todd deve tê-la levado?

É difícil pensar com tudo que acontece ao nosso redor. O gramado da frente está uma loucura. Todo mundo corre de um lado para o outro. Esfrego a mão na testa e tento fazer meu cérebro funcionar. Todd não poderia ter ido tão longe. Ele está machucado e não teve tempo suficiente. Ele também está com Lily, e por estar com Lily ele precisa de algum lugar tranquilo, livre de possíveis intromissões... conveniente.

Carson está pensando que Todd poderia fugir, mas esse não é o modo como meu pai adotivo faz as coisas. Ele se escondeu aos olhos dos outros por anos. Ele sabe mais sobre se entocar que sobre escapar. O escritório da companhia fica em Atlanta. Deve estar deserto a esta hora. Há também sua casa do lago — mas essa é longe demais... há também a igreja.

— Detetive! — Desvio da cadeira de rodas e ignoro o pedido do médico da emergência. Carson está andando com pressa pelo gramado, e não quero

perdê-lo. É minha chance, e a de Lily. Não posso ferrar com tudo. — Detetive Carson!

— Agora não, Wicket. A sra. Callaway logo estará aqui.

— Mas...

— Agora *não!* — Ele mergulha num grupo fechado de policiais, deixando-me do lado de fora. Eles falam baixo entre si e então, como um bando de líderes de torcida, marcham para dentro da casa.

— Ele já deve estar na estrada, rapazes — Carson grita. — Quero os bloqueios de estrada para ontem. Quero a foto de Lily Tate em todos os canais de televisão. Ele deve estar com uma vantagem de vinte minutos em relação a nós. Se não corrermos atrás do tempo perdido, ele logo estará cruzando a fronteira do estado.

— A não ser que ele não tenha ido embora! — eu grito, e espero por Carson, ou por *qualquer um* deles, se virar. Ele tem *zero* ideia de onde Lily esteja.

Mas eu sei.

Furiosa, embrenho-me entre eles, pronta a lançar meu saco de gelo no meio do pátio. E é quando o vejo. O carro de Carson. Com as luzes ainda acesas e o motor funcionando.

Bingo.

— Não sem mim.

Griff chega tão silenciosamente por trás de mim que nem sequer o escuto até que sua respiração faz minha nuca derreter.

Talvez porque, no fundo, eu o estivesse esperando.

Eu me viro, olho para ele.

— Ah, é?

— Não sem mim — Griff repete. Não consigo ver claramente sua expressão, mas mais uma vez não preciso. Posso entender tudo que ele quer dizer pelo seu tom de voz.

— Já posso dizer o que te passa pela cabeça, Wicked, e você não vai fazer isso sem mim.

Normalmente eu teria algo a dizer sobre a postura de Griff. Ele é atrevido e irritante, e o modo como avança para mais perto faz com que minhas mãos se fechem em punhos.

— Não sem você — concordo.

Vamos para o carro. Ninguém percebe.

49.

Certos estão os contos de fada. Existem monstros, mas em nosso mundo os monstros não podem ser mortos.

PÁGINA 67 DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Que fique claro: dirigir o carro roubado de um policial na vida real não é como dirigir o carro roubado de um policial no Grand Theft Auto. Tudo bem que sou boa no Grand Theft. Na vida real, no entanto...

Faço uma conversão à direita muito fechada, e as rodas batem no meio-fio. O carro sobe, e os pneus cantam. Meio segundo depois, estamos de novo na pista, e Griff está praguejando.

Tudo bem, é um pouquinho parecido com Grand Theft Auto.

— Você está de brincadeira? — Griff pergunta, com uma das mãos fixas no painel.

Dou-lhe meu melhor “o que você pode fazer a respeito?”, embora tenha tido de travar os dentes para fazê-lo. Meu braço está latejando agora.

— Desligue as lanternas e encoste o carro — Griff pede, pondo a cabeça para fora para ver melhor a igreja na escuridão. — Se virmos Todd ou Lily ou qualquer coisa suspeita chamaremos a polícia. Você não vai entrar.

Ah, tá bom que eu não vou entrar. Nem me preocupo em discutir. Fico aliviada de ver o estacionamento no escuro e o painel lançar uma luz bem fraca dentro do carro, caso contrário Griff veria meu braço e meus ferimentos.

Ele também veria o sangue. Tenho certeza de que minha bandagem está completamente ensopada de sangue, e começo a me sentir um pouco zozna.

Seguimos até o espaço próximo à entrada lateral, e desligo o carro. Há umas poucas luzes acesas dentro do prédio, mas não sei precisar se são apenas luzes de segurança... até que alguma coisa se move lá dentro. Ele se afasta da

janela, seguindo para dentro do edifício. É apenas uma fagulha de movimento, uma fissura negra momentânea na luz amarela da janela, mas é o suficiente.

— É ele. Ele está aqui. — Eu sei que é Todd. Ele se arrastou ao se movimentar, está mancando. Eu o machuquei, e ele ainda está sentido os golpes. Ótimo.

Abro a porta do carro, e Griff agarra meu braço ferido. Quase desmaio.

— Que porra é essa? — Seus dedos examinam o curativo, e depois de observar as pontas dos dedos, Griff percebe que estão encharcados de sangue. — Que foi isso, Wick?

— Ele me machucou. — Apoio-me sobre a direção e me seguro para não vomitar. — E, se ele tentou me machucar, imagine o que ele está perto de fazer com Lily.

Eu me levanto com grande esforço, tentando decidir o que fazer. Todd sabe onde estamos agora. Não há mais a surpresa. Ele está no comando das ações. Como retomar a dianteira novamente?

Não retomamos.

— Estou chamando a polícia, Wick. — Quando Griff se levanta, seu celular está grudado a uma orelha. — Disse que não vamos entrar. Ele pode machucá-la ainda mais. Não posso deixar você correr esse risco.

Mas tampouco posso deixar que Lily corra. Preciso pensar. Como vou fazer isso? Meus olhos se voltam para o carro.

Enquanto Griff dá as coordenadas para a operadora da polícia, eu apalpo o banco de trás. Vazio... mas então as luzes do estacionamento incidem sobre o canto de alguma coisa.

Eu me abaixo. É o diário de Tessa.

O caderno deve ter deslizado bem para debaixo do banco. Não parece sequer que tenha sido tocado... talvez Carson nem tenha visto que estava lá. Parte de mim se aterroriza com a ideia. A outra e mais forte pensa... e tudo se encaixa. Sempre foi de minha responsabilidade salvar Lily. É o que vou fazer. E é o que vou fazer por todas as mulheres que me contrataram.

Ponho o diário no painel do carro e vou à parte de trás. Dentro do porta-malas, Carson tem capa de chuva, coletes e cones de rua. Nada muito útil. Exceto pelos sinalizadores.

Esses, *sim*, podemos usar.

Recolho tudo e levo a Griff.

— A polícia está muito longe? — pergunto.

— Quinze minutos.

— Não temos muito tempo. Pegue isto aqui. — Jogo os sinalizadores nos braços de Griff.

— O que vamos fazer com isso?

— Acertar nossas contas com Todd. — Aponto para um dos extremos do prédio da igreja, onde uma escadaria não muito profunda desce abaixo do nível do estacionamento. — Deve haver uma caixa de força ali. Nos prédios comerciais ela geralmente fica do lado de fora.

— O quê?

— Foi Joe quem me ensinou isso. Primeiro passo para um roubo bem-sucedido a lojas de conveniência.

— Você vai cortar a força?

— Exatamente. — Caminho decidida pelo estacionamento e desço velozmente as escadas, com cada passo acendendo a dor no meu braço. Vale o esforço. Uma caixa de força está instalada atrás de uns enfeites. Abro a pequena porta de metal e bato o olho em minhas opções.

Maravilha. Tenho acesso a tudo. Então começo a puxar as chaves. Corto todas as luzes do prédio, e ele mergulha na escuridão.

Atrás de mim, um tênis roça o asfalto. É Griff, e devo dizer a ele que não precisa vir, que não precisa fazer isso, mas a dúvida se desfaz quando me viro. As luzes do estacionamento estão atrás dele, fazendo com que seu rosto desapareça na sombra. Não vejo sua expressão, mas consigo ver que ele traz os sinalizadores... e parece que não está indo a lugar algum sem mim.

— Você está pronta? — ele pergunta.

De algum lugar acima de nós, escutamos um grito solitário.

Lily.

Tenho tudo de que preciso. Subo as escadas com mais coragem do que tive quando Todd me atacou. Caminho em direção à escuridão e sinto como se nosso pai tivesse a vida inteira me preparado para um momento como esse.

Droga. Elas estão trancadas. Todas as portas estão trancadas. Enquanto Griff se lança contra a porta de trás, vou à direita e me posiciono entre os arbustos e a parede até que minha mão esquerda encontra o recuo de uma janela.

— Quero ajuda com isso. — Precisamos da força dos dois, mas conseguimos abrir a janela de correr. Enfio os dedos no trilho e tento subir. — Pode me levantar?

— Não!

— Que policial passará por aqui?

— Carson conseguiria.

— Carson não está aqui.

Griff bufa.

— Cacete — ele resmunga, e me ergue. Eu me agarro ao parapeito da janela com ambas as mãos e entro. Segundos depois, Griff desce ao meu lado e se dirige para a entrada da igreja.

Agarro seu braço.

— Lily primeiro.

Descemos na cozinha, e de repente penso ter batido num caldeirão. Facas, panelas pesadas? Deve haver *algo*.

Mas não temos sorte.

Com as mãos tremendo, vasculho todas as portas dos armários e não consigo nada, absolutamente nada. As facas estão trancadas. Não há panelas, apenas um micro-ondas e uma câmara frigorífica desativada. As únicas coisas que restam nos armários são copos e pratos de papel.

Bom, isso não ajuda. De raiva, começo a bater a porta de um armário e de repente me dou conta do que estou fazendo. A igreja inteira está estranhamente silenciosa. Sem o som contínuo de ventiladores e ar-condicionado, tudo se manifesta no som ambiente. Minha respiração parece mais a de um dragão na escuridão.

Tiro meus tênis novos. Outra lição do papai: mesmo um gemido pode denunciá-la, e não quero me arriscar.

Felizmente, há um pouco de luz entrando pelas janelas, cortesia dos postes do estacionamento. Não é muito, mas o suficiente para que Griff veja o que acabo de fazer. Ele hesita, então se curva para fazer o mesmo. Deixamos os tênis a um canto e paramos à porta da cozinha, avaliando a situação como nadadores antes do mergulho.

— Respire sem fazer muito barulho — sussurro, e tenho a impressão de que estou dizendo a Griff tudo que ele precisa saber para permanecer seguro, embora ache, no fundo, que estou tentando prevenir também a mim mesma. — E caminhe com cuidado. Até que seus olhos se acostumem à escuridão, você vai ter que fazer isso como um cego.

Olho para Griff, esperando encontrar sua silhueta, mas ele olha para mim.

— Vou na frente, Wicked. Fique atrás de mim.

— Eu... tudo bem, ótimo. — Estou tremendo demais. Muito mais que antes. Não sei se são os nervos ou a perda de sangue; de uma forma ou de outra, não tenho condições para seguir à frente.

Griff cobre minha mão com a dele.

— E, assim que pegarmos a Lily, corra.

Aceito e aperto sua mão com força.

— Correr não vai ser um problema.

— Ótimo — diz Griff, conduzindo-me pela escuridão.

Havia me esquecido de como o tempo se estende quando estamos em pânico. Segundos parecem minutos. Minutos parecem horas. Seu instinto de

fuga lhe diz que você está escondida já há algum tempo e que precisa correr, mas correr é a forma mais rápida de ser pega. Você precisa ter calma. Tento pensar dessa forma, quando tudo que quero fazer é gritar.

Griff e eu nos separamos, atravessando o piso térreo rápida e silenciosamente. Não há sinal de Todd e Lily em lugar algum. Nenhum nariz fungando da direção dos bancos, nenhum gemido contido em algum canto. Isso só nos deixa uma alternativa: os escritórios do segundo andar.

Griff não concorda.

— Ele é esperto demais para subir — ele sussurra. A porta que leva aos andares superiores está ao alcance das nossas mãos, mas Griff me puxa para si. — Só há um lance de escadas, uma saída. Ele jamais se deixaria pegar dessa forma.

— A não ser que ele não esteja pensando em escapar. — Dou um passo à frente, resistindo a Griff. — Tenha em mente que Lily e Todd talvez não saiam de lá com vida. Ele não tem nada a perder, Griff. Todo mundo já sabe.

A mão de Griff perde a força, e consigo avançar, iniciando minha subida com sua presença logo atrás de mim. Saímos num pequeno espaço onde o coral se senta, e espero enquanto Griff me contorna silenciosamente e assume a dianteira. Por um instante, parece o fim da linha.

Até que vemos a passarela atravessando a sala da congregação do primeiro andar. Com corrimãos de um lado e de outro, ela leva ao espaço aberto logo abaixo e segue por uma porta simples que tem um leve halo de luz ao redor.

Lanternas. Eles estão lá, dentro do escritório.

Meu alívio surge como um soluçar, e quero gritar de alegria.

Até que escuto Lily. Implorando.

Num tom de voz abafado, em pânico, pedindo piedade. Sinto as palavras mais do que posso escutá-las, e ao meu lado Griff se enrijece.

Oh, Deus, Lily!

Se Todd a matar agora, não fará a menor diferença para a polícia. Mas o que eu vou fazer? Somos dois, mas Todd pode ainda estar com a faca, e tem uma refém. Minha irmã.

— Os sinalizadores — sussurro, tomando-os de Griff. — Lance-os aos cantos.

Não consigo ver o rosto de Griff, mas posso escutá-lo prender e segurar o ar. Ele está confuso, e não consigo falar mais alto para lhe explicar.

— Os sinalizadores — eu repito.

Então, subitamente, há um estalo e algo desliza. Mais um estalo, e alguma coisa passa entre nós assim que Griff acende o primeiro bastão. A luz explode e nos ilumina. Parecemos estar em chamas.

Até que Griff o lança.

O sinalizador produz um arco preguiçoso sobre os assentos da congregação, atravessando o ar para cair atrás do púlpito junto a umas cortinas. Griff lança um segundo, mas dessa vez usa muita força e atinge um vitral. Fagulhas explodem, e à nossa frente a porta se abre abruptamente.

Um homem aparece. De certa forma, ele está mais escuro que a escuridão e, quando se aproxima, parece se mover como um réptil. Até que seus passos pesados surgem na claridade.

Todd. Já estou colada à parede, mas tento ficar ainda mais. O simples fato de vê-lo me faz querer rastejar para fora da minha pele e começar a gritar para nunca mais parar.

Todd arremete à frente sem sequer nos notar, sua lanterna lançando luz aleatoriamente pelo fosso da escadaria. Assim que o escudo chegar ao piso térreo, entro pela porta do escritório.

No interior, há um pouco de luz vindo pela janela que dá para o estacionamento. Não é muita, mas ela chega a umas poucas superfícies. A mesa... as prateleiras... as caixas de papelão...

Minha irmã!

— Wick!

— Lily!

Griff e eu corremos até ela, as mãos projetadas para a frente, prontas para pegá-la. Meus dedos tocam em algo apertado e duro.

Corda. Ele a amarrou. Tento puxar com os dedos as partes do nó que prende os punhos de Lily, tentando soltá-lo. *Tenho de libertá-la antes que ele volte.*

— Wick — Lily sussurra entre lágrimas. — Sinto muito por tudo isto. Não sabia. Nem imaginei que...

— Shhh, está tudo bem.

— Não está tudo bem! Nunca estará tudo bem. Pensei... pensei... — Lily dá uma engolida, as lágrimas pingam sobre os meus punhos enquanto desfaço mais um nó. — Acreditei nele.

Uso ambas as mãos para segurar o rosto da minha irmã e pela primeira vez estou grata à escuridão, pois posso sentir meu sangue sujar seu rosto, misturado a suas lágrimas.

— Você estava certa de acreditar nele, Lily. Nem todo mundo é um monstro. Talvez, se eu gastasse menos tempo suspeitando de tudo e de todos, fosse capaz de ver o mal verdadeiro quando está bem na minha frente.

Lily fica quieta e suas lágrimas cessam. Continuo trabalhando nas cordas.

— Mas nada disso importa, Lil, porque estamos quase escapando.

Mas não é esse o caso, e nós sabemos disso. As cordas não cedem. Depois do primeiro nó, nada mais se solta. Meus dedos escapam a cada tentativa, ficam fracos. Aliás, *boa parte* de mim se enfraquece: a perda de sangue está me fazendo desligar. Não vou conseguir salvá-la, e tenho de salvá-la.

— Pegue-a. — Empurro Lily em direção a Griff, passo seu braço livre ao redor dos ombros dele. — Ela não consegue correr. Você terá que carregá-la, eu não posso. Não sou forte o suficiente.

Griff reclama:

— Não sem você.

— Sem ela, eu não existo.

À luz mortiça, observo em Griff o semblante de dor.

— Você não pode me pedir isso, Wick — ele sussurra. — Você não pode me pedir que te deixe.

— Não estou pedindo. — Um grito medonho de fúria irrompe do piso inferior. *Todd. Ele sabe. Ele está voltando.*

E só há uma saída daqui.

Eu tremo.

— Não estou te pedindo que me deixe, Griff. Estou te pedindo que salve minha irmã. — Não podemos apenas sair. Ele nos pegará nas escadas.

Griff olha para mim, e mesmo que eu não viva para vê-lo nunca mais, mesmo que Todd me parta em pedaços até que nada mais reste, terei diante dos meus olhos aquele momento: Griff não hesitou. Ele trouxe Lily para perto de si e disse:

— O que você quer que eu faça?

— Esconda-se no espaço do coral. Vou atrair Todd para longe. — Eu me ergo. — Depois de sair, tire Lily daqui.

50.

Quem imaginou um dia que acabaria assim?

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO DIÁRIO DE TESSA WAYE

Espero por Todd no escuro e, quando ele chega à porta e a lanterna ilumina seu rosto, levanto o queixo e prometo a mim mesma que farei o que puder para que Todd não machuque ninguém nunca mais.

— Você.

— Eu — concordo.

Todd irrompe para dentro sem atentar ao interior, sem levantar os pés o suficiente para saltar as caixas que espalhei à frente da porta. Ele as acerta em cheio, caindo de joelhos, as mãos espalmadas tentando amortecer a queda.

E eu o ataco na têmepra com um peso de papel do tamanho de uma laranja.

Ele cai no chão, contorcendo-se de dor, dando-me os segundos de que preciso para fugir. Salto-o, meus pés agitando-se no ar antes mesmo de chegarem ao carpete — e, chegando, fujo. Corro rápido, mais rápido que nunca. Atravesso a passarela, passando por onde Griff e Lily estão escondidos enquanto Todd grita em fúria.

E sai atrás de mim.

Não consigo ver as escadas, mas encontro um ritmo.

Desço, desabalada, a escada até chegar ao piso — e escorrego. Caio com minha mão boa na parede. Eu me levanto e recomeço a corrida.

Mas a correria louca e a queda me deixam tonta. Meu cérebro fica como que virado do avesso e quase perco a virada. Viro à esquerda, numa curva fechada demais, e invado um corredor onde se enfileiram as salas das aulas de catecismo de um lado e de outro.

Griff e eu havíamos descoberto esse corredor durante nossa primeira busca pelo primeiro andar. As salas se abrem para o corredor, mas elas dispõem de portas internas que comunicam uma sala a outra. Corto por dentro da primeira sala e, graças à luz da lua que vem das janelas, atravesso direto à terceira sala por essas portas internas.

— Vagabunda! — Todd vocifera. Ele está bem mais próximo agora. Pelo som de sua voz, está perto da terceira entrada, a que peguei para entrar no corredor. Isso é bom. É onde quero que esteja.

Agora só preciso atraí-lo para mais perto.

— Sei que você acha que venceu, mas a polícia ainda não chegou. — A julgar pela voz de Todd, ele está vindo pelo corredor principal, então tento me esconder atrás da porta interna. Ele procurará em cada sala, e com essa lua ele certamente me encontrará. — Eles ainda têm de salvá-la, e você realmente acha que vou deixá-los fazer isso? Você realmente acha que restará alguma coisa a ser salva?

Não se você me pegar. Com a mão trêmula, saco o celular de Griff, que ele havia me dado antes de levar Lily, ligo o gravador de voz do iPhone e digo:

— Então venha me pegar, Todd. Você quer uma caçada... eu lhe darei uma.

A mão de Todd serpenteia pelo batente da porta e eu corro, usando as portas internas para chegar ao corredor. Mas Todd é um pouco mais rápido e já está em meu encalço. Seus dedos tocam as pontas de meu cabelo, fecham-se entre eles, e eu grito em pânico. Estico os braços, agarro-me à porta mais próxima e, assim que consigo atravessá-la à esquerda, bato-a atrás de mim.

A porta acerta o antebraço de Todd bem na junta. Agora ele está gritando, e eu fujo. Atravesso o corredor, observando a menor nuance das luzes azuis através das janelas.

Eles estão quase aqui. Corro para a cozinha, esticando os braços para o lado para ganhar algum equilíbrio assim que minhas meias tocam o linóleo. *Por favor, que Griff tenha destravado todas as portas.*

Por alguma razão, está mais escuro na cozinha do que eu consigo recordar. Tateio meu caminho mais uma vez, e não posso me permitir ir mais devagar. Consigo escutar os passos de Todd se aproximando.

Preciso usar as duas mãos, mas consigo abrir a câmara, prendo a porta para trás e ponho para tocar o gravador do iPhone antes de lançar o celular através do chão da câmara frigorífica. Ele desliza para baixo de alguma prateleira e acerta a parede de trás quando Todd adentra a cozinha. Vou ao chão e me arrasto para trás até encostar nos armários. Não consigo ver nada agora. Mas posso escutá-lo. As solas dos seus sapatos parecem dentes, em contato com o chão.

Isso não vai funcionar. Ele não vai cair nessa. Eu me encolho, rezando para que Todd siga em frente, caso contrário ele vai tropeçar em mim. Ele continua em movimento... e para.

Bem na minha frente.

Posso sentir o cheiro dele. Sangue e menta.

Ele vai me pegar. Estou perdida!

— Então venha me pegar. — O iPhone finalmente vem à vida, repetindo minhas palavras. Todd para. Ainda não consigo vê-lo, mas posso senti-lo tateando no escuro, procurando.

Por favor ande. Por favor morda a isca. Se o celular continuar repetindo a mensagem, ele saberá que é uma gravação. Escuto as sirenes chegando mais perto, mas elas não estarão perto o suficiente caso ele me encontre aqui no chão. Estarei morta antes mesmo que a polícia chegue ao estacionamento.

Por favor. Por favor. Por favor.

Todd dá um passo... então outro. Ele fica bem na frente da porta do freezer em desuso, e eu ponho os pés no chão. Ele hesita, passa o batente, e eu fico de pé. Conto três passos de Todd antes de ir à porta. Ainda conto outros dois antes de agarrar o fecho.

— Então venha me pegar, Todd. Se você quer uma caçada... eu lhe darei uma. — Escuto seus sapatos rasparem o chão antes de se curvar.

Ele encontrou! Bato os ombros na porta para que ela feche, e Todd grita. Escuto uma movimentação estranha. *Ele está vindo. Tranque-o.*

Mas meus dedos estão moles como salsichas. Não consigo enxergar bem o suficiente para levar o fecho à tranca. Escorrego, e Todd acerta a porta, que bate em mim em cheio. O metal abalroa meu ombro, e minha visão embaça.

Meu braço. Não consigo mais detê-lo. A dor está fazendo meus joelhos cederem, levando-me ao chão. *Tenho de conseguir trancar a porta. Tenho.*

Todd vai para trás para mais um impulso e...

A porta se fecha! Ele acerta a porta de metal com força, mas ela não se move. Eu o peguei.

E, assim que isso acontece, minhas pernas desabam. Vou ao chão e encosto a cabeça nos joelhos enquanto as sirenes ressoam em volume máximo e dois policiais arrombam a porta da cozinha.

Nos filmes de terror, assim que o cara mau morre você sempre é convidado a ver outra coisa. Você não vê a mocinha coberta de sangue deixar os policiais invadirem a igreja. Não foi meu caso. Você também não a vê vomitar no ralo da pia. O que também fiz.

E você não está ali para ver o momento em que a mocinha percebe que nada mais na vida dela será igual. Que sua vida será dividida para sempre entre um Antes e um Depois. O monstro se foi, mas de muitas outras formas ele estará sempre vivo.

Porque ela está viva e lembrará.

Nunca ficarei livre disto. Eu me curvo na grama, levo a mão à terra e a pressiono até que meus dedos fiquem enterrados.

Então escuto meu nome. Procuo e vejo Griff correndo na minha direção. Griff, que salvou minha irmã. Que me salvou. Ele está gritando meu nome e, penso eu, algo mais, mas suas palavras não chegam aos meus ouvidos. Meus ouvidos estão apitando. Em algum momento devo ter batido a cabeça. Mas sei disso: Griff está voltando por minha causa.

Pisco para ele. Lily e Bren vêm logo atrás. Os cabelos da minha irmã são um facho de luz enquanto ela corre na minha direção. E, de certa forma, é isso que me leva ao chão de vez.

Caio com o rosto na grama, agarrando punhados de terra para tentar me segurar até que Lily se ajoelha. Ela me puxa pelos ombros. Todos gritam e tentam me segurar, mas Lily não me solta. Não sei como, ficamos de pé, e eu caminho em direção a Bren com minha irmã me carregando.

O que aconteceu depois

Pois o que basta, basta.

CITAÇÃO DO BLOG DE WICKET TATE, KARMAPORRADA

Bem, então parece que chegamos àquela parte em que falo sobre como viajei rumo ao pôr do sol, ou coisa que o valha. Exceto pelo fato de não haver pôr do sol nem viagens — a não ser que você conte as viagens na motocicleta de Griff. Não vou perder meu tempo trocando nomes para proteger gente inocente. Eles provavelmente ficariam loucos se o fizesse.

Lily começou a treinar entre as líderes de torcida. Sim, isso mesmo. Você leu direito. *Líderes de torcida*. Perguntei-lhe se ela estava doente. Ela me perguntou se eu era uma idiota. Nós quase nos matamos de rir.

Então assisti Lily praticar suas danças de rotinas, e entendi. Ela adora música e movimento. Eu nunca teria notado, e talvez não tenha entendido realmente, mas estou feliz. Ela está experimentando coisas que nunca teria ousado tentar antes.

Acho que todos nós estamos.

Meu pai não volta mais. Nunca mais. A polícia o pegou com tantas evidências que ele acabou tendo de confessar os crimes — o que também não lhe fez muito bem. Ele tem ainda quase cinquenta anos de vida atrás das grades. Isso me faz parecer vingativa, mas estou feliz. E aliviada.

Todd confessou também. Descobriu-se que ele trazia consigo aqueles desejos desde sempre, mas não havia sido antes de seis ou sete anos atrás que eles haviam se tornado insuportáveis.

Ele usara Bren para tentar se desfazer daquilo, casando-se com ela pois ela era bem-sucedida e não podia ter filhos. Pensou que seria perfeito... até que Bren quis ter filhos. Eles se mudaram para uma comunidade familiar, ficaram

envolvidos com a igreja. De repente ele estava cercado de tudo o que sempre quis evitar. E não conseguia se afastar. E, então, lentamente, ele não quis mais se afastar por causa de Tessa.

Deus, pobre Tessa. Não acho que ele a quisesse porque era bonita, mas porque era perdida. Isso o atraiu, ou pelo menos foi isso que a dra. Norcut disse. Ela acha que, no terrível momento em que Tessa teve a coragem de dizer não, Todd descobriu quem ele verdadeiramente era. Descobriu que gostava de infligir dor, e o homem que ele tinha medo de se tornar era exatamente o que ele queria ser.

Acho que nós todos descobrimos quem ele queria ser. Bren está se livrando do divórcio e expandindo seu negócio. Nossos papéis de adoção saíram no último mês, e estamos pensando em nos mudar. Acontece que o pessoal da cidade não entende como você não sabe que seu marido é um psicopata. A comunidade tem sido bem cruel com ela — bem, todos, exceto a sra. Waye.

Encontramos com ela por acaso no escritório do advogado e, em vez de gritar ou desaparecer, ela apenas tocou o ombro de Bren e disse a ela como estava triste, como se sentia mal. Pensei que pareceu um pouco como dr. Phil, mas ela está certa. A garota que a sra. Waye amou não está mais lá. O homem que Bren amou nunca existiu.

Não sei. Talvez Tally tenha pedido à sra. Waye que fosse gentil. Acho que nunca vou saber, mas isso significou muito para Bren, e portanto estou feliz.

Todos na cidade estão culpando-a. Eles acham que Bren sabia e fechou os olhos para a coisa. Mas as escolhas de uma pessoa — do seu pai, do seu marido, da sua irmã — não definem você. Você define a si mesma. Sei que Bren ainda se sente culpada. Acha que não deveríamos ter sabido. Às vezes, tarde da noite, vejo que ela ainda está acordada, continua remoendo pequenos detalhes da sua vida de casada, procurando pistas.

— Vai ficar tudo bem — ela me diz. — Vai ficar.

Bren repete a frase como se quisesse me convencer, mas na verdade ela quer convencer a si própria. Geralmente esse tipo de positividade maníaca me deixa nervosa, mas ela parece tão perdida que fico ao lado dela. Nós nos

sentamos no chão frio da cozinha com sua mão envolvendo a minha e lhe digo que é claro que tudo vai ficar bem.

A mentira é tão sutil que deve ter algum fundo de verdade. E o que mais? Lógico, soubemos que o sr. Wayne ia à nossa casa porque suspeitava de Todd. Na noite em que desci para confrontá-lo, ele pensou que tivesse visto o carro de Carson se aproximar, entrou em pânico pois sabia como a presença dele ali parecia estranha, e correu.

Ele disse que suspeitava de Todd porque ele havia tido “premonições de pai”. Odeio essa descrição. Isso faz com que ele pareça ser um bom homem. Mas talvez Wayne não seja tão ruim, pois, quando soube o que tinha acontecido, foi ao hospital ver como eu estava. Perdoá-lo não pareceu correto, e nenhum de nós sabia o que dizer, mas ele não foi embora.

Como Griff. Ele é a única pessoa que consegue me fazer sorrir só de pensar nela, e sei que fico com coraçõezinhos de desenho animado estúpidos nos olhos sempre que olho na sua direção. Chega a dar náusea... e ao mesmo tempo é maravilhoso. Tenho sorte. É como se tivesse conseguido meu próprio final feliz.

Ou teria, se Carson me deixasse em paz. O chefe de polícia lhe deu uma promoção — como se ele tivesse feito *alguma parte* do trabalho — e agora ele tem sua própria equipe. Entre sua suspeita e o que Todd deve ter lhe dito, Carson sabe que sou uma hacker, e disse que vai levar o resto da vida para prová-lo... a não ser que eu o ajude.

Até aqui tem sido tudo muito simples, mas agora Carson quer que eu investigue um novo alvo: um juiz local. Carson sabe que o cara é sujo, e tenho minhas próprias razões para concordar com ele, mas não quero me envolver. O assistente do juiz foi assassinado. Esfaqueado até a morte. Mas antes de o assassino abandonar o cadáver, ele talhou em sua pele:

lembre-se de mim